

**Arminda Nela Martins Lopes Fernandes**

*Ser mulher-mãe: a educação da saúde nas  
páginas da Eu Sei Tudo nas primeiras  
décadas do século XX  
(1918-1932)*

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais**

**2009**

**Arminda Nela Martins Lopes Fernandes**

**SER MULHER-MÃE: A EDUCAÇÃO DA SAÚDE NAS  
PÁGINAS DA *EU SEI TUDO* NAS PRIMEIRAS DÉCADAS  
DO SÉCULO XX  
(1918-1932)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira.**

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais**

**2009**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Faculdade de Educação**

**Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social**

**Dissertação intitulada SER MULHER-MÃE: A EDUCAÇÃO DA SAÚDE NAS PÁGINAS DA *EU SEI TUDO* NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX (1918-1932), de autoria da mestranda ARMINDA NELA MARTINS LOPES FERNANDES, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:**

---

Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira (FaE/UFMG) – Orientador

---

Profa. Dra. Rita de Cássia Marques (Escola de Enfermagem/UFMG) – Co-Orientadora

---

Profa. Dra. Maria Cristina Soares de Gouvêa (FaE/UFMG)

---

Profa. Dra. Graciela de Souza Oliver

Belo Horizonte, 06 de julho 2009.

*Para Haniell César, que me ajudou a descobrir  
a dor e a doçura de ser mãe.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço

A Deus, acima de tudo, por ter me dado a Sua graça, na realização dessa pesquisa.

Aos Professores Bernardo Jefferson de Oliveira e Rita de Cássia Marques, pelas orientações, e paciência em me acompanhar nessa trajetória acadêmica. Obrigada pelos incentivos.

Aos professores Maria Cristina Soares de Gouvêa, Thaís Nivia de Lima e Fonseca, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, Andréa Moreno, que me acompanharam desde a graduação e me incentivaram com sugestões bibliográficas.

Aos demais professores da Pós-Graduação em Educação com os quais cursei disciplinas, pelas observações e sugestões.

Aos colegas do GEPHE – Grupo de Estudo e Pesquisas em História da Educação que discutiram minhas idéias, sempre dispostos a contribuir com indicações bibliografias, nos encontro e nos seminários.

Ao Professor Marcelo Pereira e aos colegas do grupo Gênero, pelas leituras e discussões de textos e idéias.

Aos meus pais, pelo apoio em todas as áreas, principalmente pelas suas orações em meu favor.

Às amigas de todo o percurso do mestrado e principalmente da escrita, Catarina e Célia, pelas sugestões, correções, indicações e principalmente pelo vosso carinho.

A Aninha e Marli, caras amigas, pelos questionamentos, sugestões e troca de idéias.

Ao César pela compreensão, incentivo e apoio incondicional. Obrigada por ter sido o meu anjo de guarda nessa trajetória. Você merece esse título e essa vitória junto comigo.

Ao meu precioso Haniell por ter entendido as constantes ausências da mamãe. Filho, você é um herói!

Ao Programa de Pós-Graduação em educação e CNPq pela bolsa mestrado.

## RESUMO

No Brasil, tal como aconteceu na Europa, a virada do século XIX para o século XX pode ser caracterizada pelo fascínio pelas descobertas científicas. A ciência sendo considerada como a manifestação mais elevada da inteligência humana, apresentava a missão de informar a origem e o futuro dos homens e do universo, bem como era de sua responsabilidade ditar as regras de bom comportamento para toda a sociedade. Na afirmação do espaço urbano como espaço-síntese da modernidade nacional, houve um crescimento da circulação da língua escrita, com a ampliação do mercado editorial brasileiro e um aumento de títulos de livros, revistas e jornais, tais como almanaques, revistas, panfletos de campanhas endereçados à infância e o público feminino. Entre os impressos que circularam no Brasil, nesse período, a revista *Eu Sei Tudo*, editada no Rio de Janeiro, de 1917 a 1958, com periodicidade mensal e circulação em todo Brasil, contribuiu não somente com a difusão de novos hábitos e costumes, como também participou da formação de um imaginário social nas primeiras décadas do século XX. A medicina e os discursos médicos sobre a saúde eram apresentados, nesse impresso, como algo maravilhoso, progressivo, indispensável e benéfico à sociedade da época. Esta dissertação analisa a revista *Eu Sei Tudo* no período compreendido entre os anos de 1918 e 1932, focando na divulgação científica de noções sobre o papel da mãe moderna no cuidado com seus filhos. Ao indagar sobre como a revista divulgava certos conhecimentos e formava novos papéis sociais, procuramos contribuir para o entendimento das diversas dimensões do fazer pedagógico e das transformações das ações da família no campo educativo.

**Palavras-chave:** História da Educação - História da saúde - Divulgação Científica.

## ABSTRACT

In Brazil, as it happened in Europe, the turn of the 19<sup>th</sup> century to the 20<sup>th</sup> century can be characterized by the fascination of scientific discoveries. The science, considered the most elevated manifestation of the human intelligence, used to have the mission to tell the origin and the future of men and of the universe, as well as it used to have the responsibility to impose the rules for good behavior to all society. In the context of affirmation of urban place as a synthesis-place from the national modernity, there was an improvement of the written language's circulation, with the enlargement of the Brazilian publishing market and an increase of books', magazines' and newspapers' titles, such as: almanacs, magazines, campaigns' pamphlets addressed to the childhood and to the feminine public. One of the printed matter that circulated in Brazil, in this period, was the magazine '*Eu Sei Tudo*', published in Rio de Janeiro, from 1917 to 1958. This magazine, which was monthly published and circulated all over the country, has contributed not only with the dissemination of new habits and customs, but it also has participated on the formation of a social imaginary in the first decades of the 20<sup>th</sup> century. The medicine and the medical discourses about health were presented, in this magazine, as something wonderful, progressive, essential and beneficial to the society from that period. This research analyses the magazine '*Eu Sei Tudo*' in the period 1918 – 1932, focusing on the scientific divulgation about the role of modern mothers on the care of their children. When we investigate how the magazine published certain knowledge and how it constituted new social roles, we have the intention to contribute to an understanding of the several dimensions of the pedagogical action and of the transformations of the family's action in the educational field.

**Key-word:** History of Education – History of Health – Scientific Divulgation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I - A REVISTA <i>EU SEI TUDO</i> E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA .....	23
1. Descrição da revista .....	23
1.1. Público alvo da revista .....	24
1.2. Características da revista .....	26
2. Trajetória de uma pesquisa .....	29
3. Revistas de variedades: uma fonte histórica .....	31
4. A revista <i>Eu Sei Tudo</i> e a formação do imaginário científico .....	34
5. Conceituação .....	39
6. Conhecimentos científicos na revista .....	41
6.1. Saberes traduzidos de revistas estrangeiras .....	41
6.2. Saberes produzidos no Brasil e divulgados pela revista .....	45
CAPÍTULO II - A REVISTA <i>EU SEI TUDO</i> E O MUNDO FEMININO .....	52
1. Estudos sobre mulheres como sujeitos históricos .....	52
2. A educação da mulher no Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX .....	53
3. O mundo feminino de uma revista de variedades .....	56
3.1. Mulher alvo da revista .....	63
3.2. Ensinando a mulher a ser uma mulher moderna .....	66
3.3. O feminismo na revista .....	72
3.4. A educação da mulher na revista .....	76
CAPÍTULO III - O CUIDADO COM A SAÚDE DA MULHER E DA CRIANÇA ....	86
1. As múltiplas faces da mulher moderna: o culto da beleza .....	86
1.2. Beleza e saúde do corpo .....	90
2. Delineamento e formação de novas práticas culturais femininas .....	95
3. Maternidade: aliança entre mulheres e médicos .....	100
3.1. O cuidado com a saúde da criança .....	113



CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	123
FONTES .....	129
REFERÊNCIAS .....	129

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - Crianças tendo contato com a revista *Eu Sei Tudo*.
- FIGURA 2 - Capa da revista
- FIGURA 3 – Sumário da revista
- FIGURA 4 - As atitudes essenciais da mulher: a toilette
- FIGURA 5 - As atitudes essenciais da mulher: os cuidados de beleza
- FIGURA 6 - Costumes europeus. Moças modernas fumando após o banho
- FIGURA 7 - Mãe moderna
- FIGURA 8 - Mãe moderna
- FIGURA 9 - Mãe moderna
- FIGURA 10 - Manual de Boas Maneiras
- FIGURA 11 - Manual de medicina caseira
- FIGURA 12 - Propaganda do Tônico Fortificante VANADIOL
- FIGURA 13 - Propaganda de Farinha Láctea
- FIGURA 14 - Propaganda publicada a partir da década de 1930

## *Mãe*

*Mãe! Minha mãe! na augusta claridade  
Dos teus olhos tranquilos e radiosos  
Ri-se Deus; e, se Deus não rir, quem há de  
Rir, oh! Santa, por olhos tão piedosos?*

*Como as estrelas pela immensidade  
Desenrolam-se nelles os dons formosos  
D'essa alma; e, os vejo, mãe, com que saudade!  
Com que sabor de beijos lacrymosos!*

*Tu, que a vida me dando, mãe, me deste  
Parte da tua, e o teu amor, que enlaça  
Meu ser, como uma faixa azul celeste;*

*Sei que darias, com um sorriso doce  
Para salvar teu filho da desgraça,  
A própria vida, se preciso fosse...*

*Leoncio Corrêa.*

## Introdução

Toda a história tem um princípio, e aquela da qual tratamos nestas páginas não é diferente. Ela começou como uma mera curiosidade em relação ao tema da divulgação da ciência, que acabou se tornando a questão inicial de nossa pesquisa de mestrado. O primeiro contato com o tema surgiu no ano de 2003, quando eu cursava ainda a graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Minas Gerais e resolvi concorrer a uma bolsa de iniciação científica para participar de uma pesquisa que já estava em andamento.

Como bolsista, nos dois anos seguintes, passei a participar dessa pesquisa cujo objetivo era realizar uma análise comparativa das perspectivas de educação científica em enciclopédias direcionadas para crianças, como o *Tesouro da Juventude*. O trabalho foi se ampliando com a análise de revistas e outros produtos que se relacionavam com as enciclopédias e suas estratégias formativas. Assim, procurei fazer um levantamento de referências em revistas do período em que as enciclopédias estavam sendo anunciadas.

A revista *Eu Sei Tudo* era uma dessas referências que, além de anunciar o *Tesouro da Juventude*, aproximava-se da ênfase dada à ciência e do deslumbramento com as tecnologias modernas que as enciclopédias e alguns almanaques do período traziam em suas páginas. Ela se apresentava como uma revista de cunho científico, literário, artístico, histórico e teve ampla circulação por um longo período: de 1917 a 1958. Vimos que a revista não havia sido estudada mais detalhadamente e estava acessível: uma coleção quase completa encontrava-se disponível na hemeroteca pública da Prefeitura de Belo Horizonte. Desse modo, no decorrer do meu trabalho como bolsista de iniciação científica no GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação – e na minha monografia, desenvolvi um estudo inicial sobre a saúde da mulher e o cuidado da criança na revista *Eu Sei Tudo*. Nas duas pesquisas, buscamos analisar a maneira como a revista *Eu Sei Tudo* divulgava novos hábitos e costumes sempre pautados nas descobertas científicas.

Dando continuidade ao estudo, tomamos o ano de 1918 como marco inicial de nossa análise e a década de 1930 como marco final. Embora tivéssemos dados os quais

nos informavam que a 1ª edição de *Eu Sei Tudo* datava de 1917, só tivemos acesso ao material produzido a partir de 1918. Daí, a opção por iniciar a análise da revista a partir de 1918.

Nas duas primeiras décadas de sua publicação, *Eu Sei Tudo* firmou-se como importante impresso na formação de opiniões na sociedade brasileira, participando significativamente do processo de mobilização das energias e capacidades da mulher para o bem da sociedade. Entre as justificativas que consideramos para se adotar a década de 1930 como marco final de nossa pesquisa, está o fato de, nesse período, os anos compreendidos entre 1918 e 1932, ter ocorrido a maior configuração urbana do país. A classe média urbana foi uma das consumidoras da revista, por se interessar e ter acesso a esse tipo de suporte que fornecia aos leitores um maior número de informações em forma de ilustração e fotografias. É importante ressaltar também que o elevado preço de *Eu Sei Tudo*, sua assinatura anual era de 30\$000 dificultava o acesso das camadas populares a essa revista.

É nesse período também que acontecem profundas modificações na economia e na política do país, pois além da urbanização, cresceu o proletariado, surgiram leis trabalhistas, uma nova elite política se instalou no poder. Também se pode verificar, nesse momento, um movimento de institucionalização dos serviços sanitários e da educação sanitária, cuja finalidade foi a prevenção dos males que acometiam a sociedade, o que propiciou um novo rumo para a saúde pública no Brasil. As normas higiênicas, além de modificarem diferentes aspectos da vida das mulheres, voltaram-se também para o problema da educação feminina. Os médicos responsabilizaram a mulher como aquela que deveria cuidar da saúde de seu filho. Essa foi uma das facetas importantes da reorganização da sociedade do período. Tendo isso em vista, a revista *Eu Sei Tudo* divulgou artigos que permitem a apreensão dessa organização, ao mesmo tempo em que leva os leitores e leitoras a refletir sobre questões relacionadas ao lugar social da mulher, no período em que estavam, em efervescência, discussões sobre o voto feminino.

Convém fazer um esclarecimento inicial quanto ao uso do termo *fonte*. O termo é utilizado nesta dissertação em sentido *lato*. Em outras palavras, usando a palavra *fonte* aqui quero evidenciar que busco estudar alguns indícios do passado no presente. “O

termo ‘indícios’ refere-se a manuscritos, livros impressos, prédios, mobília, paisagem [...] bem como a muitos tipos diferentes de imagens: pinturas, estátuas, gravuras, fotografias”.<sup>1</sup>

No projeto de pesquisa, propunha-se, através da leitura estrutural de alguns artigos, textos, imagens e propagandas da revista *Eu Sei Tudo*, a apreensão dos discursos direcionados especificamente para a mulher e para a criança, como forma de intervenção direta nos hábitos e comportamentos da sociedade no período, tomando a ciência como modelo de autoridade nessa intervenção. Como já destaquei, fiz um levantamento quantitativo e um exame qualitativo do tema na revista. No período delimitado, selecionei em torno de 100 textos; entre eles, artigos, documentários, chamadas editoriais, charges, propagandas, relacionados especificamente com a saúde da mulher e da criança. Trata-se de uma quantidade bem menor (30%) em relação ao número de publicações referentes às inovações científicas e tecnológicas publicados pela revista. Colunas, tais como “Novidades em medicina” e “Economia doméstica”, foram destacadas nas análises, como estratégias de informação e formação utilizadas pela revista na comunicação com as leitoras, entre outras que tratavam de assuntos voltados para a mulher e sua saúde, como é o caso da coluna: “A arte de ser bela”. Nessas colunas, eram apresentadas as inovações científicas relacionadas aos cuidados com a saúde familiar, principalmente aquelas referentes à relação médico-mãe e ao cuidado com a infância.

Os registros de transformações pelas quais as principais cidades do Brasil passaram entre o final do século XIX e o início do XX colocam-nos, segundo Heloisa Rocha (2003), frente a situações de “metamorfoses” que, em espaços de tempo relativamente pequenos, vão perdendo as características provincianas para ganharem ares de metrópoles. Junto a essas mudanças, vão surgindo “os problemas que se colocam [e] ganham uma dimensão até então desconhecida. Cortiços, habitações coletivas, porões, enchentes, acúmulo de lixo, epidemias, greves e rebeliões, representados como signos da desordem, do caos urbano e de uma constante ameaça, exigirão novas estratégias de intervenção”.<sup>2</sup> Um conjunto de iniciativas voltadas para

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e Imagem*. São Paulo. EDUSC, 2004, p.16.

<sup>2</sup> ROCHA, Heloisa Helena P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp,

combater as mazelas dessas metrópoles foi sendo tomado pelos seus novos moradores. Novos agentes sociais foram surgindo em cena, entre os quais, merecem destaque, neste trabalho, os médicos, os higienistas, os sanitaristas, os responsáveis pela puericultura, os ginecologistas, os pediatras. Esses profissionais procuraram produzir um novo modo de vida, cuja legitimação contou com a desqualificação dos hábitos e costumes da maioria da população (ROCHA, 2003).

Entre as múltiplas estratégias desses atores na construção de novos modos de viver, de acordo com uma ordenação modernizadora, encontram-se iniciativas que visavam fazer da educação escolar um meio de higienização da população, bem como outras iniciativas informais de educação não escolar, como a distribuição de várias revistas, almanaques, panfletos para as pessoas. Essas iniciativas tinham como fim a educação e a modificação dos hábitos populares. Em seu estudo sobre a imagem social dos médicos de senhoras no início do século XX, Rita de Cássia Marques (2005) mostra que tratar e curar as doenças, restabelecendo a saúde das pessoas, tornou-se um dos objetivos primordiais dos médicos do século XIX. No entanto, Marques revela também como, nessa relação médico-paciente, existia uma intenção clara de demarcar um novo valor para a medicina; desejava-se “opinar ou mesmo determinar novas regras não só para os cuidados das doenças, mas também para os cuidados do corpo e da casa, para casamentos, nascimentos, educação de filhos e comportamento em geral na sociedade”.<sup>3</sup>

Segundo Ana Maria Magaldi (2007), a idéia da “sanidade da família” e da privacidade do lar como espaço de “proteção e da satisfação dos indivíduos constituiu-se a partir da consolidação de uma lógica burguesa no mundo ocidental, como contraponto a uma sociedade urbano-industrial fundada no individualismo e definida como abstrata e impessoal”.<sup>4</sup> O ato do trabalho era visto como rotineiro e mecanizado, portanto, “algo externo e alheio à humanidade”. Para se modificar essa visão do trabalho na sociedade daquele período, foi preciso estabelecer uma separação drástica, segundo a autora, “entre trabalho e tempo livre e entre vida pública e vida privada”. Tal separação permitiria o distanciamento entre esses dois mundos e a construção da noção

---

2003, p.13.

<sup>3</sup> MARQUES, Rita de Cássia. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005, p.19.

<sup>4</sup> MAGALDI, Ana Maria B. M. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2007, p.16.

de “reino do privado”, onde “as frustrações sofridas na vida pública deviam ser compensadas”. Dessa forma, em nome de processos de modernização, foram produzidas representações semelhantes em diversas áreas, por um conjunto cada vez maior de especialistas junto às famílias, a fim de fazer com que elas cumprissem o seu importante papel na sociedade.

Na segunda metade do século XIX e no início do XX, acentua-se, no país, a preocupação com a vulgarização do conhecimento científico e dos discursos sobre a saúde, com o intuito de fazer com que fossem assimiláveis pelo público em geral. Para viabilizar essa vulgarização, foram utilizados diferentes veículos de circulação da língua escrita, o que sinalizava cada vez mais o processo de modernização que se definia com o surgimento das primeiras metrópoles e “ao mesmo tempo, [com a] afirmação do espaço urbano como espaço-síntese da modernidade nacional...”.<sup>5</sup> Nesse contexto, as revistas se configuraram como um dos principais produtos da indústria cultural que emergiam no cenário brasileiro. Um exame histórico dessas publicações mostra o itinerário da imprensa em diferentes espaços e permite apreender o rápido crescimento e a diversidade desse tipo de material.

Tendo isso em vista, no primeiro capítulo da dissertação, abordamos a revista *Eu Sei Tudo*, como um impresso que divulgou os fatos e acontecimentos científicos, principalmente nas primeiras duas décadas da sua edição no Brasil. Por ter escolhido a revista como fonte de análise, sentimos necessidade de fazer uma incursão no campo da Comunicação e da História da Leitura, para entender como os estudos historiográficos têm incorporado esse tipo de fonte nas suas pesquisas. Também foi preciso esclarecer, nessa seção do texto, alguns conceitos que foram utilizados no decorrer da pesquisa, tais como: divulgação científica, vulgarização da ciência, difusão científica, entre outros. Mesmo sem informações a cerca dos articulistas ou dos editores da revista, pelo contato tido com os leitores, ressalto ser essa revista um periódico de grande contribuição para o estudo a que me propus realizar. A revista *Eu Sei Tudo* foi um importante mediador entre diferentes tempos e espaços por permitir a circulação de conhecimentos, hábitos e

---

<sup>5</sup> GOUVÊA, Maria Cristina S. & PAIXÃO, Cândida G. Uma Nova Família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidades em relação à infância (1930-40). In: XAVIER, Maria do Carmo. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004 p.351.



práticas ao mesmo tempo em que fez também com que eles se entrecruzassem e adquirissem novos significados, novas funções os quais interferiram diretamente no dia-a-dia dos seus leitores.

No segundo capítulo, nosso foco é a maneira pela qual hábitos e práticas pautados em saberes médicos foram divulgados na revista. Procuramos ainda descrever quais eram as construções e representações vinculadas à mulher moderna presentes no impresso. Destacamos a temática *gênero* em diferentes contextos, evidenciando as potencialidades da imprensa para apreender o lugar reservado às mulheres em diferentes épocas. Buscamos também, nesse capítulo, relacionar nossas constatações com alguns estudos historiográficos que tomaram a mulher como objeto de investigação. Andréa Gonçalves (2006), retratando, em seu livro *História & Gênero*, questões ligadas às mulheres na história, afirma que, apesar de as mulheres não terem sido grandes destaques, nos anos 1930, nos trabalhos de March Bloch e Lucien Febvre, precursores dos *Annales*, e nem nos estudos de seus seguidores, elas foram figuras importantes no início desse processo de mudança na maneira de se fazer a história. Esses autores “direcionaram seus interesses para a história de seres concretos e para a teia de suas relações cotidianas, livrando-se de idealidades abstratas, instauraram a possibilidade de que as mulheres fossem incorporadas à historiografia”.<sup>6</sup>

Os estudos ligados à corrente historiográfica dos *Annales*, que tomaram a trama do cotidiano numa perspectiva histórica, permitiram discussões que levaram em conta as “práticas quotidianas”, “os comportamentos vulgares”, as “mentalidades comuns”, “mesmo que as relações entre os sexos não tenham sido a preocupação prioritária de uma corrente interessada sobretudo nas conjunturas econômicas e nas categorias sociais”.<sup>7</sup> Entretanto, ainda assim, essa corrente ofereceu-lhe atenção favorável. Acrescente-se a isso a contribuição do marxismo, que ao retratar a “condição operária”, deu vida às mulheres como operárias fabris.

Mais tarde, quando a Antropologia e a História Social incorporaram a análise do movimento operário, “os estudos das mulheres operárias [foram] de inestimável importância para o questionamento de uma definição de feminino baseada

---

<sup>6</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.53.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.55.

essencialmente em aspectos biológicos, e por isso generalizantes”.<sup>8</sup> O fato é que, nesses trabalhos e nos estudos de outros campos do conhecimento, nos quais atenção foi dada às manifestações cotidianas de resistência dos segmentos populares, acabou-se por salientar a participação das mulheres no espaço público, retirando-as do confinamento do espaço doméstico no qual permaneceram por mais de um século em relação à tradição historiográfica. Gonçalves (2006) mostra, nesse sentido, que, nos trabalhos de Michel Foucault,

sua ênfase na *diferença* permite não apenas que se desloque o foco da ação política e dos agentes históricos, desafiando um discurso universal masculino, mas também que se questionem categorias unívocas de feminino que se condensaram principalmente naqueles estudos em que a ênfase recaía sobre a ação coletiva das mulheres.<sup>9</sup>

Gonçalves nos leva a refletir sobre a mulher que a revista *Eu Sei Tudo* pretendia informar e formar por meio dessas leituras. Não se pretendia alcançar uma mulher passiva às informações em qualquer plano de suas vidas. Logo, cabe perguntar: Por que construir uma descrição tão instigante dos fatos e saberes científicos dirigidos ao público feminino? Que mulher era essa com tamanho conhecimento? Ela já era considerada uma leitora assídua das imagens e dos textos? A mulher que não era de classe média e alta teria acesso a esse tipo de imprensa, a informações como essas? Quais confrontações e novas modelagens estavam sendo levadas a essa mulher, leitora da revista? Qual era a possível intenção dos autores dos textos em relação à mulher moderna brasileira?

Para a historiadora June Hahner, o feminismo “[...] abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu *status* social, político e econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade”.<sup>10</sup> Portanto, é importante entender a mulher como sujeito na história e de que maneira a sua emancipação ocorreu como sujeito singular. O estudo de Joana Maria Pedro (2005) sobre o uso da categoria gênero na pesquisa histórica contribui para as análises que estamos desencadeando sobre a representação feminina na

<sup>8</sup> GONÇALVES, *op. cit.*, p.59.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.60.

<sup>10</sup> HAHNER, June. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.25.

revista *Eu Sei Tudo*. Para a autora, a categoria gênero é dissidente dos movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas nos anos 1980. Nesses movimentos, procurava-se analisar as diferenças que se constatavam no comportamento de homens e mulheres. Os movimentos sociais feministas e de mulheres concluíram que essas diferenças não eram dependentes do sexo como questão biológica, mas eram, sim, definidas pelo “gênero” e, portanto, ligados à cultura

O feminismo como movimento social foi dividido por Joana Maria Pedro (2005) em duas ondas. Na “primeira onda”, que se desenvolveu no final do século XIX, preocupou-se mais com reivindicações referentes aos direitos políticos das mulheres, como o sufrágio feminino; com seus direitos sociais e econômicos, tais como: trabalho remunerado, estudo, etc. Na segunda onda do feminismo, que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, tornou-se prioridade a luta pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado. “Foi nesse momento que a categoria ‘gênero’ foi criada como tributária das lutas do feminismo e do movimento das mulheres”.<sup>11</sup> O que os participantes do movimento questionavam era o universal como sendo masculino, ou seja, a categoria “Mulher” era reivindicada como uma identidade separada do “Homem”. Foi em nome dessa identidade que surgiram práticas de grupos de reflexão constituídos somente por mulheres. Para esses grupos, o sexo – no caso, o órgão genital – era o que promovia a diferença em relação aos homens e permitia às mulheres ter uma identidade na luta contra a subordinação.

Para Pedro (2005), as mulheres negras, índias, mestiças, pobres e trabalhadoras, que também se consideravam feministas, não estavam satisfeitas com a categoria “mulher”, tida como diferente da de “homem”, porque elas ainda se sentiam excluídas nas reivindicações da categoria “mulher”, categoria essa que continuou não as libertando das submissões sofridas. O debate sobre a questão “mulher” permitiu elucidar outras questões mais profundas que perpassavam o ser mulher. Então, concluiu-se que não existia *mulher* e, sim, *mulheres*, com diferentes reivindicações em diferentes sociedades, como também se verificou que o fato de ser mulher não a tornava igual a todas as demais. Conforme observou Pedro, independentemente de usar a

---

<sup>11</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005, p.79.

categoria “mulher” ou “mulheres”, “a grande questão que todas queriam responder, e que buscavam nas várias ciências era o porquê de as mulheres, em diferentes sociedades, serem submetidas à autoridade masculina, nas mais diversas formas e nos mais diferentes graus”.<sup>12</sup> Desejavam saber também por que, qualquer que fosse a atividade definida por uma cultura como atividade de mulheres, essa atividade era sempre desqualificada em relação àquilo que os homens da mesma cultura exerciam.

Em muitos trabalhos historiográficos, a categoria de análise “mulher” foi usada inicialmente para dar voz às mulheres, apesar de toda a diferenciação no interior dessa categoria. Pedro (2005) destaca, nesse sentido, o trabalho de Maria Odila Leite da Silva Dias que, escrevendo na década de oitenta do século XX, questiona se o que tornava difícil a história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica desses sujeitos sociais. Tomando como base da nova historiografia brasileira, o livro “Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX”, de Maria Odila, Pedro (2005) propôs uma nova leitura das entrelinhas, uma busca nas minúcias e todo um trabalho de garimpar as fontes, para que pessoas comuns sejam destacadas e se transformem em personagens históricas.

Sendo assim, Pedro (2005) mostra que, no interior da categoria mulher, dentro do movimento feminista, surgiu a categoria gênero, e ela só tomou visibilidade quando foi usada pelas historiadoras que escreveram sobre mulheres. Desse modo, para a autora,

O uso da categoria de análise “gênero” na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores de gênero.<sup>13</sup>

Com a utilização da categoria gênero, chegou-se ao “ponto mais alto da desnaturalização” das diferenças entre homens e mulheres, uma vez que foi reconhecida que a relação entre os sexos não era um fato natural e, sim, uma construção social. Dessa maneira, essa relação foi sendo redefinida em diversos momentos e sociedades históricas. Michelle Perrot (2005) discorre sobre essa questão. Segundo a autora, a

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.83.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.88.

introdução da categoria gênero colocaria em segundo plano o sexo biológico justamente pela inclusão da idéia de que as diferenças entre os sexos residiam nessa construção social. De acordo com Perrot, “as esferas são pensadas como equivalentes dos sexos e jamais a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços foi levada tão longe”.<sup>14</sup> Apesar de não negar o sexo biológico como um fator de identidade, tanto pessoal como coletiva, a crítica de algumas correntes desde o século XVIII destacava que o sexo não era o único e o mais importante fator nessa identidade.

O estudo da categoria gênero nos ajudou, portanto, a entender a mulher alvo da revista *Eu Sei Tudo* na medida em que o impresso foi construído de acordo com as particularidades e interesses de alcance desse público leitor por parte da revista. É a partir daí que a nossa análise foi metodologicamente elaborada, na intenção de ver com clareza o delineamento de uma nova mulher brasileira pela revista *Eu Sei Tudo*. Essa nova mulher, a exemplo das mulheres européias e americanas, deve assumir um lugar de destaque numa sociedade cada vez mais industrial. Logo, visava-se uma mulher participativa e integradora das mudanças características do período. A revista deveria refletir – essa mulher, não somente assumindo a nova conduta moderna, o que incluiria mudanças exteriores, as quais permitiriam novas formas de estar na sociedade, mas também, e principalmente, no seu papel de esposa, dona-de-casa e mãe, papéis que deveriam ser redefinidos e desempenhados eficientemente, graças a uma boa educação oferecida a mulher.

No terceiro capítulo, expõe-se a maneira como a revista interveio na educação da mulher-mãe, modelando novas concepções baseadas nos discursos médicos higienistas do final do século XIX e do início do século XX, sobre o cuidado com a saúde. Nossas análises mostraram que a revista ecoava discursos médicos que responsabilizavam as mães pela alimentação, pelo asseio da criança e pelo cuidado com seu ambiente. De acordo com esse discurso, a mãe também deveria acompanhar o crescimento, desenvolvimento físico e psíquico da criança, como também sua educação, o que possibilitaria a identificação imediata de quaisquer anomalias. No caso da criança doente, a mãe ainda tinha outros deveres, tais como: a observação detalhada do filho

---

<sup>14</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.459.

para informar ao médico seu estado, o cumprimento de prescrições indicadas por esse profissional ou sugeridas pela revista.

Nas páginas seguintes, começo a contar a história da revista *Eu Sei Tudo* no que se refere ao universo feminino e procuro mostrar como ela se tornou um importante veículo divulgador da ciência nas primeiras décadas do século XX.

## Capítulo I - A revista *Eu Sei Tudo* e a divulgação científica

### 1 - Descrição da revista

Entre 1917 e 1958, circulou, em vários estados brasileiros, a revista *Eu Sei Tudo*, de cunho científico, literário, artístico e histórico. *Eu Sei Tudo* foi editada no Rio de Janeiro pela Companhia Americana e teve, inicialmente, Gratuliano de Brito, como seu diretor responsável, e Arthur Brandão, como diretor-gerente. A revista *Eu Sei Tudo* foi lançada nos finais do ano de 1917, no Rio de Janeiro, como uma *magazine mensal ilustrada* e impressa em papel couché. Era constituída de 148 páginas, sua assinatura tinha um custo anual de 30\$000, e a revista trazia, acompanhando seu título, a recorrente expressão que funcionava como um adjetivo: *nesta cidade que se civiliza*. Em 1922, o custo mensal da revista ficava em torno de 2\$300, preço que a editora repassava aos representantes nos diferentes estados brasileiros.

Um dos objetivos da revista, de acordo com uma nota endereçada ao leitor em fevereiro de 1918, era de divulgar os fatos e acontecimentos científicos publicados em principais jornais e revistas científicas estrangeiras. Sendo assim, um bom número de artigos eram reedições de textos publicados nesses jornais e revistas estrangeiros, sem comentários por parte dos editores e nem fonte de procedência. Mas havia outros artigos e matérias que eram produções da própria equipe editorial da revista. Ela se caracteriza pela presença de seções voltadas exclusivamente para a divulgação de saberes científicos. Entre as seções regulares nessa fase da revista, estava “Ciência ao alcance de todos,” que se manteve sistematicamente desde a primeira edição até a década de 1930. Ela parece ter se inspirado na revista francesa *Je Sais Tout*, que teve grande circulação na França do final do século XIX e início do século XX e se apresentava como uma enciclopédia ilustrada.

A revista *Eu Sei Tudo* estava integrada à realidade urbana do Rio de Janeiro, embora fosse uma revista inspirada nos moldes das revistas estrangeiras francesas e norte-americanas. Enfrentava dificuldades de publicações até mesmo pela distância que separava o Brasil da Europa, o que fazia com que muitos assuntos publicados como novidades não se constituíssem mais em novidades nos países de origem e, ainda pelo defasado estágio gráfico da imprensa brasileira nesse período, apesar de todas as

inovações técnicas que o país registrava. Ainda assim, *Eu Sei Tudo* tinha como prioridade fornecer aos leitores os melhores recursos de ilustração e fotografia, promovendo um maior acesso da classe média ao impresso que se interessava por esse tipo de suporte.

Através de seus artigos, textos, propagandas, contos, romances, imagens e ilustrações, a revista *Eu Sei Tudo* divulgava um pouco de tudo e, como tantas outras produções culturais da época, salientava os avanços e o progresso da ciência. Nossa análise toma a revista como um material de divulgação de saberes médicos que contribuíram para informação e formação da mulher brasileira nos primeiros anos do século XX, como mãe, de acordo com algumas normas prescritivas, isto é, com um “conjunto de práticas discursivas e não discursivas que agem, à margem da lei”,<sup>15</sup> criando e moldando novos padrões de comportamento social.

### 1.1 - Público alvo da revista

*Eu Sei Tudo* era uma revista voltada para o segmento de consumo médio da sociedade carioca, mas contava com amplo sistema de divulgação, com repercussão em todo o território brasileiro, como se pode depreender do exame das colunas “Correspondência”, localizadas nas últimas páginas, onde eram respondidas as cartas endereçadas ao(s) editor(es). Analisando essa seção, percebemos que os leitores correspondentes provinham de quase todo o território nacional.



Figura 1 – Crianças tendo contato com a revista *Eu Sei Tudo*. Agosto de 1923.

<sup>15</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 5.ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 2004.



Ana Luiza Martins (2001) considera que *Eu Sei Tudo* era voltada especificamente para a faixa etária escolar, mas a autora não traz, em seu estudo, nenhuma explicação que pudesse justificar essa consideração. Talvez essa impressão se deva ao fato de *Eu Sei Tudo* publicar muitos estudos em forma de disciplinas, tais como: geografia, história, literatura, física, e ter como prioridade a divulgação de conhecimentos e saberes nessas áreas. Porém, um exame mais atento, como o que buscamos desenvolver na pesquisa, por meio de uma leitura estrutural do *corpus*, concentrando as análises em reportagens, notícias, fotos, colunas, publicidades e propagandas, que tinham como alvo a mulher e a criança, concluimos que a revista visava sujeitos mais maduros e públicos não escolares, até mesmo por sua diversificação de assunto que o cunho comercial lhe proporcionava e também por possuir características que a qualificavam como um suporte da imprensa jornalística. A nosso ver, a revista *Eu Sei Tudo* tinha a pretensão de levar conhecimentos a leitores de uma forma geral e não apenas àqueles de faixa etária escolar.

Por outro lado, a constatação do elevado número de propagandas de produtos femininos, de produtos para o lar (direcionados ao uso da mulher) e de artigos sobre a moda, sobre o cuidado com os filhos; de contos e romances levou-nos a inferir que a revista *Eu Sei Tudo* foi endereçada, sobretudo, ao público feminino. As capas, na sua maioria, traziam fotos de Miss e de mulheres símbolos da beleza, naquele período, referentes ao mundo da moda no exterior e no país. Ao agregar algumas imagens, tais como fotografias, pinturas, gravuras e charges, tomamos o cuidado de selecioná-las como imagens exemplares do tema que estava sendo analisado, sem, no entanto, debruçar-nos sobre as questões semióticas ou mesmo sobre discussões recentes a respeito do uso de imagens na História da Comunicação.



Figura 2 – Capa da revista. 1923.

Por fim, vale destacar que *Eu Sei Tudo* tinha leitores correspondentes no exterior, em países como: Estados Unidos da América do Norte, África Oriental Portuguesa, Portugal, Uruguai, Argentina.

## 1.2 - Características da revista

O editorial do mês de maio de 1919 revelava, no momento, a circulação da revista e sua importância cultural não somente para a cidade do Rio de Janeiro, mas para todo o país:

Foi há dois anos. O aparecimento de um *magazine* nacional, editado em moldes absolutamente novos para o Brasil, com apuro de processos gráficos, que em nada ficavam a dever aos melhores similares estrangeiros, foi recebido com surpresa mas também com grande simpatia. **Eu Sei Tudo** teve acolhimento tão carinhoso que ultrapassou – não diremos nossas esperanças – mas nossos recursos práticos para o prosseguimento de uma publicação de tais responsabilidades, com tiragens sempre crescentes.<sup>16</sup>

O editorial apresentava como “uma audácia” o lançamento de uma revista desse vulto em plena guerra, quando a fabricação do material era um problema mesmo nos países de maior desenvolvimento industrial. Assim, a necessidade de aumentar a

<sup>16</sup> Trecho do texto retirado do editorial do mês de maio, número 24, Ano II de 1919, p.7.

tiragem da revista logo no segundo número, considerado pelo editorial como um número de “êxito magnífico”, permitiu o enfrentamento de uma realidade que o país estava vivendo. A escassez, por exemplo, que obrigou os responsáveis pela revista *Eu Sei Tudo* a comprar o papel, sem olhar o preço, onde poderiam encontrá-lo disponível, destaca-se como uma das dificuldades enfrentadas pelo Brasil naquele momento. O mesmo editorial revela outras dificuldades, como aquelas que as editoras enfrentavam no início do século XX, para manter um magazine do porte da *Eu Sei Tudo* em circulação:

A procura de nosso magazine acentuava-se de mês a mês, elevando, sem cessar, a tiragem que ao 10º número, era já o dobro e é hoje o triplo da do 1º. Agravou-se então para nós o problema do material pelo gasto espantoso dos tipos, que ficavam, por assim dizer, inutilizados após cada impressão de três a quatro dezenas de milhares.<sup>17</sup>

Havia dificuldade de encontrar, à venda, material de tipografia, que então era encomendado dos Estados Unidos. Esperava-se por esse material durante meses, tendo em vista os meios de transporte que o trazia. De navio, o material tipográfico demorava a chegar no Brasil. Gastavam-se seis meses para sair dos Estados Unidos e chegar ao Brasil. A exposição dessas dificuldades tinha por intuito fazer com que os seus leitores, apelidados de amigos, compreendessem os problemas para se manter a qualidade gráfica com que foi inaugurado o magazine. Os editores declararam, naquele período, que “dentro em breve estamos certos de poder apresentar ao público trabalho gráfico digno dele e de *Eu Sei Tudo*”.

*Eu Sei Tudo* possuía aspectos de uma revista feminina, por exemplo, capas trazendo fotografias de mulheres, com novas facetas que lhe davam um toque mais moderno e científico, segundo as notas editoriais. Os serviços de comunicação otimizados fizeram com que a revista *Eu Sei Tudo* se mantivesse no mercado editorial por mais de 40 anos. Uma das receitas de seu sucesso parece estar no fato de ter alcançado o público feminino. A chave da longevidade da revista encontrava-se em torno do ideário da mulher moderna. Encontramos, em suas páginas, não apenas mensagens opinativas a respeito dos seus traços fisionômicos, (de sua testa escultural,

---

<sup>17</sup> Trecho do texto retirado do editorial do mês de maio, número 24, Ano II de 1919, p.7.

do seu tipo clássico), mas também conhecimentos úteis sobre a sua saúde, o seu traço psicológico e a sua função como educadora social.

Uma breve comparação entre a revista *Eu Sei Tudo* e a *Revista da Semana*, também editada pela Companhia Americana no mesmo período, ajuda-nos a delinear as especificidades da *Eu Sei Tudo* e mostrar em que ela se distancia dos outros veículos de comunicação da imprensa feminina. Dulcília Helena Buitoni (1981) mostra que, na *Revista da Semana*, encontram-se várias seções endereçadas ao público feminino, tais como a seção “Cartas de Mulher”, que seria um espaço da revista em que se publicava uma espécie de crônica sobre fatos da atualidade, assinada por “Iracema”. Outra seção tendencialmente feminina da revista é o “Jornal das Famílias”. Assim como os títulos, que encontramos nesse impresso, as assinaturas e as vinhetas de ilustrações, as quais sempre traziam uma mulher escrevendo, permitiam a caracterização da mulher e das leitoras nesse momento.

Não encontramos na revista *Eu Sei Tudo* seções voltadas especificamente para as mulheres. Os assuntos destinados a elas estão distribuídos por toda a revista, não havendo destaques específicos, a não ser nos números dos primeiros anos da publicação, nos quais se veem publicados artigos que parecem ser mais direcionados para as mulheres, tais como: “A arte de ser bela”, “Economia Doméstica”, “Novidades em Medicina”. Essas seções se reportavam às leitoras, trazendo conselhos e receitas em relação ao cuidado com a saúde tanto delas, quanto de suas crianças. É importante ressaltar que os artigos e textos referentes à saúde da mulher-mãe e da criança, analisados no *corpus* estrutural da pesquisa, foram em quantidade pequena, pois analisamos também textos relacionados a outros assuntos também direcionados à mulher, como romances e contos.

O estudo de Buitoni (1981) sobre a representação da mulher na imprensa feminina brasileira demarcou algumas características recorrentes nesse espaço de comunicação, como, por exemplo, o número de páginas de uma revista que, na sua maioria, não excedia 50. *Eu Sei Tudo* trazia em torno de 118 páginas em cada edição mensal, mas não deixava de se constituir num *locus* privilegiado da discussão sobre o papel social da mulher.

## 2 – Trajetória de uma pesquisa

A expectativa da pesquisa de que trato nesta dissertação foi contribuir com os estudos do campo da História da Educação e avançar no conhecimento sobre a temática, a divulgação científica, que vem sendo explorada, há alguns anos, no Brasil, em estudos acadêmicos, tais como aqueles das áreas da História das Ciências, da História da Saúde. Esses trabalhos vêm procurando analisar a importância que os impressos tiveram no processo da educação informal, na formação e transformação cultural da sociedade na primeira metade do século XX. Nossa pesquisa procurou avançar, portanto, na compreensão da formação histórica do imaginário social acerca da ciência médica e, dessa forma, contribuir com a discussão e a avaliação da divulgação dos saberes médicos endereçados à mulher-mãe, a partir da análise de importantes componentes desse processo como é o caso da revista *Eu Sei Tudo*.

Toma-se por imaginário social, neste trabalho, um conjunto de símbolos, ideologias, mitos, rituais que caracterizam e dão valor a uma sociedade. Essa caracterização é feita junto às relações existentes no interior de cada comunidade, trazendo-lhe suas particularidades. O imaginário social é uma produção coletiva, pois, de certa forma, é ele que vai determinar as aspirações e pretensões dessa coletividade, ou seja, da sociedade conforme mostram Roger Chartier (1990) e Bronislaw Baczko (1985) em seus estudos.

Para os historiadores, os textos de divulgação, tais como aqueles que encontramos em revistas e boletins, são uma fonte de riqueza inesgotável, pois tais materiais eram escritos para atingir um público leigo, sendo mais fáceis de compreender. Eles exerciam, além da função informativa, também a função formativa pela preocupação didática que apresentavam. Esses textos permitem ainda ver outras informações que eram veiculadas juntamente com o conhecimento científico e entender os contextos de suas produções. Eles inseriam a ciência na cultura de uma forma mais ampla, visando inclusive ao desenvolvimento intelectual do povo brasileiro.

Pretendemos, por meio da pesquisa, analisar se os temas relacionados aos cuidados com o corpo da mulher e com sua criança estavam ligados aos avanços científicos, tecnológicos e ao progresso e bem estar social. O estudo se propõe também

averiguar a percepção de ciência que era veiculada pela revista nesse período e destacar aspectos reforçados pela revista em relação ao que denominamos de “ciência prática”. Os saberes científicos e a ciência aqui destacados são pensados dentro de um movimento que leva em conta a circulação das idéias e dos resultados de pesquisas e descobertas, feitas pelos cientistas no período investigado em nosso estudo, pois como observa Ennio Candotti, por exemplo,

o transplante de um órgão de um ser humano para outro é um fato de ciência médica que revoluciona os costumes e valores milenares. A discussão que acompanha os transplantes de órgãos é sem dúvida tão importante para os seres humanos das mais diversas culturas quanto a pesquisa científica que possibilitou o próprio transplante. Os limites das manipulações com seres humanos têm dimensões técnicas e éticas que transcendem os estreitos corredores dos hospitais, dos institutos de pesquisa ou até mesmo dos respeitáveis conselhos bioética.<sup>18</sup>

Com o objetivo de mapear as notícias e seções que abordavam a ciência e a tecnologia, fizemos um estudo dos sumários da revista. Esses sumários são divididos em tópicos, contendo de 10 a 13, e variam de acordo com assuntos selecionados para a publicação do mês. Encontramos seções cujos títulos eram “artigos especiais”; “contos e aventuras”; “páginas de arte”; “percorrendo o mundo”; “romances”; “sports”; “conhecimentos úteis ou curiosos” e, entre outras, “novidades e invenções”; “ciência ao alcance de todos”, as duas últimas colunas tomadas como objetos de maior enfoque para este trabalho.

---

<sup>18</sup> CANDOTTI, Ennio. Ciência na educação popular. In: MASSARAI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (orgs). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

**N.º 48 — MAIO DE 1921 — 12.º DO ANNO IV**  
**SUMMARIO DAS PRINCIPAES MATERIAS CONTIDAS NESTE NUMERO**

ARTIGOS ESPECIAES		MATERIAS CONTIDAS NESTE NUMERO	
A guerra do México.....	19	A guerra do México.....	19
Alimento estranho.....	21	Alimento estranho.....	21
Os trabalhadores da sociedade.....	24	Os trabalhadores da sociedade.....	24
Vozes de prantado.....	25	Vozes de prantado.....	25
Com o Sr. Pacheco prepara sua ballada.....	26	Com o Sr. Pacheco prepara sua ballada.....	26
<b>ROMANCES</b>			
O Mundo aprido (fim).....	27	O Mundo aprido (fim).....	27
O amor de Lacer.....	28	O amor de Lacer.....	28
O amor de Lacer.....	105	O amor de Lacer.....	105
<b>NOVIDADES E INVENÇÕES</b>			
Curiosidade do registro de matreiros de Lacer.....	29	Curiosidade do registro de matreiros de Lacer.....	29
A utilidade dos aeroplãos.....	30	A utilidade dos aeroplãos.....	30
Guerra em Viena.....	31	Guerra em Viena.....	31
Um pouco de vida.....	32	Um pouco de vida.....	32
O trabalho de preparação para viagem.....	33	O trabalho de preparação para viagem.....	33
A última moda em guarda no sol.....	34	A última moda em guarda no sol.....	34
Apresente para todos.....	35	Apresente para todos.....	35
Novos aparelhos para banhos.....	110	Novos aparelhos para banhos.....	110
<b>ARTE</b>			
Quadros retravel.....	35	Quadros retravel.....	35
Desenho para a casa.....	42	Desenho para a casa.....	42
Tipos de bellas.....	43	Tipos de bellas.....	43
As applicações da Tripolythone.....	44	As applicações da Tripolythone.....	44
Baldes meliores.....	45	Baldes meliores.....	45
A diffusão do operario.....	46	A diffusão do operario.....	46
A correspondente.....	47	A correspondente.....	47
Uma linda mulher.....	48	Uma linda mulher.....	48
A morte de Waterloo.....	49	A morte de Waterloo.....	49
Retrato.....	50	Retrato.....	50
Os nomes de freg.....	51	Os nomes de freg.....	51
Talento de amoleza.....	52	Talento de amoleza.....	52
A primeira amoleza.....	53	A primeira amoleza.....	53
<b>COMEDIA</b>			
A mulher que falla.....	12	A mulher que falla.....	12
<b>INDICA TERRA</b>			
A cachoeira de Pego de Caldas.....	31	A cachoeira de Pego de Caldas.....	31
A cachoeira de Belém.....	32	A cachoeira de Belém.....	32
Apectos de Ouro Preto.....	33	Apectos de Ouro Preto.....	33
Uma agresta rivandense.....	40	Uma agresta rivandense.....	40
<b>CENTOS E AVENTURAS</b>			
A história da morte.....	31	A história da morte.....	31
As quatro estacoes do anno.....	18	As quatro estacoes do anno.....	18
Como morre o amor.....	14	Como morre o amor.....	14
		A terra dos Filibertos.....	36
		Alguns nomes.....	37
		Alguns nomes que procuram o amor.....	38
		O Tempo do amor.....	39
<b>SCIENCIA AO ALCANCE DE TODOS</b>			
		Palavra de Lacer e de Humanidade.....	40
		Tudo se explica.....	41
		A vida e a imprestação.....	42
		A vida e a imprestação.....	43
		Que é a vida?.....	44
		A imprestação e a vida.....	45
		A imprestação e a vida.....	46
<b>PERCORRENDO O MUNDO</b>			
		A terra de Veneza.....	24
		A terra de Veneza.....	25
		Os costumes da manufactura indiana.....	26
		A vida em Veneza.....	27
		Os trabalhos nos Estados Unidos.....	107
		Costumes americanos.....	108
<b>DIVERSOS</b>			
		Automa de um presidente.....	20
		Um presidente.....	21
		A moderação do Quatro.....	34
		Servico de um homem indiano.....	47
		Palavras de Lacer.....	48
		O caso de um homem com os olhos.....	51
		Cadaver e aspectos estranhos.....	54
		Sobre o caso de um homem.....	55
		Os nomes do cinemaographo.....	57
		Os nomes do cinemaographo.....	58
		Um homem de freg.....	59
		O primeiro de um homem.....	60
		Um exemplo de trabalho.....	61
		Certo.....	62
		Certo.....	63
		Um exemplo de trabalho.....	64
		Certo.....	65
		Certo.....	66
		Certo.....	67
		Certo.....	68
		Certo.....	69
		Certo.....	70
		Certo.....	71
		Certo.....	72
		Certo.....	73
		Certo.....	74
		Certo.....	75
		Certo.....	76
		Certo.....	77
		Certo.....	78
		Certo.....	79
		Certo.....	80
		Certo.....	81
		Certo.....	82
		Certo.....	83
		Certo.....	84
		Certo.....	85
		Certo.....	86
		Certo.....	87
		Certo.....	88
		Certo.....	89
		Certo.....	90
		Certo.....	91
		Certo.....	92
		Certo.....	93
		Certo.....	94
		Certo.....	95
		Certo.....	96
		Certo.....	97
		Certo.....	98
		Certo.....	99
		Certo.....	100
		Certo.....	101
		Certo.....	102
		Certo.....	103
		Certo.....	104
		Certo.....	105
		Certo.....	106
		Certo.....	107
		Certo.....	108
		Certo.....	109
		Certo.....	110
		Certo.....	111
		Certo.....	112
		Certo.....	113
		Certo.....	114
		Certo.....	115
		Certo.....	116
		Certo.....	117
		Certo.....	118
		Certo.....	119
		Certo.....	120
		Certo.....	121
		Certo.....	122
		Certo.....	123
		Certo.....	124
		Certo.....	125
		Certo.....	126
		Certo.....	127
		Certo.....	128
		Certo.....	129
		Certo.....	130
		Certo.....	131
		Certo.....	132
		Certo.....	133
		Certo.....	134
		Certo.....	135
		Certo.....	136
		Certo.....	137
		Certo.....	138
		Certo.....	139
		Certo.....	140
		Certo.....	141
		Certo.....	142
		Certo.....	143
		Certo.....	144
		Certo.....	145
		Certo.....	146
		Certo.....	147
		Certo.....	148
		Certo.....	149
		Certo.....	150

**NOTA** — Um telegrama de Belém de Pará, para a Agência Americana publica que o Sr. José Herby, de Belém, accorreu a redacção de *Ex. Sec. Trade* de Nova York para pedir a sua publicação, tendo recebido a resposta de que não era possível, mas que se tratava de uma publicação de Belém de Pará, e que se publicaria em *Ex. Sec. Trade* de Nova York. Este telegrama foi publicado em *Ex. Sec. Trade* de Nova York, no dia 10 de Maio de 1921, na obra "Casos celebres" na obra "Memorias do Barão de Marboc" e na imprensa de Belém de Pará, em 10 de Maio de 1921. Este telegrama foi publicado em *Ex. Sec. Trade* de Nova York, no dia 10 de Maio de 1921, na obra "Casos celebres" na obra "Memorias do Barão de Marboc" e na imprensa de Belém de Pará, em 10 de Maio de 1921.

Figura 3 – Sumário. Maio de 1921.

De acordo com uma análise geral dos sumários, percebemos que, por um lado, tanto os assuntos relacionados aos prodígios e às descobertas realizadas pela ciência, como os avanços da tecnologia foram distribuídos pela revista em várias outras seções e não somente na subdivisão: “Ciência ao alcance de todos”. Por outro lado, constava, da seção “Ciência ao alcance de todos”, assuntos, tais como: “os nomes dos Papas”, que fogem inteiramente do que hoje em dia se considera como tema ou informação científica. Isso demonstra, senão uma imprecisão na organização dos temas, ao menos uma distância dos padrões de classificação, que era adotado em outras revistas.

### 3 - Revistas de variedades: uma fonte histórica

A utilização da imprensa, como fonte de análise, enriquece a observação histórica, principalmente no que concerne à educação. O papel da imprensa na virada do século XIX para o século XX foi determinante para um tempo em que o acesso à educação era bastante restrito. Carlos H. Carvalho, José Araújo e Wenceslau Neto (2002), em seu estudo sobre a imprensa enquanto objeto de análise histórica, afirmam que “há várias formas de pensar a história dentro de condições particulares e específicas, com as suas múltiplas atividades: política, econômica, social, cultural, religiosa e literária; que compõem o espaço onde homens e mulheres vivem situações

sociais reais”.<sup>19</sup> Para os autores, a análise da imprensa permite a emergência de novas interpretações que edificam outras concepções de educação, fora da educação formal, e possibilitam visualizar horizontes mais diversificados, os quais também fazem parte da educação como meio de formar e conformar comportamentos. A imprensa, especializada ou não, em muito contribui para se historiar as pistas deixadas pelo pensamento educacional ao longo do século XX no Brasil.

Investigar o passado passa, em certa medida, pelo estudo da imprensa, pois ela compartilha da cotidianidade em que se dá a história. A imprensa registra, comenta e participa da história. Como o alvo é a conquista cada vez de um público maior, a permanência da relação social se constrói no equilíbrio que se estabelece entre os interesses da instituição e as expectativas da coletividade, segundo José Araújo (2002).

Maria Lúcia Palhares-Burke (1998), em seu artigo sobre a imprensa periódica como empresa educativa no século XIX, mostra a relevância que certos impressos tiveram no processo educacional, por dizerem sobre o modo pelo qual as culturas eram produzidas, mantidas e transformadas. Os meios de comunicação modernos “têm um currículo oculto que dissemina e organiza informações, cria valores, atitudes e idéias sobre uma multiplicidade de tema [...] que influenciam seus leitores, ouvintes e espectadores”.<sup>20</sup> Embora fosse pequena a proporção de letrados, a prática da leitura em voz alta, seja no ambiente doméstico ou em público, ainda era uma prática muito difundida. Com isso, o impacto da imprensa atingia também as pessoas que não sabiam ler. Com o avanço das técnicas gráficas ao longo do século XIX e no início do século XX, sobretudo a ilustração, a utilização das propagandas, bem como a diversificação do conteúdo pelos periódicos, ampliou-se o alcance desses impressos.

As revistas de diferentes temas é um gênero de impresso de grande valor por “documentar” o passado por meio do registro múltiplo: do textual ao iconográfico, o extratextual – reclame ou propaganda, tal como mostra Ana Luiza Martins (2001). As revistas, assim, demandam uma leitura mais amena e ligeira, e é compreensível a

---

<sup>19</sup> CARVALHO, Carlos H. de.; ARAÚJO, José C. S.; NETO, Wenceslau G. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, José C. S. & GATTI Jr, Décio. *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, p.73.

<sup>20</sup> PALHARES-BURKE, Maria L.. G. *A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. Cadernos de Pesquisa*, n.104, p.144-161. Jul. 1998, p.145.



preferência por essa modalidade de material de dimensão multifacetada. Contudo, como Martins (2001) ressalta, o pesquisador deve ter cuidado ao tomar as revistas como fonte histórica, pois, em muitas das vezes, elas “refletem imagens falsas, imagens de superfícies, que requerem investigação e decodificação”.<sup>21</sup> Para se tomar esse tipo de suporte como testemunho do passado, é preciso um direcionamento do olhar para as condições de sua produção, negociação e, sobretudo, para as condições de sua distribuição e circulação. Somente nessa perspectiva, as revistas podem se colocar na função de matizadoras da realidade retratadas em suas páginas.

O século XIX foi acompanhado de mudanças na estrutura da sociedade brasileira, principalmente com a vinda da família real. Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, novos elementos foram introduzidos na realidade da Colônia, como por exemplo, a passagem da sede do governo de Salvador para Rio de Janeiro. Isso repercutiu nas transformações que algumas cidades tiveram quando deixaram de ser consideradas áreas rurais para começarem a ganhar vida própria. “Surgem ferrovias, intensifica-se a navegação a vapor, e, depois de 1850, o cabo submarino substitui a comunicação por pacotes e traz informações mais rápidas do exterior”.<sup>22</sup> Dessa maneira, o Rio de Janeiro estava deixando de ser provinciano para ser uma capital em contato com o mundo exterior.

No novo cenário citadino, proposto pelo início do século XX, uma infinidade de publicações periódicas, tais como: almanaques, folhetos publicitários de casas comerciais e industriais, jornais de associações recreativas, as revistas ditas de variedades, configuravam-se como principal produto da indústria cultural que estava tomando conta desse cenário. A revista tornou-se a moda e, além de tudo, ditou a moda. Para Martins (2001), sem dúvida essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa até mesmo pelo avanço técnico das gráficas; tratava-se do aumento da população leitora e do alto custo do livro. Assim, cresceram as possibilidades de condensar em uma só publicação, “uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos”. Fazendo o papel

---

<sup>21</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revista em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2001, p. 21.

<sup>22</sup> BUITONI, Dulcília Helena S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981, p.11.

intermediário entre o jornal e o livro, as revistas alcançaram um público maior ao aproximar o consumidor do “noticiário ligeiro e seriado”, proporcionando-lhe informações diversificadas. A distinção da revista e do livro estava basicamente no fato de a revista possuir algumas características que, de certa forma, tornava-a mais acessível ao leitor; entre elas, destaca-se o seu baixo custo. Ainda a sua configuração leve, leituras entremeadas de imagens e outras de poucas folhas, “distingui-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos”.<sup>23</sup>

As revistas propõem, conforme Tania Regina De Luca (1999), uma leitura fácil e agradável, com amplo espaço reservado para as imagens e conteúdo diversificado, desde os acontecimentos sociais aos fatos curiosos do país e do mundo, incluindo crônicas, poesias, conselhos médicos, de moda, regras de etiquetas, etc. Essa diversidade pode ser tomada como estratégia de negócio de ampliação do público alvo ou de possíveis interessados na leitura e/ou aquisição do impresso.

#### **4 - A revista *Eu Sei Tudo* e a formação do imaginário científico**

A ciência ocupava um lugar muito especial nas publicações da revista *Eu Sei Tudo*. A revista convidava os leitores a apreciarem os progressos da ciência como sendo dádivas oferecidas aos “homens comuns” com muito sacrifício e dedicação por parte dos cientistas. Artigos sobre a ciência permitem verificar, entre outros aspectos, a importância que a revista atribuía a questões de aplicabilidade dos conhecimentos e saberes científicos e tecnológicos no dia-a-dia dos leitores. Existem seções, tais como: “coisas que todos devem saber”, “como é fácil saber tudo”, que desempenhavam a função de pequena enciclopédia popular. Nessas seções, eram relatados experimentos científicos e os benefícios dos seus resultados. Sendo assim, os leitores eram informados, através desses textos, como era o funcionamento, por exemplo, de um elevador hidráulico e a sua praticidade em um edifício mais alto; como funcionava uma máquina a vapor, inclusive com a sugestão de sua aplicabilidade já que o texto trazia também uma descrição nesse sentido.

O artigo publicado na revista *Eu Sei Tudo*, com o título “Descoberta sensacional – A eterna mocidade – O tempo vencido”, narra com detalhes a descoberta. Segundo a

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.40.

revista, “junto à consagração da prática seria a mais espantosa de todos os tempos”. No artigo, então, apresentava-se quem era o cientista responsável pela descoberta, e descrevia-se o processo utilizado para se chegar à eterna mocidade. Conforme a revista, pois o dr. Serge Voronoff, diretor dos serviços de cirurgia experimental da Estação de Physiologia do Collége de França (Sorbone), afirmou haver descoberto um meio de restituir aos organismos humanos gastos e fatigados pelos tempos todas as faculdades, funções e aspectos da mocidade.<sup>24</sup>

A maneira como esse artigo foi elaborado permitia aos leitores acompanhar a descoberta que havia sido feita pelo “eminente professor de Sorbone”. Dr. Voronoff não apelou para “sortilégios” e nem se envolveu no “prestígio funambulesco da magia negra”, segundo a narrativa da revista. O texto foi articulado entre questões e respostas que ressaltava o processo do dr. Voronoff como científico, com base em longas observações, diferentemente dos processos do senso comum, considerados “sortilégios”.

Na importância dada ao descobrimento do Dr. Voronoff e sua aplicabilidade na restauração da saúde das pessoas, por meio do transplante de órgãos animais compatíveis aos dos seres humanos, percebe-se uma intenção de convencimento do público leitor por parte da revista *Eu Sei Tudo*. O cientista é descrito como um sábio que não se “contentava em dizer, mas ia ao terreno dos fatos”, tendo já conseguido em outras descobertas restituir o vigor e a mocidade de carneiros de idade avançada pelo enxerto de tecidos de glândulas intersticiais de carneiros novos. Portanto, por que não confiar em suas descobertas, sabendo-se que eram para o bem da sociedade e melhoria da raça humana?

O artigo termina, mencionando o destaque do dr. Voronoff em outras situações em que ele havia operado mães dedicadas, que “deixaram extrair do próprio corpo uma das glândulas tireóides para enxertar em seus filhos atacados de cretinismo” (tal como se concebia uma deficiência mental causada por hipotireoidismo congênito). O sucesso de tais intervenções – as crianças passaram a viver sem problemas cerebrais –, revelado em imagens, dos pacientes, prévias e posteriores a essas intervenções, foi referendado, ressaltando-se a publicação de trabalhos com esse tipo de imagem em periódicos respeitados, como *Lancet* e a *Scientific American*.

---

<sup>24</sup> Trecho do texto publicado na edição de julho de 1924, p. 38

Na maioria das vezes, a revista *Eu Sei Tudo* usava o argumento de “autoridade” para convencer seu público leitor acerca das descobertas e do progresso da ciência. O apelo à autoridade como garantia da verdade supõe que sábios cientistas, enquanto pessoas destacadas na sociedade e diferentes dos simples mortais, não dariam explicações contestáveis. Logo, as pessoas eram levadas não somente a terem contato com as descobertas científicas, mas também a compreenderem e acreditarem nos cientistas como entes com uma missão de sacrificar suas vidas em prol da humanidade, trazendo novos conhecimentos e benefícios.

A aceitação do público de conhecimentos veiculados em revistas não depende apenas do interesse pela ciência ou do convencimento pela provas. Ela depende também da relação de respeito que se teria com os cientistas e suas instituições, bem como da credibilidade do público leitor nos valores que os cientistas encarnam. Esse respeito pode resultar em interesse pela ciência, se as pessoas forem suficientemente motivadas pelas informações, ou se acreditarem nas revistas, pois a confiança dispensaria qualquer tentativa de compreensão.

Como se tem observado no debate contemporâneo sobre a compreensão pública da ciência, existe uma motivação maior do público em se adaptar a argumentos científicos relacionados aos “conhecimentos úteis”. Quando as pessoas descobrem os usos pessoais e práticos desses conhecimentos, elas se mobilizam em direção à sua compreensão. Não se trata apenas da compreensão, mas sim de uma capacidade notável de “apreender e descobrir fontes relevantes de conhecimentos científicos”, principalmente quando se trata de questões de autoajuda, de acordo com Brian Wynne (2005).

No editorial transcrito a seguir, podemos apreender a importância dada pela revista aos avanços da ciência para a melhoria da humanidade:

Ciência! Quando Brunetière a declarou falida em face de Deus e dos homens, cometeu o maior erro que jamais foi permitido a um crítico e filósofo: a ciência continua a caminhar agigantando cada vez mais seus passos e estendendo seu domínio cada vez mais avassalante e imperioso sobre todas as manifestações da vida.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Trecho do editorial publicado no mês de Abril de 1918, p.4.

Esse comentário dos editores da revista nos permite ver a importância que era dada à ciência naquele momento não somente para o país, mas para o mundo. Permite que nós percebamos também o destaque atribuído, pelos responsáveis pela revista, às consequências, diretas ou indiretas, da ciência na vida das pessoas. O referido Brunetière havia sido um membro da Academia Francesa, que em 1893 publicou uma série de estudos sobre história e literatura, além de vários panfletos de caráter polêmico, a respeito de questões relacionadas à educação, à ciência e à religião, segundo Hervé Serry (2004). Ao retomá-lo como contraponto, os editores procuravam neutralizar resistências e o ceticismo sobre futuro da ciência, assim como defender seus avanços.

Na revista *Eu Sei Tudo*, elaborações e questionamentos são apresentados, a nosso ver, com o intuito de provocar nos leitores reflexões sobre o conhecimento que estava diretamente ligado à melhoria da vida. Mas tal abordagem não excluía a ponderação sobre possíveis desvirtuamentos, por exemplo, às consequências futuras da dependência do homem aos avanços científicos. De acordo com o que se vê no mesmo editorial, o homem arrastado pela ciência, como um “satélite humilde e sem defesa”, conquistou espaços e chegou a níveis monstruosos de conhecimento. Para a revista, a ciência prosseguia inexorável e esmagadora, destruindo as suspeitas, mas também alguns dos encantos, e o sossego no vasto globo:

Tudo se curva a esse poder, tudo lhe serve para incitamento. Na paz a ciência mergulha com cruel satisfação na pesquisa de minúcias, oferecendo-nos de instante a instante a descoberta de novas moléstias, novos micróbios, novos veículos ainda mais rápidos e mortíferos, medicamentos ainda mais caros, operações cirúrgicas ainda mais arriscadas, fonógrafos ainda mais fanhosos.<sup>26</sup>

É curioso o tratamento grandiloquente, mas ambivalente da ciência. Tal editorial reforça a idéia de que os homens realmente estavam submetidos aos caprichos da pesquisa científica, que galgava cada vez mais novas descobertas, mas nem todas em prol do bem da humanidade. Todavia, é patente o determinismo ao qual o homem deveria se curvar. Senão teria como lutar contra esses conhecimentos, poderia refletir sobre o significado de seus frutos. A ciência então seria um bem? O futuro seria rejubilante e tranquilizador?

---

<sup>26</sup> *Ibidem.*

Se o editorial sugere uma resposta negativa a tais questões – “aprofundados e postos a luz, matam na alma humana os últimos restos de ideal que a origem divina nos deixara com o Sopro do Criador.”<sup>27</sup> – é preciso observar que são raros os posicionamentos em editoriais. É importante destacar também o fato de o conjunto da revista compor, como já foi citado acima, uma imagem diversa, pendendo fortemente para uma perspectiva cientificista, que projeta, no desenvolvimento da ciência, as soluções dos problemas com os quais a humanidade se defronta. No emaranhado dessas reflexões, era natural que se evocasse o contraponto com a religião. No entanto, isso não significava que a religião fosse desacreditada como uma forma de ver e conhecer o mundo. Era, contudo, profundamente desafiada, na medida em que a ciência era firmada como a verdade que permitia um desvelar dos mistérios colocados pela vida. A ciência era concebida como se fosse uma entidade própria, com formulações e padrões de posicionamentos diferentes daqueles que o senso comum utilizava.

A ciência também era apresentada como a lógica que impedia o falseamento promovido pela fantasia dos sentimentos e das emoções humanas, desvendados pela Psicologia e pela Psicanálise. Ao mesmo tempo em que as virtudes da ciência e suas especializações eram ressaltadas como soberanas nesse período, a revista *Eu Sei Tudo* não dispensava a ironia, referindo-se à ciência como sendo uma entidade intrusa no mundo privado das pessoas. A ciência era pensada por muitos como algo que viria modificar o modo de pensar e de agir. Isso significava mudanças de concepções, inclusive em relação aos mais profundos sentimentos humanos, como pulsões e desejos.

O texto “A desoladora sciencia”, publicado em 1930, possibilita-nos pensar os conflitos que se formavam frente a esses enunciados científicos, por exemplo, sobre o sentimento de ser mãe, que acabava modificando modos de vida que eram comuns. Os conflitos se davam na medida em que as pessoas se sentiam confrontadas e ou invadidas por certas abordagens científicas:

Este é o último de seus brutais atentados contra nossas mais doces ilusões e contra a poesia em geral.

---

<sup>27</sup> Trecho do editorial do mês de Abril de 1918, p.4.

O amor maternal, esse tão meigo e terno sentimento que inspirou a poetas, pintores e escultores tantas criações emotivas é, segundo os últimos descobrimentos de um sábio confinado no silêncio de seu laboratório, uma ação química produzida nos nervos e no cérebro, uma substância especial, a prolactina, um hormônio destilado pela glândula pituitária.

Para demonstrar a verdade de seu descobrimento, o sábio fez injeções de prolactina em galos, carneiros e bois...

Não tardaremos a encontrar nas farmácias comprimidos de prolactina para fazer dos homens boas mães de família. Amor maternal! Farmacêutico, ternura obtida pela deglutinação de pílulas ou cápsulas.

Horresco referes!<sup>28</sup>

Algumas vezes, as descobertas científicas não eram retratadas pela revista isentas de seus aspectos conflitantes com os valores morais da sociedade brasileira daquela época. Apesar de reconhecer que os fundamentos científicos foram fatos observados e experimentados, eles são apresentados como se sua objetividade retirasse o encanto das ilusões e da poesia, elementos também importantes para o bem estar social. Portanto, a revista também criava espaços para divulgar as obras de artes, poesias, músicas entre outras formas de conhecimento que se organizavam diferentemente da lógica racional.

## 5 - Conceituação

Antes de abordarmos os saberes científicos apresentados pela revista *Eu Sei Tudo*, faremos uma breve reflexão sobre alguns conceitos abordados na pesquisa como forma de situarmos nossa perspectiva de análise. Como observa Moema Vergara (2003), quando aplicamos um conceito e buscamos sua precisão, “não significa apenas aprofundar conhecimento sobre um determinado objeto, mas também criar novas possibilidades de estudo”.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Trecho de texto publicado em julho de 1930, p.55.

<sup>29</sup> VERGARA, Moema de Resende. *A revista brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República*. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2003. Tese, p.8.

A concepção de vulgarização científica é algo que nos ajuda a refletir sobre a relação entre o público, a ciência e a imprensa como meio de divulgação. Vulgarização da ciência é o termo utilizado pela revista *Eu Sei Tudo* em suas publicações, em artigos e textos nos quais se descrevem fatos, progressos, saberes e conhecimentos científicos, como também se realiza uma reflexão sobre eles. A diferença entre os termos divulgação e vulgarização é muito tênue, a não ser pelo caráter pejorativo que esse último termo adquiriu e que revela uma certa hierarquia entre cultura erudita e cultura popular, remetendo-se ao latim *vulgus*, “o comum dos homens” (VERGARA, 2003, p.11).

Vergara (2003) mostra como a origem do termo vulgarização científica é controversa. O termo era raro antes do século XIX e reflete o aspecto conturbado da relação entre a ciência, o público e as modificações que ocorriam naquele período. Na segunda metade do século XIX, muitas iniciativas foram tomadas para pôr os conhecimentos científicos ao alcance de um maior número de pessoas. Na história das ciências, nem sempre se encontram, com exatidão conceitual, os termos: vulgarização, divulgação, popularização, difusão, disseminação, alfabetização. Em muitas situações, eles são usados como equivalentes.

É consensual a necessidade de se ter “um nível mínimo de conhecimento científico para poder integrar-se na vida social dos centros urbanos dos países tecnologicamente desenvolvidos”.<sup>30</sup> Com o advento da ciência moderna em meados do século XVII, o homem foi se distanciando do mundo natural por causa das crescentes transformações que a ciência, aliada à técnica, promovia. Com o tempo, o desenvolvimento de novos meios de comunicação possibilitou a idéia de difusão do conhecimento sem barreiras ou critérios, os quais, pelo menos na sua intenção, diminuiriam a segregação. Ainda que na prática somente pessoas com uma posição social e econômica favorecida tivessem, de início, acesso a tais conhecimentos, mais tarde, com novos meios de comunicação e difusão do conhecimento, a vulgarização da ciência pode ter maior alcance social.

---

<sup>30</sup>BARROS, Henrique Lins de. A cidade e a ciência. In: MASSARAI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (orgs). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ. Fórum de Ciência e Cultura, 2002, p.28.



Por sua vez, na divulgação científica, considera-se haver um “processo de recodificação”, com a “transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência” (BUENO, 1985, p.1422). A divulgação científica não se restringe apenas a jornais e revistas, mas engloba também “os livros didáticos, as aulas de ciência do ensino fundamental e médio, os cursos de extensão não-especializados, as histórias em quadrinhos, os suplementos infantis, programas especiais de rádio e televisão etc” (BUENO, 1985, p. 1422). Dessa forma, ainda que a divulgação e a vulgarização científica possam ter os mesmos objetivos, considera-se que a distinção entre elas estaria nas características particulares do código utilizado e do profissional que o manipula.

Mesmo não sendo uma revista especializada em assuntos científicos, a revista *Eu Sei Tudo* assumiu a função de vulgarizadora de conhecimentos científicos, históricos e literários. Ela se posicionou como um impresso cujo objetivo primordial foi trazer, ao seu público leitor, as informações derivadas de várias partes da Europa, acerca dos avanços e progressos da ciência, por meio da publicação de artigos, textos, comentários e propagandas sobre experimentos e fatos científicos. Dessa forma, vulgarizava os conhecimentos científicos para o público. É nessa perspectiva que buscamos analisá-la: como uma revista que popularizava os saberes e conhecimentos sobre a ciência, mesmo quando, na sua maioria, esses conhecimentos eram frutos de publicações de outras revistas estrangeiras, que circularam em épocas diferentes em relação às revistas produzidas aqui, no país.

## **6 - Conhecimentos científicos na revista**

### **6.1 - Saberes traduzidos de revistas estrangeiras**

“Como se pode saber o peso da terra: um processo curioso”. Esse é o título de um artigo que por, julgá-lo bastante representativo da abordagem que *Eu Sei Tudo* faz da ciência, detivemo-nos nele em nossa análise e o retomamos aqui como um bom exemplo. O título – um questionamento inusitado – procura de início instigar a curiosidade do leitor. Todos entendem a questão, mas quase ninguém imagina como se

pode respondê-la. Mesmo que a solução não tenha implicações práticas para a vida das pessoas, ela carrega o leitor para o terreno das abstrações e de suas relações lógicas.

No artigo, afirma-se que:

Conhecer com a maior exatidão possível o peso do nosso planeta é questão que, desde há muito, preocupa os homens de ciência, porque nela está a solução de muitos problemas relativos ao mecanismo dessa grande máquina cósmica a que chamamos sistema planetário...

Poderíamos, por um momento imaginar a terra suspensa de uma balança que pendesse de um fortíssimo cabo entre duas estrelas, e o professor Newcomb, provido de um telescópio, lendo a cifra indicada na escala da mesma balança. Semelhante processo praticamente impossível, claro está, não é em teoria mais maravilhoso que aquele que o sábio norte-americano se propõe empregar.<sup>31</sup>

A maneira como o texto foi escrito, assim como o título, desperta a atenção do leitor para os mínimos detalhes que iam sendo ressaltados no processo de pesagem da terra. Não somente despertava curiosidade, mas levava o leitor a imaginar o processo científico que permitiu chegar ao peso da terra, algo por si só difícil de imaginar. Mas o artigo continua:

De fato, se pudéssemos colocar a Terra assim, numa balança gigantesca, teríamos a singular surpresa de ver que não pesava coisa alguma – nem uma grama sequer – porque o peso não é mais que a tendência de um corpo para responder à lei de atração da própria Terra, que neste caso, não existiria. Astronomicamente falando, a Terra só tem peso em relação à atração que sobre ela exercem os outros corpos celestes.

Mas, agora, trata-se de averiguar o que ela pesa, considerada como qualquer objeto terrestre, como se fossemos pesar, por exemplo, um desses globos terráqueos usados na escola.<sup>32</sup>

A didática empregada pela revista na descrição passo a passo de como foi possível chegar ao peso da terra, sem utilizar a balança, é merecedora da nossa atenção, na medida em que revela saberes não somente da astronomia, mas também da física. São introduzidas, para os leitores, noções geralmente restritas às literaturas científicas, tornando-as acessíveis a um público leigo, envolvendo-os nos conhecimentos e nos

---

<sup>31</sup> Artigo publicado na revista *Eu Sei Tudo*, em dezembro de 1921, p.86.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

avanços científicos. Assim, o artigo retrata o processo pelo qual o cientista chega às conclusões acerca do peso da Terra:

Para chegar a este resultado, o professor Newcomb vai empregar um curioso processo. Junto a uma montanha, vai suspender um grande pendulo e, pelo desvio da perpendicular que este experimente, calculará a força da atração da montanha. Feito isso averiguará o metro cúbico, que o volume da montanha soma e, pesando um metro cúbico da rocha que a forma, uma simples multiplicação lhe bastará para conhecer o peso da montanha inteira. Mas a montanha atrai proporcionalmente ao seu peso, e o mesmo sucede com a Terra.<sup>33</sup>

A revista atualizava o seu leitor em relação ao que estava acontecendo no mundo da ciência, fora das fronteiras nacionais e, dessa maneira, buscava integrá-lo à ampla comunidade de admiradores da ciência. Nesse caso, o foco era a astúcia do raciocínio científico. Não se enfatiza aqui as promissoras benfeitorias que essa perspectiva deverá trazer no futuro, nem as peculiaridades de seus promotores.

Mas esses outros aspectos que compõem o imaginário social da ciência aparecem enfatizados em outros artigos, como “O grande benfeitor”, publicado em janeiro de 1922, no qual se retrata a história de “Horácio Wells”. Ali se lê que Wells era um célebre dentista, homem observador e com espírito inclinado para as generalizações as quais, após participar de uma conferência em Connecticut, em 1844, decidiu comprovar os efeitos anestésicos do “protoxido de nitrogênio”, ainda desconhecidos. Ele fez com que colegas comprovassem a grande descoberta que ele mesmo havia experimentado. “Uma nova era se abre para nossa profissão, pois que nada senti”. Assim *Eu Sei Tudo* descreve o feito de Horácio Wells e o apresenta como “o homem que venceu a dor”.

No mesmo ano, um artigo, que ocupou três páginas inteiras, com diferentes ilustrações, fez menção aos feitos de Wells e afirmava que os sábios homens da ciência conseguiram ir mais longe que Wells, ao comprovarem que o homem é capaz de ser invisível. O artigo, intitulado “Uma legenda realizada pela sciencia: o homem invisível”, descreve os diversos meios de se tornar invisível. Esse artigo foi assinado por Mauríce Gouineau que, em um laboratório, descrevia todos os passos dos experimentos que estavam sendo feitos com a luz e como, através dela, a maioria dos fenômenos

---

<sup>33</sup> *Ibidem.*

visuais nasciam, entre eles, a reflexão, a refração e a absorção. De acordo com a revista, “todo o mundo sabe que o degrau de visibilidade de um corpo depende da existência e do valor desses fenômenos. Um corpo pode ter a propriedade de ser transparente ou translúcido; pode igualmente, possuir estas três propriedades a um tempo”.<sup>34</sup>

O texto faz referência ao leitor, mostrando que ele possuía alguma noção acerca dos saberes científicos. Essa noção poderia ter sido adquirida na escola, graças aos currículos, livros didáticos ou ainda por meio das divulgações que a própria revista fazia desses saberes. O importante é que, nesse caso, não se descreve esses conhecimentos para um público leigo no assunto, mas para aquele que já havia tido contato com alguma informação sobre ciência. Por isso, a menção de “todo mundo sabe” nos leva a ponderar sobre o público que se pretendia alcançar. Ao buscar envolver o leitor nesse ambiente científico, a revista reelabora o ponto de partida das explicações – “suponhamos que”, “olhemos através de”, “dizemos ao ver” – de forma a convidá-lo a interagir e a acompanhar o raciocínio.

Pelo que se pode constatar na leitura das edições desse período, as principais fontes e referências de *Eu Sei Tudo* não eram nacionais. Ao que parece, isso advinha menos de uma falta de interesse nos recursos nacionais do que da falta de dados e materiais para as edições. Essa interpretação é reforçada por notas editoriais divulgadas consecutivamente, ao longo das edições do ano de 1925 e que afirmam o seguinte:

**Eu Sei Tudo** agradece a seus leitores, que lhes tem enviado informações e fotografias sobre cousas de nossa terra e, no interesse de tornar conhecido tudo quanto diz respeito ao Brasil, pede a todos os seus leitores, que lhes enviem quaisquer dados, que julguem dignos de publicação. Publicaremos com grande prazer fotografias, notas e artigos sobre aspectos, factos históricos, costumes ou legenda de nossa terra.<sup>35</sup>

Embora a revista tivesse um caráter informativo, definindo-se pela inclusão de uma enorme diversidade temática, os assuntos referentes à elaboração de uma história e, especialmente, de uma ciência internacional ganharam destaque. A *Eu Sei Tudo* tornou-se, então, um espaço de divulgação do que se considerava serem os mais importantes

---

<sup>34</sup> *Eu Sei Tudo*, fevereiro de 1922.

<sup>35</sup> *Eu Sei Tudo*, edição de maio de 1925.

conhecimentos, novidades e avanços científicos alcançados no exterior, como também no país.

## **6.2 - Saberes produzidos no Brasil e divulgados pela revista**

Dominichi Miranda de Sá (2006) discorre em seu livro, *A ciência como profissão*, sobre algumas considerações importantes que ajudam a pensar a produção e a circulação dos conhecimentos científicos no país, entre 1918 e 1932. A autora traça um panorama historiográfico e mostra que os letrados brasileiros da virada do século XIX para o XX apresentavam-se e eram apresentados como intelectuais, pela maneira como se comportavam, pelos padrões de uso da linguagem, assim como pela educação humanista a qual fazia do seu reconhecimento intelectual um *status* que o corpo dos intelectuais representava publicamente. Sá (2006) afirma que, de Rui Barbosa a Miguel Ozório de Almeida, passando por Oswaldo Cruz, Roquette-Pinto, Euclides da Cunha, João do Rio e Afrânio Peixoto, todos eles participaram desse movimento. Esses intelectuais eram contemporâneos, viviam na mesma cidade, a qual caminhava rumo à modernidade. Eles participaram do movimento de especialização intelectual, ainda mais, por terem sido eleitos para a mesma associação intelectual do período: a Academia Brasileira de Letras (ABL).

O intelectual era reconhecido como um “criador cultural na medida em que ele pode ser no seu engajamento cívico, identificado ao patriota” (SÁ, 2006, p.16). Para a autora, os cientistas brasileiros das primeiras décadas do século XX, ao informar algumas características e perfis que reconheciam em si mesmos, estavam também se posicionando contra os padrões estabelecidos, idealizando uma nova identidade e um novo sentido para o seu mundo. A efervescência intelectual brasileira em fins do século XIX fez com que se começasse a pensar o processo de consolidação do Estado, quando os temas nacionais estavam sendo discutidos pelas elites. Os dois perfis da elite (político e letrado) podiam ser percebidos de acordo com os seus ideais de fundação da nação. De um lado, a relação com a exuberância do clima e da natureza tropicais, de outro, as propostas de leitura e escrita da História do Brasil. As elites estavam interessadas no desenvolvimento de um pensamento nacional. A nação a erguer, no sentido de modernizar, constituía o foco central de sua reflexão.

Os médicos se diferenciavam dos outros profissionais ditos “charlatões”: curandeiros, benzedeiros, herbalistas, barbeiros sangradores, espíritas, homeopatas, inclusive, médicos estrangeiros, que não tinham os diplomas reconhecidos no país. Os médicos dedicavam-se aos estudos experimentais nos laboratórios de análises químicas e bacteriológicas, promovendo com isso seu reconhecimento profissional na sociedade. A formação experimental permitia aos médicos, além do exercício da clínica, a construção social da figura do médico como profissional que se dedicava a um “número específico de fenômenos, utilizando-se de novas aparelhagens como microscópio, estufas, termômetros, reativos químicos, instrumentos de vidro como ampolas e pipetas”.<sup>36</sup> Essa nova tarefa exercida pelos médicos exigia deles um treinamento especial que os diferenciava da “arte médica” e os tornava profissionais capazes de cuidar dos males da saúde. Eles eram, portanto, dignos da confiança das famílias e da sociedade. Muitos deles exerciam suas funções nas clínicas privadas e ainda em instituições públicas como higienistas. Sá (2006) menciona, a título de exemplo, o caso de Carlos Chagas, cientista do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), que foi admitido instantaneamente, em 1910, para a Academia de Medicina, assim que descobriu a moléstia de chagas, em 1909.

Para Luciana Maria Viviane (2007), os médicos foram os intelectuais que mais cedo iniciaram a construção de seu campo profissional. “Escolas de cirurgias foram fundadas em 1808 no Rio de Janeiro e na Bahia, depois transformadas em Academias Médico-Cirúrgicas em 1813 e 1815 respectivamente, e depois estabelecidas como Faculdade de Medicina (1832)”.<sup>37</sup> Ela ainda afirma que a medicina, a partir da segunda metade do século XIX, bem como outros campos de conhecimento como a educação, a engenharia, “tiveram uma aproximação [das] doutrinas positivistas que levaram seus profissionais a sentirem-se responsáveis pela orientação e organização da nação”.<sup>38</sup>

Os métodos experimentais revolucionaram as tradições acadêmicas de instituições científicas consideradas como “sábias e teóricas”, que abrigavam profissionais formados por longos estudos, sem nenhuma prática experimental. O papel

---

<sup>36</sup> MARTINS, Ana Paula V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p.100.

<sup>37</sup> VIVIANI, Luciana Maria. *A biologia necessária: formação de professores e escola normal*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; São Paulo: FAPESP, 2007, p.83.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

desses novos profissionais produziu novos impactos na sociedade permitindo que novas figuras fossem formadas através de suas atuações, oratórias e conselhos. Reforçava-se, por meio dessas figuras, a visão do progresso atrelada à atividade científica e à inteligência humana para novas descobertas. Ao divulgar os artigos que tratam de progressos da ciência, ao apresentar os cientistas como sábios, pesquisadores dos seus experimentos, a revista *Eu Sei Tudo* contribuía para a expansão desse imaginário científico para a sociedade das primeiras décadas do século XX.

Sem se desfazer totalmente dos costumes da época, como fazer uso de tratamentos tradicionais, de remédios herbalistas, entre outros, a revista *Eu Sei Tudo* foi introduzindo a autoridade dos conselhos médicos como sendo o que havia de correto, o que trazia resultados mais rápidos e eficientes. Alguns casos e descasos de estudos médicos eram divulgados, no sentido de estimular cada vez mais a confiança das pessoas no importante trabalho de conscientização que era desenvolvido por eles tanto no âmbito privado, com as famílias, em particular, nas clínicas, quanto no âmbito público, reforçando a necessidade do saneamento público. O texto descrito a seguir é revelador da valorização da função dos médicos, reforçada por *Eu Sei Tudo*. Sob a rubrica “As grandes questões nacionais”, vemos o artigo: “A vulgarização da higiene – o combate as endemias que dizimam e degeneram nossa raça. O que já se tem conseguido nesse terreno”, que ocupa quatro páginas, ilustrado com fotografias, as quais mostram o trabalho que estava sendo realizado e as pessoas envolvidas nas pesquisas. Como a narrativa é bastante reveladora, retomamos aqui um trecho dela:

Uma vez, um médico ainda muito moço...

Isto começa assim, com ares de conto de carochinha, e, na verdade embora envolva um dos problemas mais graves e dolorosos do Brasil, sua marcha tem tido uma progressão tão rápida, com resultados de significação tão lisonjeira, que tem bem o aspecto de prodígio e milagre, que acompanham em geral os movimentos essenciais em nossa terra.

Uma vez, um médico ainda moço mas já notabilizado por seu saber e pela segurança de suas concepções científicas, o Dr. Miguel Pereira, tendo percorrido uma vasta zona de nossos sertões, resumiu suas observações do ponto de vista clínico em uma fórmula pungente: “O Brasil é um vasto hospital”.

Esse brado de alarma foi amplamente discutido por competentes e leigos, mas, a princípio, pareceu perder-se no vácuo, sem que lhe correspondesse um momento qualquer de reação ou defesa, e o Dr. Miguel Pereira, vitimado pouco depois por um

dos muitos males que ele vira espalhados por todo o território nacional, cerrou os olhos para sempre, sem haver visto surgir de seu triste aviso a menor consequência.

Porém outros médicos, igualmente apaixonados pela ciência e zelosos pelo futuro da raça, tinham-se empenhado em detalhar o problema e, entre eles, um de mais ardorosa pertinácia, o Dr. Belisário Penna, especializou-se na observação da morbidez geral nas zonas rurais da capital da República, estudando a um tempo o habitante e o meio em que vive, a atmosfera, o solo, a água, a habitação, os costumes... pois que em todos esses elementos havia colaboradores do mal. E seus estudos atentos, minuciosos, infatigáveis revelaram uma verdade consoladora. O mal era imenso e apresentava proteiforme, generalizado, com um poder formidável de destruição arruinando por toda a parte as energias quadruplicando a mortalidade infantil, depauperando os organismos criando uma geração raquítica, anormal.<sup>39</sup>

A explicação a seguir dada pelo Dr. Belisário mostra que essas endemias tinham causas muito simples e “facilmente removíveis”. A preocupação do momento era a conscientização da população rural quanto ao perigo que a falta de cuidados com o solo, a atmosfera e a água poderiam provocar, tendo, como consequências, doenças e índice elevado de mortalidade infantil. O povo precisava ser ensinado a aproveitar da melhor maneira aquilo que possuíam de mais precioso no país: a excessiva uberdade do solo, a grande umidade da atmosfera, a superabundância de água, isto é, “tudo quanto faz da nossa terra a mais rica e a mais fértil”, segundo as palavras do médico.

O Dr. Penna, como descrito no texto, era um médico experiente e havia percorrido o interior dos estados brasileiros para estudar a realidade da saúde pública. Ele dedicou sua profissão de inspetor sanitário às descobertas e à cura dos males que assolavam o país. Em um estudo recente sobre Belisário Penna, Eduardo Vilela Thielen e Ricardo Augusto dos Santos (2002) apresentam seu percurso: em 1913, ele percorreu os estados do Pará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, para estudá-los como fizera em relação aos estados do Norte e do Nordeste. “Depois reassumiu o cargo de inspetor sanitário no Rio de Janeiro, passando a trabalhar nos subúrbios da Leopoldina”.<sup>40</sup>

Depois de um longo tempo de experiência de observação pelo país como inspetor sanitário, Dr. Penna publicou o relatório da viagem pelo Nordeste e pelo Centro-Oeste do Brasil, em 1916. Nesse mesmo ano, instalou, no Distrito Federal, o

---

<sup>39</sup> Parte do texto extraído da revista *Eu Sei Tudo*, setembro de 1922, p.71-72.

<sup>40</sup> THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2002, p.9.



primeiro posto de profilaxia rural do Brasil, trazendo, para a opinião pública, a realidade da saúde no interior do país. Esse relatório está publicado em “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz”.

Segundo o texto da nossa reflexão, alvo de nossa análise, esse médico, que havia constatado o problema de algumas populações no Distrito Federal, falou sobre a gravidade do problema sanitário que estava assolando o país e, inclusive, das consequências drásticas que poderia provocar. Então, ele mesmo, o Dr. Belisário Penna, trouxe a solução viável e prática para que as pessoas que viviam ao curso do rio de Mello (Distrito Federal) não sofressem mais ainda com a proliferação dos mosquitos e com os males do “impaludismo”. Essas informações retratam a situação das práticas sanitárias urbanas no Brasil, naquele período, e no seio da família. A revista *Eu Sei Tudo*, descrevendo esse episódio, apresentava os médicos-higienistas e sanitaristas como autoridades para tratarem do saneamento e da higiene pública do Brasil. Para isso, era preciso educar os habitantes das cidades, conformando-os como sujeitos urbanos e civilizados. Quando a revista *Eu Sei Tudo* divulgava e incentivava os discursos desses médicos, reforçava, no imaginário das pessoas, a necessidade de terem de seguir as orientações dadas por esses profissionais no sentido de colaborar com a saúde pública e, conseqüentemente, com a saúde individual.

Não se tratava de divulgar as falas de um médico qualquer, mas sim de um médico que, na época, era professor da FMRJ (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) e presidente da ANM (Academia Nacional de Medicina). Uma pessoa que havia dedicado parte da sua vida aos estudos e à pesquisa tinha capacidade e segurança para opinar sobre assuntos de extrema importância para a saúde e para a vida das famílias, para a saúde pública.

Ao informar as questões políticas ligadas ao trabalho desses médicos, higienistas e sanitaristas, e também as dificuldades enfrentadas por eles quanto à pesquisa, a revista de certa forma mobiliza o leitor a se engajar no apoio a tais empreendimentos. A ênfase na situação doentia em que o país se encontrava se articulava com a necessidade de um tratamento eficaz, que poderia ser efetivado pelos ilustres médicos. Nesse sentido, *Eu Sei Tudo* se alinhava com outras iniciativas de conscientização da população em relação

a esses problemas e aos caminhos que as autoridades competentes deveriam seguir para garantir a saúde das famílias e a saúde pública brasileira.

O tratamento dado por *Eu Sei Tudo* à questão da saúde das famílias, bem como à questão da saúde pública procurava se apresentar como baseado em relatórios de expedições científicas que percorreram o interior do país. Segundo a revista, tais expedições haviam se estendido a áreas longínquas dos estados e das regiões e traziam diagnósticos fundamentais para uma redescoberta do Brasil, impulsionando a campanha pelo saneamento.

O discurso do Dr. Pereira, retratado pela revista, ia no sentido contrário ao dos apelos ufanistas e românticos de alguns intelectuais e políticos que insistiam em manter o país desconectado da modernidade e do desenvolvimento, evocando uma atenção especial por parte de todos os que se encontravam engajados na luta pela ordem e progresso. Médicos, higienistas e sanitaristas são descritos como pesquisadores que ofereciam os seus tempos e as suas vidas em prol do bem e do progresso da humanidade. Pessoas apaixonadas pela ciência e zelosas pelo futuro da raça.

As análises realizadas ao longo dessa pesquisa propiciam interpretações iniciais que reforçaram a hipótese segundo a qual a revista *Eu Sei Tudo* foi um importante elemento na compreensão da imagem acerca da ciência da época, o período compreendido pelos anos de 1918 e 1932. A revista tentou acompanhar e reproduzir os progressos científicos que aconteceram em várias áreas de estudo e em vários países do mundo, sempre destacando a importância desses progressos para a sociedade da época. Esses exemplos ajudam a pensar sobre a imagem de um cientista, divulgada pela revista *Eu Sei Tudo*. Levam-nos a refletir como essa imagem teria feito com que os leitores, na interpretação de textos, formassem concepções sobre cientistas como sendo sábios, perseverantes, rigorosos e que, acima dos valores mundanos e interesses materiais, dedicavam-se inteiramente a pesquisas que tinham como fins o progresso e o bem estar da humanidade no futuro.

Isso pode ser percebido nas descrições e destaques dados às pequenas invenções, à tecnologia em geral que, constantemente, fazem parte de algum artigo ou ainda de imagens em preto e branco, em uma reprodução de excelente qualidade, mostrando a sua praticidade no lar ou nas fábricas. A imagem da ciência, transmitida pela revista, é

aquela que exerce a responsabilidade social no que se refere às instituições e a seus representantes. Desse modo, a revista participava do processo civilizatório da modernidade, combatendo os males sociais com um trabalho de divulgação da ciência e com a modernização dos costumes. Assim, foram sendo criados e delineados novos hábitos de acordo com várias áreas de estudos, que concorrem para a sua solidificação como ciência e ou tecnologia, com fins de praticidade à vida moderna.

No próximo capítulo, veremos de que maneira a revista contribuiu para informar e conformar a mulher-mãe brasileira nas primeiras décadas do século XX, como uma mulher moderna, capaz de viver em uma sociedade que visava exterminar hábitos de saúde inadequados, tomando a informação e a formação científica como base na sua educação.

## **CAPÍTULO II - A revista *Eu Sei Tudo* e o mundo feminino**

### **1 - Estudos sobre mulheres como sujeitos históricos**

A ascensão feminina na História também se deve à História Cultural, que, nas últimas décadas do século XX, enfatizou novas temáticas e se interessou por grupos sociais, os quais, até então, eram excluídos do seu interesse. Por se abrirem as possibilidades de investigação, as mulheres se tornaram objetos da pesquisa histórica, assim como sujeitos da história. Joan Scott (1992), em seu artigo: “História das Mulheres”, afirma que a “emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história. Mas esta não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava faltando”. Para concluir, escreveu:

a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudos, sujeitos de história [...]. Entretanto, desde que na moderna historiografia ocidental, o sujeito tem sido incorporado com muito mais frequência como um homem branco, [...] reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado.<sup>41</sup>

Joan Scott ainda questiona certa cronologia na produção da história das mulheres. Segundo a autora, na maioria das análises, a história produzida passa de saberes relacionados aos movimentos feministas para, em seguida, estabelecer-se como saber acadêmico, culminando com o surgimento e a utilização da categoria gênero. Para Scott (1992), a “emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise”.<sup>42</sup> Andréa Lisly Gonçalves (2006) ressalta o fato de que a história deveria se aprofundar num relato mais complexo que levasse em conta as diferentes posições das mulheres na

<sup>41</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKER, Peter (org.). *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p.75 e 77.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.65.

história, o movimento feminista e a própria disciplina. Para Gonçalves, os estudos sistemáticos sobre a “condição feminina” surgem da efervescência em torno da afirmação da igualdade entre os sexos e dos resultados concretos que vinham dessa igualdade, como uma maior presença de mulheres no meio acadêmico. Por exemplo, no campo da História, surgem estudos ligados à “história das mulheres” (2006, p.64).

Para Scott, a multiplicação de trabalhos sobre a história das mulheres, produzidos a partir de pesquisas empíricas “não apenas questionavam as periodizações correntes, como também redefiniam o lócus de exercício de poder, agora não mais limitado ao espaço público, demonstravam que as mulheres haviam influenciado nos acontecimentos históricos [...]”.<sup>43</sup> Essa nova abordagem também permitiu uma crítica ao sujeito universal da história, o homem branco, como até então aparecia na narrativa histórica. Esse momento ainda contribuiu para que se mostrasse “uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas”.<sup>44</sup>

Novas questões se desencadearam e tomaram como ponto de reflexão a coletividade das mulheres. A história social, ainda que não apenas ela, reconhecia que havia problemas de categorização dessa coletividade. Ao se considerar as questões étnicas, raciais, culturais, a história social reconheceu que não era possível se referir às mulheres como um grupo único, homogêneo.

Tendo o público feminino como um dos alvos principal da revista *Eu Sei Tudo*, procuramos entender como as mulheres nesse período, tiveram acesso a educação, seja ela no plano formal, seja ela no plano informal.

## **2 - A educação da mulher no Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX**

A educação das mulheres nesse período concentrava-se na preparação delas para as suas funções de esposas e mães, segundo Hahner (2003). As meninas aprendiam

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.66.

<sup>44</sup> SCOTT, *op. cit.*, p.68.

basicamente a cuidar bem de suas casas, pois isso lhes era ensinado desde cedo, a fim de que garantirem a felicidade dos homens. Contudo, de acordo com a autora,

alguma educação era bem acolhida, pois se tornariam melhores mães para os filhos e melhores companheiras para os maridos [...] Embora o homem tradicional e o progressista assumissem juntos que as mulheres pertenciam ao lar, o segundo admitia o papel da mulher na família, enfatizando-lhe o poder de orientar moralmente suas crianças e fornecer bons cidadãos ao país.<sup>45</sup>

Para Hahner (2003), esses argumentos justificavam a ampliação da educação das mulheres apenas o suficiente para que se adequassem as responsabilidades da educação da orientação moral das crianças. A autora prossegue seu raciocínio, mostrando que “ainda que a educação fosse uma prerrogativa exclusiva de uma minoria bem-nascida e socialmente privilegiada, ao contrário dos homens, um número muito pequeno de mulheres, independente de classe, recebiam alguma escolaridade”.<sup>46</sup> Segundo o censo de 1872, apresentado por Hahner, o Brasil tinha uma população total de 10.112.061. Desse número, apenas 1.012.097 homens livres, 550.981 mulheres livres, 958 escravos e 455 escravas eram capazes de ler e escrever.<sup>47</sup> Portanto, melhorias na alfabetização da população e, de um modo geral, na educação poderiam ajudar o país a entrar no mundo moderno que utilizava a alfabetização, isto é, a leitura e a escrita, para o aprendizado de novas habilidades. A alfabetização, nesse sentido, era importante para se ter acesso a outros pontos de vista e para a produção de mudanças no comportamento tradicional.

Mas no Brasil, a educação das meninas permaneceu atrasada em relação à dos meninos. Isso porque a leitura para as mulheres não deveria ir além dos livros de orações e receitas, já que o acesso à leitura traria a ela a liberdade inclusive de opinião. Para Hahner,

A idéia da educação escolar para meninas foi-se somando lentamente à idéia mais antiga de educação doméstica, embora a escolaridade que lhes destinavam não fosse idêntica à dos meninos [...] Com o tempo as meninas ricas não apenas aprenderam a preparar bolos e doces e a coser, bordar e fazer renda, mas também puderam estudar

---

<sup>45</sup> HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p.123.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.55.

<sup>47</sup> *Ibidem*, *idem*.

francês, piano e a dançar, e, com tais predicados, oferecer uma companhia mais encantadora e elegante nos encontros sociais.<sup>48</sup>

Apesar das mudanças que ocorreram nas cidades, na segunda metade do século XIX, poucas alterações acabariam ocorrendo com as mulheres mais pobres, ainda que essas mudanças tivessem trazido novas realizações para mulheres, ao ponto de um número expressivo delas receber educação. Cabe mencionar sobre o aspecto da educação feminina no Brasil, o trabalho de Gouvêa (2003) como contraponto que minimiza essa idéia determinista, marcada pelas diferenças de classes, e a autora mostra que no Brasil, ao longo do século XIX, a educação dos meninos e das meninas irá assumir contornos diferenciados os quais não se encontram definidos apenas pela identidade social do aluno, mas também e inclusive pela composição étnico-racial da população.

As crianças da elite normalmente eram educadas em casa. Os pais preferiam pagar tutores particulares ou internavam suas filhas em escolas de freiras<sup>49</sup>. Outras ainda, de famílias menos ricas, frequentavam outras escolas particulares, desde que elas fossem acessíveis à renda dos pais.

As crianças pobres frequentavam escolas primárias públicas. A educação feminina, de forma indireta, estava abandonada nas mãos de mulheres mal pagas e mal instruídas. Se levarmos em conta que os professores de instituições de ensino público e particulares não eram bem preparados, a educação formal estaria comprometida também. Houve, por isso, a necessidade de criação de mais escolas normais destinadas a formar professores primários.

Essas escolas profissionais, que, no final do século XIX, já se consideravam mistas, não preparavam as meninas somente para a carreira de ensino, mas também lhes ofereciam oportunidades de continuarem sua educação. Mesmo que muitos homens ainda fossem resistentes ao ingresso das mulheres na sala de aula, no final do século XIX, “o magistério era geralmente aceito como uma extensão do tradicional papel de nutriz, num sentido amplo, da mulher-mãe”.<sup>50</sup> Logo, o ensino foi considerado, aos

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.57.

<sup>49</sup> Nos finais do século XIX, as freiras já se encarregavam de inúmeras tarefas necessárias à sociedade, particularmente no campo da educação. Os conventos eram os poucos espaços que abrigavam algumas meninas para serem educadas (DEL PRIORY, 1997, p.488).

<sup>50</sup> Hahner, *op. cit.*, p.80.

poucos, como o lugar de realização profissional feminino e o seu lugar de status. É bom ressaltar, contudo, que a escola normal não atraía mulheres de estratos mais privilegiados da sociedade, porque elas não tinham no ensino um dos meios dignos de ganhar a vida. Essa modalidade atraía, sim, mulheres pertencentes a famílias menos poderosas e sem grandes fortunas.

Os homens, preocupados com o futuro de seus filhos e sabendo da influência que as mulheres exerciam na vida das crianças, decidiram investir na educação de suas mulheres, mães de seus filhos. Sendo assim, concluíram que elas “podem ter outra influência que não seja sobre as panelas ou outra missão além das costuras”. Afinal de contas, era com as mães que as crianças aprendiam as primeiras lições e obtinham sua educação moral. A tarefa da educação das crianças, principalmente dos meninos, atribuía às mulheres um novo valor social, pois elas poderiam modelar e mudar mentes e corações em relação a uma mentalidade dominante, em que a superioridade masculina estava posta. Com isso, as mulheres, de certa forma, ajudariam todas as mulheres. Daí, a importância da educação feminina, que colocaria as mulheres num novo patamar, transformando-as em educadoras sociais.

Nos finais do século XIX e no início do século XX, as classes mais abastadas operavam com esse pensamento, na medida em que viam que as mulheres mereciam não somente respeito, mas também educação adequada, a qual as capacitaria para cumprir suas obrigações. Estava-se construindo, nesse momento, juntamente com as diferentes discussões sobre o papel da mulher na sociedade e sua educação, a representação do que seria a função social de uma mulher-mãe. Construía-se a idéia de que ser mulher, especialmente mãe, é uma posição respeitável e, de alguma maneira, elevada. Se essas considerações tinham a pretensão de tirar a mulher do seu círculo familiar ou reforçar esse que seria seu lugar, a revista *Eu Sei tudo* nos dará mais informações nessa direção.

### **3 - O mundo feminino de uma revista de variedades**

A Revista *Eu Sei Tudo*, como as demais revistas consideradas de variedades, dedicava-se a uma gama extremamente diversa de situações, refletindo uma forma de tentar alcançar um maior número de assinantes e a ampliação do seu mercado. Apesar



de haver semelhanças entre essas revistas, é possível distinguir o direcionamento a públicos diversificados. Esses impressos eram revistas de variedades; portanto, ao mesmo tempo, “femininas, masculinas, infantis, esportivas, pedagógicas e educacionais, humorísticas, literárias, voltadas para os interesses do comércio, lavoura ou indústria, sem esquecer o mundo do trabalho, que seguia caminhos próprios, fora do âmbito do mercado”.<sup>51</sup>

De acordo com De Luca (2001), a publicidade nessas revistas estava diretamente ligada à vida urbana do início do século XX e teve uma grande influência na imprensa periódica, a ponto de se transformar na sua principal fonte de recursos. Daí, a sua importância em pesquisas historiográficas como fonte para a compreensão da paisagem urbana, das representações e idealizações sociais, bem como dos diferentes estilos e padrões de vida que a cidade e suas expectativas propunham aos sujeitos sociais diante da modernidade que se delineava.

As tendências européias eram copiadas, e a imprensa favoreceu muito a reprodução e a publicação de gravuras sobre moda. A necessidade estava criada; havia, portanto, um mercado. Foi por isso que as primeiras publicações dirigidas à mulher, no Brasil, traziam moda. Jornalismo feminino, nessa época, significava basicamente moda e literatura<sup>52</sup>.

Jornais e revistas tornaram-se instrumentos recorrentes de informação naquele período. Aos jornais cabia o noticiário dos últimos acontecimentos, notícias imediatas, alguns com teor político, enquanto as revistas se debruçavam sobre temas variados, com informações mais elaboradas e tendo, como principal meta, o anúncio das últimas descobertas sobre as matérias abordadas.

Quando a revista assumiu a função de trazer até o público, de uma forma acessível, divertida e ilustrativa, aquilo que era de difícil acesso e entendimento, assumiu a função formadora de seus leitores para o mundo quase inacessível da ciência,

---

<sup>51</sup> MARTINS, 2001, *op. cit.*, p. 22.

<sup>52</sup> O Sexo Feminino, por exemplo, é um jornal que foge bastante desta perspectiva de difusão de moda. Este jornal tinha como subtítulo Semanário dedicado aos interesses da mulher, e que tinha como plataforma a emancipação, instrução, trabalho das mulheres, o que chamava de participação consciente da mulher nas questões de interesse social. Inclusive O Sexo Feminino criticava a vaidade excessiva das mulheres do seu tempo, tendo nela (na vaidade) um elemento de subjulgação masculina. Fazia parte de uma imprensa combativa, de defesa de idéias, que, muito mais que informar, intentava-se *enformar* suas leitoras e leitores (Nascimento, 2004).

da arte, o qual poderia contribuir com a elevação cultural e moral dos sujeitos e, portanto, com a constituição da cultura nacional. Percebe-se que o amor ao país e o desejo de ser útil aos cidadãos da pátria foram, muitas vezes, os ideais dos editores das revistas. Eles queriam, provavelmente, compartilhar, com seus leitores, questões da vida privada, fazendo-os refletir sobre objetos do bem comum e a valorização da pátria.

Segundo Martins (2001), a modalidade *revista ilustrada* passou a ser a modalidade preferencial da população leitora. Esse tipo de revista acentuava a magia da ilustração, embalada pela publicidade de bens de consumo e potencializava as características comerciais do gênero: “da revista”. A autora observa que esse tipo de impresso permite que se tenham notícias de diversos assuntos numa leitura fragmentada, e por vezes não contínua. O conteúdo, por ser fragmentado, acaba transformando a leitura do periódico, que resulta quase sempre em publicação datada. Essas são algumas das características que tornam esse gênero de revista, com seu caráter condensado, informativo e formador, uma expressão documental de representação de grupos sociais, visto que, para Buitoni (1981), o “impresso revista surgiu como objeto imprescindível [...] [do] cotidiano, fosse para homens de negócios ou mães de família, crianças em idade escolar, moçoilas românticas e/ou em busca de último figurino – moças revisteiras”.<sup>53</sup>

Vale destacar, assim, que um dos objetivos deste capítulo é abordar a revista *Eu Sei Tudo* como um impresso periódico, que contribuiu na apreensão de várias facetas do campo educativo direcionado às mulheres, seja ele no plano formal, seja ele no plano informal do período estudado. A revista *Eu Sei Tudo* foi um importante mediador entre diferentes tempos e espaços, tendo como referência o tempo de sua edição ao longo de 40 anos e sua circularidade em quase todo o território nacional, aproximou hábitos, práticas, conhecimentos, fazendo com que eles se entrecruzassem e adquirissem novos significados e novas funções, interferindo diretamente no dia a dia dos seus leitores. Por sua grande mobilidade, a revista *Eu Sei Tudo* foi analisada como uma revista que ajudou tanto a organizar idéias, quanto a dar sentido ao novo modo de vida que estava se delineando com a modernidade. Desse modo, criou um sistema de conexões dentro do universo cultural no qual transitava.

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.97.



Figura 4 – Revista *Eu Sei Tudo*, edição de janeiro de 1923.  
As atitudes essenciais da mulher: a toilette.



Figura 5 – Revista *Eu Sei Tudo*, edição de janeiro de 1923.

As astitudes essenciaes da mulher: os cuidados de beleza.

Nas duas primeiras décadas de sua edição, a revista *Eu Sei Tudo* investiu consideravelmente no universo feminino, publicando textos que ensinavam a mulher brasileira a adquirir atitudes e posturas corretas, dignas de uma mulher européia e moderna.

A busca pela modernidade brasileira passou por uma rede complexa de construções concretas e simbólicas, na qual se “geravam signos e códigos que significavam os esforços de [...] construir uma nova identidade e uma nova memória da cidade [...]. o desejo da cidade ideal deu forma à modernidade brasileira”.<sup>54</sup> O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, a imprensa ilustrada, o rádio e o cinema intensificaram o papel do Rio de Janeiro como a capital da República, fazendo com que a cidade se destacasse rumo a grandes transformações que aconteciam pelo mundo todo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Nas palavras de Nicolau

<sup>54</sup> DOURADO, Rosiane de Jesus. *As formas modernas da mulher brasileira (1920-1939)*. 2005, 149 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, p.5.

Sevcenko, o “Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima”.<sup>55</sup>

As novas técnicas e os novos modos de vida ajudaram a construir os novos tempos que a modernidade anunciava na moldura mítica do Rio de Janeiro, conforme Sevcenko (1998). A tecnologia havia se tornado num poderoso índice de urbanização e, com ela, vieram as transformações e ampliações do espaço público, inclusive para se viver a privacidade, como é o caso, por exemplo, da situação de sair de casa para tomar café em um bar. Costumes que antes faziam parte apenas dos espaços privados eram transportados para os espaços públicos, causando mudanças de comportamentos e novas adaptações a esses espaços e a suas funções. As referências simbólicas estavam sendo moldadas pela interferência tecnológica no dia-a-dia das pessoas. O ser moderno implicava necessariamente alguma relação com as novas tecnologias.

A nova paisagem que se estabelecia nas cidades, as trocas de aparências paroquiais por atmosferas cosmopolitas e metropolitanas ajudavam mais ainda a construir novas formas sociais, embora se guardasse muito da tradição; apesar da heterogeneidade da população que povoava as cidades. Nelas, encontravam-se imigrantes, egressos da escravidão e representantes das elites que se mudavam do campo para as cidades. Essa heterogeneidade representava, para muitos críticos, imperfeição e desordem na construção de uma nova paisagem urbana, até mesmo pelas diferenças que compunham cada parte dessa população, tal como evidenciam Marina Maluf e Maria Lúcia Mott (1998).

Para Martins (2001), a “mudança de regime, a negação dos estereótipos do Império, a virada do século, a revolução técnica, o estrangeiro ombreando-se com os da terra, o apreço científico, o politécnico em lugar do bacharel – todos esses movimentos introjetavam temor, inquietação, projetos audaciosos, expectativas de mais transformações”<sup>56</sup> na sociedade da primeira metade do século XX. Como resultado, as

---

<sup>55</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.522.

<sup>56</sup> MARTINS, *op. cit.*, p.119.

mudanças se tornaram visíveis e a ordem social corroeu, graças às “quebras de costumes, [às] inovações nas rotinas das mulheres e, principalmente, [às] modificações nas relações entre homens e mulheres”.<sup>57</sup> Essas mudanças incomodaram os intelectuais da época, que se viam atemorizados pelos resultados dos balanços feitos na década de 1920, na literatura, nas artes cênicas, no projeto urbano. Esse balanço os levava a repensar os novos rumos tomados pelas cidades, desde a independência do país. “Justamente porque todo o quadro social se embaralhou, é preciso reformular uma nova configuração da ordem”,<sup>58</sup> e nada melhor do que se apelar para o jornalismo em que as colunas sociais assumiam a função de modeladores e conformadores de hábitos e comportamentos.

A modernidade trouxe novas possibilidades para as mulheres, denominadas por alguns de “frivolidades mundanas”. Essas possibilidades as desertaram do lar; mostraram a elas um novo mundo fora da intimidade da casa, os passeios, os chás, as visitas, os tangos. Tais mudanças chegavam a ameaçar o “mais importante ‘suporte do Estado’ e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da ‘modernidade’”; a saber, a família.<sup>59</sup> Com as constantes saídas da mulher do lar, parecia abrir-se espaço para a desordem e a falta de cuidado delas com o espaço doméstico, com o marido e com os filhos.

A configuração de uma “nova mulher” moderna é destacada por Leoní Serpa (2003). Em seus estudos de Mestrado, Serpa aborda a questão da modernidade e a mulher na revista *O Cruzeiro*. A seu ver, as revistas, no início do século XX, mostravam uma “imagem relacionada às mudanças de um país que despia suas mulheres de saias longas e as urbanizava com biquínis, blush, e pó-de-arroz, ou seja, que buscava moldar o comportamento feminino com novas formas de vestir e de se mostrar para a sociedade”.<sup>60</sup>

---

<sup>57</sup> MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.371.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p.537.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.372.

<sup>60</sup> SERPA, Leoní Teresinha V. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. 2003, 182 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, p.12.

É preciso entender o que significava o “novo tempo” e “uma nova mulher” no contexto de mudanças produzidas nos finais do século XIX e no início do século XX. É conclusiva, para vários estudiosos da questão, a visão segundo a qual as primeiras décadas não traduziam propriamente novos tempos, mas sinais da modernidade. Tomamos o estudo de Rosiane de Jesus Dourado (2005) sobre as formas (gráficas, fotográficas e plásticas) de representação feminina nas primeiras décadas do século XX para nos ajudar a entender como essas imagens divulgavam aspectos da modernidade e caracterizavam a mulher da época como uma nova mulher.

Segundo esse estudo, todo o processo de mudanças empreendido na época gerou transformações e novidades nos códigos sócio-culturais que acabaram influenciando também as representações dos objetos e dos indivíduos. Nas modificações das relações de convívio e de consumo, estava também a busca pela identidade de grupos que passavam a ocupar lugares de maior destaque na organização social, segundo Dourado (2005, p.6). Entre esses grupos, estava a elite urbana, que representava a força econômica do país, constituída por industriais, latifundiários e banqueiros, mas também por alguns indivíduos oriundos das camadas médias da população. Era um grupo heterogêneo inclusive quanto aos meios para mudar as estruturas políticas da República.

Vale notar, por fim, que os mais influenciados pela imprensa, eram os grupos da classe média, ou seja, a pequena burguesia urbana. Ela era a camada que mais ascendia socialmente, e esse era o público alvo da revista. Tal público influenciava e era influenciado pelos jornais e pelas revistas.

### **3.1 - Mulher alvo da revista**

Em sua edição de novembro de 1919, a revista *Eu Sei Tudo* traz à tona a imagem que em outros países se fazia da mulher brasileira. O artigo “Como se julga a mulher brasileira” narra o seguinte:

Uma das revistas mais conhecidas da America do Sul – *Caras y Caretas* – publicou recentemente um artigo sobre a mulher brasileira.

Transcrevemos, a título de curiosidade, este trecho lyrico, que, como reclame das nossas lindas patricias, não poderia ser melhor:

“Seu cabelo negro e brilhante cai, às vezes, naturalmente ondulado, sobre suas espáduas, emoldurando magnificamente seu rosto oval de tez mate, em que fulguram dois grandes olhos de olhar intenso e sugestivo. Há beleza em seu corpo e flexibilidade em seu talhe, como em suas mãos delgadas e pés pequenos; e há tal majestade em suas maneiras e em seu andar que parece sempre uma rainha poderosa, descida do seu trono”.

E, quanto ao moral, diz o artigo:

“No moral, nunca desmente a Brasileira sua honrosa fama de modesta, o que mais ressalta ainda quando comparamos com o afã de ostentação por vezes exagerado, que domina o belo sexo de outros países do nosso continente. Há sempre nela carinho por seus filhos e sua preocupação constante é dar ao esposo todo o cuidado de que necessita. Ama com delírio a música e dança, sendo seus cantos muito sentimentais e de infinita voluptuosidade. Quando, nas noites de luar cruzais a Bahia sempre tranqüila do Rio de Janeiro, ouvis canções tão melodiosas que mais parecem trinos de aves do que cantores de ser humano”.<sup>61</sup>

Os editores da revista tentaram passar uma imagem da mulher brasileira lançando mão de vários aspectos, entre eles o que está no centro dessa nossa pesquisa: os saberes médicos que a mulher deveria possuir para a sua atuação em casa, junto à sua família e também fora, como membro da sociedade.

Refletindo acerca das duas imagens e representações de mulher moderna e mulher brasileira, percebemos que existiam divergências na construção do imaginário de cada uma delas. A divergência não era alvo de discussão ou reflexão da revista (e sim, a promoção da mulher brasileira como uma mulher ativa no seu tempo e tal qual as européias, ela deveria exercer da melhor maneira a sua função de esposa, dona-de-casa e mãe). Isso nos permite observar as tensões que faziam parte dessas construções, na modelação de cada imagem, adaptando-as de acordo com as necessidades e ênfases destacadas como o lugar da mulher em diferentes contextos.

A coexistência desses dois modelos veiculados por *Eu Sei Tudo* transparece no seu posicionamento paradoxalmente cambiante frente ao papel da mulher. Às vezes, revista ora enfatizava uma atitude liberal, que incentivava a mulher a trabalhar fora, ser independente do salário do marido, a fumar e a sair sozinha ou com amigas para passear nas ruas, inclusive acompanhada por estranhos. Outras vezes, ressaltava a atitude da mulher mais reservada, sempre protegida pela família, aquela considerada a rainha do lar, que, quando saía de casa, deveria ser acompanhada pelo marido ou outros membros da família, mesmo quando eram saídas para realizações de visitas e ações filantrópicas.

<sup>61</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, trecho retirado do texto editado em novembro de 1919, p.79.



Era, nas cidades, o lugar onde aconteciam mudanças mais visíveis dos comportamentos e representação das mulheres, que trocaram a aparência “paroquial” por uma “cosmopolita e metropolitana”. O próprio processo de mudança, segundo o qual as cidades se moldavam graças a novas perspectivas cidadinas, permitia a absorção de uma heterogeneidade que os novos tempos traziam consigo. Maluf e Mott (1998) descrevem esse processo como sendo próprio de tempos de questionamentos, experiências e linguagem novas que as cidades também passaram a sintetizar. As autoras afirmam que, para alguns intelectuais da época, havia uma suposta “corrosão da ordem social”, que levava à quebra dos costumes e trazia mudanças nas rotinas das mulheres e, principalmente, nas suas relações familiares.

Sendo assim, havia a necessidade de “disciplinar” toda e qualquer iniciativa tida como ameaçadora à ordem familiar, “única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da modernidade”.<sup>62</sup> O artigo “Feminismo”, citado mais a frente, veremos como ele reflete o temor que esses intelectuais tinham em relação à emancipação feminina. Se o direito ao voto já havia sido conquistado, recomendava-se saber “manter a cabeça no lugar, para não fazer da liberdade um erro fatal”. A liberdade permitiria às mulheres o esquecimento dos sentimentos mais sublimes com que a natureza as teria equipado: o amor, o cuidado com a família e a compreensão em relação ao esposo.

Essa representação da mulher brasileira foi sendo construída nas primeiras décadas do século XX, por meio de discursos ideológicos que conjugavam visões conservadoras e reformistas com suas diversidades. Como observam Maluf e Mott (1998), isso significou, em certa medida, uma desumanização da mulher como “sujeito histórico”, ao mesmo tempo em que normatizava determinados tipos de comportamento, transformando esses comportamentos em rígidos papéis sociais. A citação a seguir expressa, a nosso ver, como certas configurações sociais atribuídas à mulher continuavam fortemente determinantes, em meio a tantas revoluções que a modernidade e novas tecnologias traziam consigo, assim como mostra também como certas práticas culturais encontravam maior resistência a mudanças do que outras. O fato de *Eu Sei Tudo* constantemente divulgar essas diferentes posições que a mulher

---

<sup>62</sup> MALUF; MOTT, *op. cit.*, p.372.

moderna deveria assumir revelava o próprio conflito social vivido no momento, pela sociedade brasileira:

A mulher que é, em tudo, o contrário do homem, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranqüila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa.<sup>63</sup>

Essas representações começaram então a tomar forma, a formar e a conformar socialmente aquilo que deveria ser a nova mulher numa nova sociedade que também estava em construção, com todos os detalhes que a caracterizavam como moderna. Mas percebemos que permaneciam vários discursos dirigidos à mulher, reafirmando e ressaltando suas características biológicas que a capacitavam a desempenhar, com excelência, o seu papel na esfera privada da sua vida. Portanto, para os conservadores e reformistas o lugar da mulher continuava sendo o lar e a sua função se restringia a casar, gerar filhos para a pátria e moldar o caráter dos futuros cidadãos. Na posição de “rainha do lar”, a mulher possuía dotes naturais para a administração desse espaço tão sagrado, dotes esses que deveriam ser mais bem definidos por meio de uma boa educação. Esse modelo veiculado em *Eu Sei Tudo* ajudava a formar a mulher brasileira das primeiras décadas do século XX para as funções do lar e não fora dele, onde não existiria realização possível para elas. A revista, da mesma forma, conformava homens para a rua e o mundo do trabalho.

### **3.2 - Ensinando a mulher a ser uma mulher moderna**

Mesmo que a expressão *mulher moderna* seja ainda bastante usual, essa noção parece ter sido gestada nas décadas de 1920 e 1930. Como ressalta Dourado (2005), a noção de mulher moderna é uma construção sócio-cultural, configurada simbolicamente por discursos que podem estar tanto no campo visual, constituído de fotografias, pinturas, charges, como ainda no campo escrito, composto de romances, contos, poesias, etc. Nas primeiras décadas do século XX, junto das novas estruturas das cidades brasileiras, construíram-se as formas da mulher brasileira. Embora a noção de mulher brasileira estivesse presente em nossa sociedade desde o século XIX, foi nas

---

<sup>63</sup> MALUF; MOTT, *op. cit.*, p.373.

décadas de 1920 e 1930 que, segundo Dourado (2005, p.6), ela tomou formas propriamente modernas e possibilitou a criação de novas identidades para o gênero feminino. Não basta apenas afirmar que a noção de mulher moderna e a noção de modernidade estavam integradas. É preciso compreender como elas se articulam nas representações femininas nas imagens veiculadas na revista *Eu Sei Tudo*.

O conceito de representação é utilizado neste trabalho como as configurações sociais que trabalham o tempo todo com “classificações e exclusões” pertinentes a um tempo ou a um espaço. Isso nos permite perceber, de uma maneira mais crítica, a constituição do mundo social nas décadas compreendidas entre o final de 1910 e 1930, no Brasil. Permite também ver como alguns valores, como por exemplo, ser uma *mulher moderna*, eram transmitidos para a sociedade de acordo com os preceitos propostos pela modernidade nesse período.

Escolhemos não trabalhar com um conceito único de representação. Optamos recorrer a alguns autores que, em seus estudos, tomaram a imagem da mulher moderna no início do século XX como objeto de investigação. Seus trabalhos direcionaram o nosso olhar para diferentes dimensões e representações da mulher moderna.

Nessa revista, no período que analisamos, a configuração das representações femininas foi perceptível, por exemplo, nas publicações sobre moda. “A propósito de elegâncias femininas”, publicado em 1919, mostrava como a moda feminina era inspirada em todos os acontecimentos que influíam sobre a vida pública, como é o caso das “guerras que são de todos os fatos os mais brutalmente impressionadores”, mas, ainda assim, “não podiam deixar de influir sobre a elegância”.<sup>64</sup> Nesse sentido, o artigo mostra como, a partir de 1915, as modas elegantes adquiriram uma “graça nova e petulante com bonés a caçadores, botas a serviço, carpetes de kaki ou de azul horizonte, cintos de couro à granadeiro e golas rijas de *hussard*”.<sup>65</sup> Essa moda havia tomado as ornamentações das fardas bélicas como inspiração e as transformado em elegância feminina. Isso acontecia em Paris, a *cidade Luz* que também se rendeu às influências da guerra nas inovações das modistas. O artigo traz, desse modo, um breve histórico, desde a idade média, para evidenciar como as damas sempre tiraram proveito das guerras,

---

<sup>64</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, edição de maio de 1919, p.47-48.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p.47.

imitando as armaduras dos cavaleiros, dos exércitos e dos militares, mantendo, nas modas femininas, caráter graciosamente belicoso.

Essa tendência de valorização dos acontecimentos que influíam sobre vida pública também estava presente na urbanização das cidades enquanto projeto político-econômico da modernidade. Utilizava-se a estratégia de seduzir a sociedade brasileira e os estrangeiros, principalmente pelos “olhos”, com o objetivo de estreitar as relações comerciais do Brasil com os países europeus e com os Estados Unidos. A então capital foi pensada nessa lógica, segundo a qual,

construções físicas instauraram uma nova rede simbólica, na primeira década do século XX, visivelmente na cidade do Rio de Janeiro, a então capital, a partir dos planos republicanos comandados pelo presidente Rodrigues Alves, desenvolvidos pelo prefeito e engenheiro Pereira Passos (urbanização e saneamento público), executados por arquitetos, dentre eles Rodolfo Morales dos Rios (responsável pelos projetos da Avenida Central e de várias fachadas de prédios comerciais) e pelo sanitarista Oswaldo Cruz (saúde pública).<sup>66</sup>

A construção da modernidade era feita nos espaços, na arquitetura e principalmente nas pessoas, por meio de novas modelagens culturais; “moldava-se simbólica e imaginariamente, de modo a despertar a sensação de um novo tempo”.<sup>67</sup> Isso acontecia simultaneamente à construção da cidade como projeto simbólico e iconográfico nas páginas das revistas ilustradas da época.

“O que fazem as estrelas do écran para ser esbelta” foi uma matéria publicada em 1925, na qual as mulheres brasileiras gordas eram incentivadas a fazer regimes, porque isso demonstrava um cuidado com a saúde, além de promover uma maior apreciação delas por parte de seus maridos. A matéria descreve o seguinte:

Gordura! A grande preocupação dos homens, o eterno inimigo das mulheres.

A frase - “Ninguém ama um homem gordo” é uma *pilheria* (ironia). “Ninguém ama uma mulher gorda” é uma tragédia... No cinematografo a gordura só tem uma função: produzir riso.

Eis porque não há estrelas gordas. Comparai Mary Miles Minter dos tempos em que trabalhava no écran com a Mary Miles Minter de hoje. Vede Nita Nalder de ontem e vede-a agora na tela. E todo vós, alegres gorduchas, podeis operar o mesmo milagre.

---

<sup>66</sup> DOURADO, *op. cit.*, p.23.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p.23.

Sim, podeis! Se não o acreditais experimentai alguns ou todos os métodos, que essas estrelas recomendam”.<sup>68</sup>

O texto propõe vários tipos de regimes, entre eles o *regime de abacaxi e costeletas de carneiro* contra a gordura de uma forma geral. A regularidade nos horários das refeições, a ingestão de alimentos em quantidades menores e exercícios físicos foram fatores destacados em alguns depoimentos dados pelas estrelas de Hollywood e Los Angeles citadas acima, como sugestões para compor o regime usado no combate à gordura. Ao lado dos depoimentos, aparecem fotos das estrelas, tal como eram quando encantavam nos *écrans* e de quando se tornaram gordas, após esses períodos de desempenhos artísticos.

Esses símbolos, mitos e representações foram sendo incorporados à cultura brasileira. Também a revista *Eu Sei Tudo* investia em matérias e opiniões sobre o mundo do cinema americano, anunciando os modos de vida das “musas do cinematógrafo”. Junto a isso, veiculava valores e comportamentos baseados nos temas tratados pelos filmes. Portanto, cada vez mais, os valores e as formas de comportamento hollywoodiano tornavam-se uma referência cultural marcante. Essas mulheres eram sempre caracterizadas de mulheres modernas e destacadas como mulheres ideais, símbolos de beleza e graciosidade para as brasileiras.

Desde o início do século XX, já era possível identificar a presença da filmografia norte-americana no Brasil e, nos anos 1920, já havia comentários da imprensa sobre o cinematógrafo americano. Mary Anne Junqueira (2000) menciona esse fato no seu trabalho sobre a revista *Seleções*, mostrando como “nos anos 20, já havia, por exemplo, uma coluna sobre o cinema norte-americano no jornal O Estado de São Paulo, assinada pelo poeta modernista Guilherme de Almeida, na qual o cinema de *Hollywood* e o *American way of life* já eram relacionados à modernidade e ao progresso” (JUNQUEIRA, 2000, p. 41).

No artigo “Mulheres de ontem e de hoje”, publicado em 1924, a revista *Eu Sei Tudo* faz um elogio exacerbado à mulher moderna e à sua maneira de estar na sociedade, observando o seguinte:

---

<sup>68</sup> Revista *Eu sei Tudo* edição de janeiro de 1925, p.57.

Encontra-se muito a miúdos, um discutidor que, sob qualquer pretexto fútil, se desfaz em lamentações sobre a mulher moderna, cujas maneiras, ao que afirma, não se aproximam nem por sombra das que distinguiam nossas avós.

Tal cousa sempre foi vista e nossas tataravós já achavam que seus jovens contemporâneos bem degenerados em comparação com seus antepassados. Felizmente há também quem julgue que a mulher é não somente mais encantadora do que as de outrora, mas até superior a ela não só do ponto de vista intelectual como do ponto de vista moral.

Fuma cigarros? Que importa! Algumas de nossas avós costumavam fumar cachimbo, o que não as impedia de ter doze a quinze filhos e educá-los com perfeição.

De resto, a mulher moderna veste-se de modo racional, o que não aconteceu com as outras mulheres, desde os tempos da Grécia antiga...

A mulher do século XX está inclinada a dominar o mundo. Invadiu todos os empregos, todos os escritórios e levou ao trabalho uma dignidade tal que as diferentes profissões só tiveram a lucrar com sua presença.

Como as moças de outras gerações, as de hoje têm o ardente desejo de se casar e de ter filhos, mas tendo conquistado sua independência, não é obrigada aceitar o primeiro marido que se lhe apresente. A mulher de hoje tem os olhos tão brilhantes, sorriso tão cativante, corpo tão são, espírito tão elevado, alma tão pura como as que a precederam...<sup>69</sup>

O artigo delinea, como se pode verificar, no imaginário dos leitores e, principalmente, das leitoras a mulher moderna como aquela que supera os obstáculos que a mantêm em posição de submissão dentro do espaço doméstico. Foram produzidas aqui várias representações a cerca do que seria ser mulher moderna: inteligente, independente, trabalhadora, uma mulher que conquista seus objetivos com firmeza, graciosa, cativante, enfim, uma mulher poderosa. Vale lembrar que, dois anos antes, havia sido fundada, no Rio de Janeiro, a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*, cujos objetivos eram defender a educação e o voto femininos, como também lutar por uma legislação de proteção do trabalho da mulher, de acordo com Viviane (2007). Portanto, estava em pauta, já na primeira metade do século XX, a discussão sobre a discriminação das mulheres em relação, por exemplo, a seu suposto lugar de inferioridade e de dependência do homem.

No final do século XIX, na medida em que a entrada do capitalismo industrial europeu no Brasil dinamizava a vida social e a vida privada, a urbanização exigia a presença da mulher em lugares que, até então, não eram destinados a ela. “Os grandes

<sup>69</sup> Revista *Eu sei Tudo*, edição de junho de 1924.

negócios e o pequeno comércio exigiam a mulher de salão e a mulher de rua, respectivamente. A mulher de posses deveria saber receber as visitas do marido, estar presente à mesa e às conversações”.<sup>70</sup> Nessa direção, Michelle Perrot (2005) observa que as mulheres não somente permaneciam nesses lugares, mas também afirma que elas souberam “apossar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados, para desenvolver sua influência junto às portas do poder”.<sup>71</sup> Para a autora, foi nesses espaços que as mulheres se encontraram, isto é, esses espaços foram propícios para o desenvolvimento da consciência do lugar da mulher na sociedade, um lugar completamente diferente do de sujeição. Perrot (2005) considera, portanto, que este lugar foi a “matriz de uma consciência de gênero” (p.279).

Tendo alguma consciência do lugar que poderia ocupar, a mulher tentou sair de casa para ter “enfim lugar em toda a parte”. Isso significava sair fisicamente, “deambular fora de sua casa, na rua, penetrar em lugares proibidos – um café, um comércio – viajar. Sair moralmente dos papéis designados, construir uma opinião, passar da sujeição à independência: o que pode ser feito no público assim como no privado”.<sup>72</sup> Em sua reconstrução do processo de emancipação feminina no Brasil Perrot (2005) nos permite ver que, ao longo do século XIX, algumas mulheres já estavam fora de casa realizando obras de caridade, visitando pobres, prisioneiros, doentes. “Na filantropia, gestão privada do social, as mulheres têm um lugar de importância”.<sup>73</sup> Vale ressaltar, entretanto, que essas atividades eram consideradas como extensão das tarefas domésticas. As mulheres caridosas foram sendo sucedidas, aos poucos, por mulheres mais independentes; “geralmente solteiras ou viúvas, indignadas com a miséria física e moral, e animadas por um espírito missionário, concebem a filantropia como uma ciência destinada a promover a responsabilidade individual”.<sup>74</sup> Para tanto, várias associações foram surgindo com a finalidade de atingir mulheres da elite inicialmente e, por fim, as da classe média, preocupadas em divulgar os princípios da economia doméstica pelo viés da caridade.

---

<sup>70</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p.119.

<sup>71</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005, p.279.

<sup>72</sup> Perrot, *op. cit.*, p.280.

<sup>73</sup> *Ibidem, idem*.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p.282.

Nas suas análises, Perrot (2005) mostra como os procedimentos e objetivos foram mudando paralelamente ao longo dessa conquista feminina. “No início, trata-se de fazer caridade através das obras; em seguida, de uma vasta empreitada de moralidade e de higiene”.<sup>75</sup> Mas a moralidade não excluiu a compaixão e muito menos a revolta contra a condição social na qual as mulheres deveriam viver. As feministas desse período defendiam o seguinte lema: antes de tudo era preciso conhecer as mulheres, para depois defender e educá-las. A revista *Eu Sei Tudo* compactuava com esse lema, fazendo a sua parte na instrução das mulheres, em várias áreas, tal como mostra o exemplo citado anteriormente. Dessa maneira, as mulheres foram “ganhando espaço” fora de casa como operárias, trabalhadoras, professoras, médicas. Lutaram pelos seus direitos, fizeram manifestações e afirmaram sobretudo a liberdade do lugar de sujeição: “em suas práticas de vestuário e seu modo de vida, suas escolhas religiosas, intelectuais e amorosas. De uma maneira ou de outra, pagando frequentemente muito caro, elas romperam o círculo de enclausuramento e fizeram recuar a fronteira do sexo”.<sup>76</sup>

Reconhecendo a existência de diferentes representações de mulher moderna nesse período, buscamos, neste capítulo, entender qual delas a revista *Eu Sei Tudo* difundia e como fazia isso. Ao descrever as mulheres, brasileiras ou não, e o seu modo de vida, suas funções, seu aspecto físico entre outros componentes característicos do gênero feminino, a revista difundia diferentes representações oriundas dos discursos de estilistas, médicos e de outros profissionais da época que a conformavam como mulher moderna. Esses discursos eram mais fortes do que as próprias experiências vividas por elas.

### **3.3 - O feminismo na revista**

A imagem da mulher brasileira delineada pela revista *Eu Sei Tudo* seguia o modelo das revistas estrangeiras e deveria promover conquistas sociais, tais como o exercício dos direitos civis. Esse assunto, destacado pela revista como “importante”, visava despertar o interesse das leitoras da *Eu Sei Tudo* pela participação ativa na sociedade, como agentes de transformações que objetivavam o bem estar de todos. O

---

<sup>75</sup> *Ibidem, idem.*

<sup>76</sup> *Ibidem, p.305.*



assunto foi descrito, por exemplo, na edição de janeiro de 1920, mostrando as conquistas feministas já obtidas na Europa, Austrália, Nova Zelândia e em vários estados da América do Norte, em relação ao sufrágio feminino. Essa edição da revista trazia ainda os resultados animadores dessa conquista na promoção do progresso. O texto dava aos leitores, dessa forma, uma visão básica sobre o voto feminino e a importância de sua participação política na sociedade brasileira, valendo-se de dados estatísticos que comprovavam a capacidade feminina não somente de participar das decisões políticas de um país, mas também de propor leis que promoveriam mudanças no rumo de muitos países. O texto finalizava-se, incentivando as leitoras a exercer influências fora do seu mundo privado, a exercer os seus direitos de cidadãs. Portanto, nada melhor do que uma exaltação dos bons resultados já obtidos nos países que cederam ao “espírito intuitivo das mulheres” no exercício ao sufrágio feminino:

A despeito de todas as pilherias fáceis, que se acumulam contra a pretensão de reconhecer às mulheres direitos políticos iguais aos dos homens, os fatos continuam a surgir cada vez mais eloquentes, demonstrando de que lado está a boa razão.

Já em um dos nossos números anteriores citamos o exemplo da Noruega onde o eleitorado feminino e seus deputados impuseram pouco a pouco, com pertinência incansável, a proibição do álcool; e o resultado – que de resto ninguém esperava – foi o desaparecimento quase total da tuberculose em todo o país. Depois, várias outras nacionalidades seguiram a Noruega, concedendo pelo menos em questões municipais o voto às mulheres.<sup>77</sup>

As primeiras décadas dos anos 1900 foram importantes para as conquistas femininas. No Rio de Janeiro, grande parte da população urbana era incentivada a participar mais efetivamente dos atos políticos, na fase inicial da República. Nesse momento, vários grupos de mulheres, especialmente trabalhadoras, mobilizaram-se para ingressar na arena política. Logo, havia uma movimentação em torno da questão do voto feminino, e as leitoras da revista estavam sendo chamadas, senão para participar desse movimento, pelo menos para refletir sobre o assunto.

No artigo “Mulheres”, publicado em 1923, fazia-se uma crítica à passividade feminina na sociedade. Mostrava que os costumes de qualquer século dependiam, mais do que parecia, do procedimento das mulheres: “elas constituem a principal mola que

---

<sup>77</sup> Trechos do texto “As conquistas do feminino”, retirados da revista *Eu Sei Tudo*, publicado em janeiro de 1920, p.62-63.

faz andar a máquina da sociedade humana”.<sup>78</sup> O texto apontava para as contribuições que as mulheres poderiam dar para “polir” os costumes dos homens e incentivava-as a refletir sobre quão grande era influência da moral feminina no proceder deles. Por fim, lamentava-se do comportamento dos sujeitos sociais do gênero feminino: “as mulheres se contentavam com o ‘polir’, quando poderiam ‘reformular’, ‘entreter’ e ‘instruir’”. Provavelmente, os editores pretendiam alcançar, com esse texto, as normalistas, ou ainda aquelas mulheres que viam, na Escola Normal, a possibilidade de uma carreira futura, como já foi discutido acima. A mulher estava sendo desafiada a sair moralmente dos papéis a ela determinados, a construir uma opinião e assumir um lugar de influência socialmente. Perrot (2005) contribui para o entendimento dessa questão, quando afirma que a voz das mulheres importa mesmo quando considerada em diversas sociedades como sendo um murmúrio. A voz das mulheres esteve, por muito tempo, ligada ao mundo privado e à ordem do informal, ou seja, era uma voz educada para o que é doméstico. Por isso, ressaltava-se a importância da sua participação nos movimentos que tirariam essa voz da surdina e a colocariam em evidência.

O estudo de June Edith Hahner (2003) é relevante nesse aspecto. A autora evidencia que o advento da República no Brasil, em 1889, não apenas fortaleceu o desejo feminista por direitos políticos, mas também deu às mulheres brasileiras argumentos adicionais em favor do sufrágio, já que a implantação da República poderia abrir novas possibilidades às mulheres. Porém, essa luta foi prolongada e somente na década de 1920 é que a batalha pelo direito ao voto feminino toma uma direção mais definida.

Apesar de a revista *Eu Sei Tudo* incentivar a mulher a lutar pelos seus direitos civis, a revista também criticava essas conquistas, porque elas poderiam retirar da mulher os “sentimentos femininos mais nobres” que “a natureza concedeu a ela”. O artigo com o título “Feminismo”, publicado em 1932, após a aprovação do sufrágio feminino, aconselhava as mulheres a não errarem naqueles dias de emancipação, em que a liberdade e o trabalho lhes proporcionava todas as sortes de coisas. Isso porque, segundo *Eu Sei Tudo*, a experiência de liberdade que estavam vivendo poderia não guiá-las convenientemente às melhores carreiras “reservadas ao sexo feminino”:

---

<sup>78</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, edição de janeiro de 1923, p.41.

Na verdade, o erro mais geralmente praticado pelas mulheres de nossa época do que pelas que experimentaram as dificuldades do passado, é o de desconhecer a sorte de atividade particular na qual a natureza quis que elas possam brilhar mais, muito mais que os homens.

Devemos não esquecer que há um sexo nas idéias. E que a feminilidade do espírito existe, graças a Deus. E isso não é causa que em hipótese alguma devemos desdenhar, nem mesmo considerar secundária.

O que é certo é que existe, entre outras, três coisas nas quais uma mulher vence, seja qual for o homem e três coisas de tal importância que, sem elas, cessaria de pulsar o coração no mundo e de pensar o espírito do mundo. Essas três coisas são: o amor, a administração e a compreensão.<sup>79</sup>

O artigo segue então, mostrando que, com o amor, a mulher poderia dominar o mundo. A mulher possuía o dom natural de administrar, e ela poderia ser de grande ajuda para o marido, na administração dos bens familiares, pois o dever do homem era trabalhar, criar e produzir. A mulher nesse campo não deveria rivalizar com ele. Por fim, a compreensão é descrita como o pão da vida, a vitamina do espírito. A mulher, segundo a revista, “não julga, não condena, não pune, apenas compreende”. Isso significa que a mulher deveria, sim, canalizar todos os esforços para cumprir a sua função social, que seria a de cuidar sabiamente do seu marido, dos seus filhos e da sua casa.

Estava em discussão, nesse momento, o lugar da mulher na sociedade e as consequências imediatas da conquista do voto feminino. Ao mesmo tempo em que a mulher era incentivada a sair de casa e ir em busca dos seus direitos, era solicitada em casa, porque, sem a sua atuação, os lares ficariam em completa desordem, tanto moral quanto higiênica. Segundo Viviane (2007, p.192), “a partir da segunda metade dos anos 1920, e com intensidade crescente nas duas décadas seguintes, parece ter ocorrido um refluxo destas possibilidades de ampliação dos espaços reservados às mulheres”. Muitos discursos retomaram o viés da restrição da atuação da mulher ao espaço doméstico e às tarefas relativas ao cuidado da casa e dos filhos, questionando outras possibilidades, tal como o trabalho feminino.

Maluf e Motta (1998) mostraram que vários princípios do Código Civil da República de 1916 até 2002 sacramentavam a inferioridade da mulher casada em

---

<sup>79</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, edição de novembro de 1932, p.25-26.

relação ao marido. Essa nova ordem jurídica dava legalidade a um modelo de mulher concebida como dependente e subordinada ao homem. A mulher casada é declarada inabilitada para o exercício de determinados atos civis. Ela apresentava limitações só comparáveis àsquelas impostas aos pródigos, aos menores de idade e aos índios, segundo Maluf e Motta (1998, p.375).

No conjunto de normas, deveres e obrigações que o Código Civil de 1916 trazia consigo estava na asserção que o direito da mulher casada trabalhar dependeria do aval do marido. Os papéis estavam sendo atribuídos ao mesmo tempo em que eram definidos os espaços de atuação tanto para a figura masculina, quanto para a feminina. Com isso, foi se delineando, com maior nitidez, a oposição entre esferas pública e privada e se prescrevendo os respectivos lugares que mulheres e homens deveriam ocupar na sociedade.

Estudos sobre a construção do papel da mulher na sociedade brasileira do início do século XX ajudaram-nos a entender o tratamento que a revista *Eu Sei Tudo* dava à questão. Em algumas passagens, a mulher era considerada inabilitada para exercer as funções fora de casa, principalmente aquela concernente ao exercício dos direitos civis. No entanto, outras passagens do mesmo período, a revista traz reflexões acerca do importante papel da mulher no exercício desses seus direitos. A nosso ver, a revista *Eu Sei Tudo* participava desse delineamento do comportamento das mulheres nos espaços públicos e privados.

### **3.4 - A educação da mulher na revista**

Diferentes indivíduos e instituições de expressão nos meios intelectuais dedicaram-se à reflexão sobre a família, para a qual, importantes ações educativas foram encaminhadas, “de modo a contribuir para o que era compreendido como a própria conformação da nação”.<sup>80</sup> A partir das primeiras décadas do século XX, grande parte dos intelectuais, insatisfeitos com a vida em um país ainda muito destacado como “atrasado”, dedicaram-se à reflexão sobre a realidade brasileira, produzindo uma série de diagnósticos que apontavam para a ausência de uma consciência nacional. A idéia

---

<sup>80</sup>MAGALDI, Ana Maria B. M. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados a família no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2007, p.19.

era de que o país não se dispusera ainda de tempo suficiente para se transformar em uma verdadeira nação. Desse modo, “recorria-se à metáforas que insistiam na idéia de indefinição, desequilíbrio, agitação, instabilidade, desordem, ebulição, tumulto, consideradas típicas de um período de formação”.<sup>81</sup> Daí a importância de entender representações que tomavam o Brasil como um país em construção, cuja nação, conseqüentemente, estava sendo forjada.

Longe de se limitar a uma atitude contemplativa, os intelectuais pretendiam influir nos destinos do país, propondo políticas de ação, apontando caminhos. Havia uma notória disposição para fazer caminhar o país em sintonia com os seus “verdadeiros valores”. Isso incluía resgatar o lugar da família, que havia sido atacada com novas propostas modernas que tirou a mulher do lar e a requisitou para frivolidades mundanas, impedindo-a de exercer sua função no lar e promover a felicidade da própria família. Para tanto, construiu-se, para a mulher, a função de mãe-esposa-dona-de-casa, o que também correspondia àquilo que era pregado não somente pela Igreja, mas também ensinado pelos médicos, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Era nesse contexto que a mulher brasileira, leitora da revista *Eu Sei Tudo*, estava sendo conformada.

A reforma urbana, o saneamento básico, as campanhas em prol da saúde e de higienização dos costumes, assim como todos os outros projetos posteriores estavam vinculados à idealização de uma cidade modelo; a saber, o Rio de Janeiro, a cidade republicana. Esses projetos, que ajudaram a construir um novo homem moderno, da mesma forma, construíram uma nova mulher, ou seja, a mulher brasileira moderna. A revista *Eu Sei Tudo* teve uma participação importante nessa construção. Por meio de ensinamentos, incentivos, instruções e prescrições dirigidos à mulher, a revista objetivava capacitá-la para ampliar o seu espaço de participação social, para a sua função de mãe-esposa-dona-de-casa e educadora que deveria contribuir com a formação dos cidadãos nacionais.

No bojo da urbanização, que colocava em convívio tradições e costumes tão diferentes de uma forma mesclada, a imprensa, principalmente aquela que tinha como público alvo a mulher, dava ênfase à educação. Um dos objetivos primordiais dessa

---

<sup>81</sup> DE LUCA, *op. cit.*, p.40.

imprensa era a educação da menina ou mulher moderna. “Acolhiam-se assim, os propósitos positivistas e impunham-se uma missão, a de moldar o pensamento, o comportamento e, em última análise, o caráter das gentes”.<sup>82</sup> Discursos de diferentes tons e origens foram endereçados às moças e mulheres daquele tempo. Muitos textos da revista *Eu Sei Tudo* vinham em tons professorais, ensinando às mulheres, por exemplo, como conservar matrimônios, cuidar do lar e educar a prole da melhor maneira.

Na edição de janeiro de 1923 da revista *Eu Sei Tudo*, nas páginas de 7 a 10, foram colocadas cinco imagens que ilustravam as cinco atitudes essenciais na vida de uma mulher moderna. A primeira atitude se referia à *toilette*. A mulher deveria ser cuidadosa com o seu corpo e procurar andar sempre limpa e bem vestida. A sua imagem naquele momento estava sendo trabalhada para chamar a atenção inclusive em relação a seu lugar no lar e fora dele. Em seguida, os cuidados com a beleza foram destacados como uma das atitudes mais essenciais da mulher moderna, já que a ciência e a tecnologia trabalhavam juntas para o seu bem estar físico, psicológico e emocional. Os produtos de beleza destacariam a sua beleza feminina, além de promover longos anos de bem estar físico. Outra atitude que também foi ressaltada é o comportamento da mulher no que se refere ao banho. A mulher precisaria tomar pelo menos de um a dois banhos por dia. O banho era destacado como benéfico à saúde. Além de dar vitalidade e brilho para a pele, prevenia doenças diretamente ligadas a ela. A escolha do vestido era essencial para que o conjunto de todos esses cuidados terminasse em uma imagem que agradaria a todos. A mulher precisava ser inteligente o suficiente para saber escolher a roupa e os acessórios adequados para cada ocasião. Segundo a revista, um dos meios mais seguros para se conhecer a individualidade de uma pessoa é estudar-lhe o modo de vestir, o conjunto de sua *toilette*. “A maioria das mulheres tem desdenhado os progressos maravilhosos que ultimamente se têm observado em seus trajes e respectivos estilos, não os utilizando como auxiliar para destaque de sua beleza”.<sup>83</sup> A mulher precisava aprender a chamar a atenção para si, sem ser vulgar. Finalmente, o último destaque foi para a participação da mulher moderna em eventos fora de casa, como por exemplo, passeios para chás da tarde com amigas, visitas a instituições de caridades,

---

<sup>82</sup> MALUF; MOTT, *op. cit.*, p.390.

<sup>83</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, abril de 1918, p.29.

etc. Ela precisava saber escolher bem as pessoas que deveriam estar em sua companhia e eventos dos quais participaria.

O culto à beleza deveria estar identificado com os princípios médicos e higiênicos, nunca com a sedução. Pretendia-se que a mulher tivesse este papel simultâneo de recepção e transmissão de conhecimentos, enfatizados em relação a ela, de quem se esperava um envolvimento total e consciente. Dessa maneira, ao serem educadas pela revista, ao receberem lições sobre a melhor maneira de cuidarem de si mesmas, de serem mães e de organizarem a sua vida doméstica, “as mulheres erigiam-se em educadoras autorizadas a atuar junto às suas famílias e vizinhanças, sendo ainda profundamente convencidas da importância de sua missão”.<sup>84</sup>

É importante frisar que esse discurso não estava “completamente descolado do debate já em curso sobre o lugar das mulheres na sociedade e as relações de gênero, mas ao contrário, sintonizado com essa discussão, incluía a participação das próprias”.<sup>85</sup> Maria Freire (2006) mostra que as revistas não possuíam apenas um caráter “normatizador”, mas também se apresentavam como um espaço de expressão da dualidade presente na dimensão dominação/emancipação. Em outras palavras, como veículo de informação, as revistas ofereciam possibilidades de expressão das tensões nas relações sociais e novas abordagens que tomam como reflexão o lugar da mulher na sociedade, como resultados dessas tensões. Para Freire,

a voz de algumas mulheres das classes média e alta nos periódicos poderia ser ainda balbuciante, restringindo-se na maioria das vezes ao discurso de representantes de movimentos feministas ou a filantropia ligadas à Igreja Católica, e à reivindicação política do direito ao voto; porém a presença progressiva de um discurso médico endereçado prioritariamente a elas, em torno da criação dos filhos, sugere os passos da construção dessa parceria.<sup>86</sup>

Nem sempre, essas tensões eram perceptíveis pelo fato de a medicina, a relação do médico com as mulheres terem sido tratadas no nível de dominação, de subordinação e muito pouco consideradas no nível de tensão de uma construção que permitiu

---

<sup>84</sup> MAGALDI, *op. cit.*, p.75.

<sup>85</sup> FREIRE, Maria M. L. *Mulheres, mães e médicos: discursos maternalistas em revistas femininas* (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). 2006, 336 f. Tese (Doutorado) História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, p.28.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p.29.

mudanças sociais por meio dos conflitos que essa relação proporcionou. Nesse conflito, a ciência foi acionada como autoridade e base aliada na direção dos saberes médicos em relação às mulheres.

Ana Paula Martins (2004), em seu artigo, sobre a ideologia da maternidade e a educação feminina, aponta um aspecto importante e que merece atenção de nossa parte. Para autora, as normas higiênicas, além de modificarem diferentes aspectos da vida das mulheres, voltaram-se também para o problema da educação feminina. A partir daí, verificou-se, principalmente na Europa, muitos autores que se mobilizaram, em especial na “França revolucionária e bonapartista”, onde livros publicados enfocavam o público feminino,

divulgando preceitos ideológicos iluministas a respeito da naturalização dos papéis femininos na sociedade. A transformação da mulher e da família dependia de um programa pedagógico que abrangia o corpo, a moral e a educação intelectual. Somente uma mulher saudável e instruída podia exercer bem seu papel de mãe e também de esposa.<sup>87</sup>

Esses livros cumpriram uma função essencial no redimensionamento do duplo papel da mulher na sociedade: o da exclusão das mulheres nos espaços públicos, no exercício da cidadania e da reclusão ou de seu retorno, no início do século XX, ao lar, influenciando física e moralmente a formação de novos cidadãos.

Destacando especificamente a mulher como um dos alvos da revista, tornou-se necessário todo um investimento no sentido de torná-la apta a participar das inúmeras revoluções que estavam acontecendo não só no Brasil, mas pelo mundo afora. É importante ressaltar que, nesse período, estavam acontecendo importantes transformações políticas, econômicas e sociais, destacando-se, entre elas, a transição do regime monárquico para o regime republicano, o fim da ordem escravista, a realidade da crescente urbanização principalmente na cidade do Rio. Para Ana Magaldi (2007), ainda que se perceba nesse novo contexto expressões de toda uma dimensão de “continuidade em relação às antigas estruturas que embasavam a sociedade imperial, configuravam-se,

---

<sup>87</sup> MARTINS, Ana Paula V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p.226.



paulatinamente, a idéia de uma modernidade pautada em referenciais distintos daqueles predominantes na realidade anterior”.<sup>88</sup>

Ao desenhar identidades visuais e comportamentais, a revista *Eu Sei Tudo* toma como referência a mulher adulta, jovem, algumas delas: donas de casa, brancas, saudáveis, heterossexuais e de classe média; para as quais, a educação e as boas maneiras redefinem o seu papel social. Nas palavras de Goellner, “a educação da mulher, o mercado de trabalho feminino, a redefinição do papel social das esposas da elite”<sup>89</sup>, tão necessários a esta nova organização social, também se manifestam como uma ameaça ao núcleo familiar.

Essa perspectiva que Goellner ressalta de uma dualidade convivendo ao mesmo tempo na redefinição do papel social da mulher foi encontrada, nas páginas da revista *Eu Sei Tudo*. Havia tanto o incentivo, como a repressão à mulher no que concerne à sua vida individual e social. Na revista, diferentes conselhos foram mesclados, prescrições e recomendações que, ora a incentivavam a obedecer determinadas normas sociais e sexuais tomadas como naturais, ora os incentivos iam na direção das transgressões das regras sociais, ensaiando possíveis ousadias. No item *O feminismo no Brasil*, demonstramos esses dois posicionamentos por parte da revista, em relação à mulher. Ao mesmo tempo, eram produzidos discursos progressistas e moralistas endereçados à conduta social feminina, em relação à sua saída e ou permanência no lar, “seduzindo e desafiando mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando e criticando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades”.<sup>90</sup>

Os discursos produzidos pela revista *Eu Sei Tudo* e endereçados à mulher, ficavam muitas vezes apenas no campo moralista, encaminhando a mulher para que assumisse a sua função de apaziguar o seu lar, com sua doçura, singularidade e amor. O

---

<sup>88</sup> MAGALDI, Ana Maria B. M. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2007, p.19.

<sup>89</sup> GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, p.25.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p.24-25.

texto intitulado: “Alegria de mulher”, publicado em 1927, incentivava a mulher a manter um sorriso nos lábios o tempo todo dentro da sua casa porque,

uma mulher alegre é a dádiva de Deus e junto a ela os trabalhos parecem suaves, o futuro cheio de promessa. A calma que não a abandona apazigua os nervos, e seu sorriso arrasta consigo até os fracassos cotidianos. Ela considera lei imperiosa o dever de mostrar aquele a quem ama, somente o aspecto amável da existência. Os deveres penosos, os prazeres íntimos, que ela oculta com engenho, só aparecem em torno dela com uma nobreza encantadora...”<sup>91</sup>

No entanto, no mesmo ano e na mesma edição, as representações visuais de mulher moderna, divulgadas pela revista, assumiam um caráter bem diferente da anterior, na medida em que essas representações incentivavam a mulher a ser ousada, progressista e a agir fora de casa.



Figura 6 – Costumes europeus. Moças modernas fumando após o banho. Fevereiro de 1927.

Outro aspecto importante a ressaltar é a representação da mulher-mãe que cuidava do seu filho, e de seu lar. Também podemos perceber que ela variou ao longo das décadas de 1920 e 30, período em que a revista se dedicou um pouco mais a publicar essas questões, do que, por exemplo, em períodos posteriores.

Figura 7 – Mãe moderna. Julho de 1924

<sup>91</sup> Revista *Eu sei Tudo*, edição de fevereiro de 1927, p.42.



Figura 8 – Mãe moderna. Maio de 1925.





Figura 9 – Mãe moderna. Abril de 1927.

Para Goellner (2003), a representação dessa nova mulher não trazia muitas possibilidades de sua construção, no sentido de um efetivo projeto de emancipação feminina, “na medida em que, suas conquistas devem estar ajustadas aos seus deveres”.<sup>92</sup> Ou seja, a mulher precisava ousar, sem com isso esquecer as suas virtudes e deixar de desempenhar com eficiência seus deveres no cuidado com o lar e com a educação dos filhos.

Uma das nossas argumentações, para a realização da pesquisa, relacionava-se ao fato de a revista *Eu Sei Tudo* priorizar, em suas matérias, o conhecimento supostamente científico. Textos publicados, por exemplo, na coluna “Economia doméstica”, que fazia parte de quase todas as edições, traziam orientações nutricionais para a alimentação adequada às crianças juntamente com as receitas de seu preparo. Havia recomendações

<sup>92</sup> GOELLNER, *op. cit.*, p.24.

também em relação à saúde das crianças, e muitos desses textos vinham acompanhados de prescrições médicas para acabar com o mal provocado por doenças ou sobre como preveni-las, fornecendo dicas de como conservar os alimentos frescos.

Pretendia-se trabalhar para manter a mulher informada, de forma que soubesse enfrentar as transformações pelas quais a sociedade estava passando. A mulher deveria ser muito mais ativa e enfrentar mais as possibilidades de sua emancipação do que apenas cumprir os seus deveres, com atitudes passivas, de submissão. A revista *Eu Sei Tudo* publicou matérias de orientação e sugestões, que tanto vinham da parte editorial, quanto de artigos que continham discursos vindos de várias outras direções, principalmente médicas, para instrumentar as mulheres da classe média com saberes científicos, tornando-as capazes de agir com eficiência no desempenho de suas funções, sejam elas dentro do lar, sejam elas fora do espaço doméstico.

Outra coluna importante na revista, presente também em quase todas as edições do período, é “Novidades em medicina”. Nesse espaço, eram explicados vários tipos de doença, em para alguns casos, o processo da sua descoberta e os cuidados para sua prevenção ou medicalização. Na edição do mês de agosto de 1922, por exemplo, foi publicado nessa coluna o artigo “A Bronco-pneumonia das crianças e seu tratamento seroterápico”, que mostrava como essa doença era frequente e perigosa na infância: “essa moléstia exige tratamento enérgico e imediato, quase brutal e o processo mais moderno adotado pela ciência como eficaz é o de envolver com panos úmidos e frios, todo o tórax, sobre uma folha de tafetá impermeável”.<sup>93</sup>

A imprensa era usada também com o objetivo de fazer a mulher retornar ao lar, de perpetuar a sua sujeição e limitar suas oportunidades de expressão e ação. Para vermos melhor isso e compreendermos a importância de *Eu Sei Tudo* na construção do novo papel social feminino é preciso examinar a difusão do ideário de maternidade e da construção da relação entre médicos e mulheres da classe média. Isso é o que passamos a fazer no próximo capítulo.

---

<sup>93</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, edição do mês de agosto de 1922.

### **CAPÍTULO III – O cuidado com a saúde da mulher e da criança**

#### **1 - As múltiplas faces da mulher moderna: o culto da beleza**

Não é pequena a aproximação que a revista *Eu Sei Tudo* fazia entre a beleza feminina e o bem estar, no sentido de promoção de uma boa saúde física. Em várias das suas páginas, discursos e imagens mostram regras e ideais de perfeição corporal. Diferentes aspectos da beleza feminina são expressos em artigos de cunho científico. A revista traz também conselhos médicos, dicas e truques que orientam suas leitoras em relação à melhor maneira de cuidar do corpo, além de propagandas de produtos para melhorar a aparência física. Imagens e matérias esportivas afirmam a importância das práticas corporais no embelezamento das mulheres ao mesmo tempo em que contribuem para manter um bom estado de saúde.

A beleza clássica é tomada pela revista como aquela que deve orientar os padrões de beleza a serem seguidos. “Padrões esses que, mesmo [adequados] aos tempos modernos, não perdem alguns elementos que são identificados como essenciais a essa representação de beleza: a simetria corporal e a união harmoniosa entre beleza e a prática de exercícios físicos”.<sup>94</sup> Nesse sentido, Goellner ainda observa que, ao ser eternizada pelas revistas femininas nas primeiras décadas do século XX, a beleza clássica

é apresentada não apenas como uma possibilidade estética de corpos que se mostram belos ou não. Para além dessa dimensão ela carrega em si mensagens repletas de significação que nos levam a lembrar e a aprender um modo exemplar de ser e de estar no mundo, com valores e normas éticas, políticas e ideológicas ainda hoje, em diferentes formas presentes.<sup>95</sup>

Essa forma de representar o corpo foi constatada na revista *Eu Sei Tudo*. Prova disso é o fato de ela ter investido, consideravelmente, nas primeiras décadas, na propagação desses ideais e na padronização da beleza e dos comportamentos femininos. O corpo divulgado na revista estava a serviço de um ideal clássico. Ainda que não passasse de uma representação imaginária e idealizada, supunha-se que o corpo viesse a ser trabalhado, para se identificar com esse ideal. Como observa Denise Sant’Anna

<sup>94</sup> GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, p.44.

<sup>95</sup> *Ibidem, idem.*

(2001), a história da divisão entre o corpo e a alma a partir da época moderna revela como o corpo passou a ser visto “muito mais como aquilo que se tem do que aquilo que se é”<sup>96</sup>. Enquanto o pensamento é tratado como nas sociedades ocidentais como “infinito e inteligente”, o corpo, ao contrário, é visto como “finito e ignorante”. Por isso, precisava ser educado e se transformar em uma boa forma. Nos dizeres da autora, a

boa forma passa a ser considerada uma espécie de melhor parte do indivíduo [...]. Mas aquilo que ainda não é boa forma e que o indivíduo considera “apenas” o seu corpo, torna-se uma espécie de mala por vezes incomodamente pesada, que ele necessita carregar, embora muitas vezes ele queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la.<sup>97</sup>

Por muito tempo, o corpo foi considerado o espelho da alma e nos tempos modernos ele foi chamado a ocupar o seu lugar, mas com uma condição: a de se converter totalmente em uma boa forma. Ser belo significa aproximar-se de um ideal que visa à universalidade; ser distinto do que cada corpo é em particular, na medida em que existem modelos e formas que devem ser seguidos. Por isso, na busca pela boa forma, não há grande espaço para reinvenções individuais, ou seja, o que não estiver de acordo com os padrões estéticos anunciados é considerado “fora de forma”. A impressão que se tem ao analisar as imagens e matérias sobre beleza publicadas em *Eu Sei Tudo* é que ou as mulheres acolhiam e seguiam as regras e conselhos para adquirirem boa forma, ou permaneciam fora dos padrões exigidos e do acesso a novas formas culturais.

O artigo intitulado “o culto da beleza” é um texto no qual se argumenta a favor dos concursos de beleza que eram feitos na Europa. Com o subtítulo: “A renascença do espírito helênico na humanidade contemporânea – os concursos”, esse texto de quatro páginas trazia fotos das modelos premiadas em um concurso de beleza na França, cuja data não é revelada. O culto da beleza do corpo escultural é colocado como algo diretamente ligado à felicidade da humanidade. Mesmo admitindo que a beleza possa ser um luxo, o artigo mostra por que não é lícito considerá-la supérflua. A beleza

---

<sup>96</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.107.

<sup>97</sup> SANT’ANNA, *op. cit.*, p.108.

correspondia à maior preocupação do homem, isto é, a vida, que não seria compreensível sem o prazer da beleza.

Segundo a revista, somente

a beleza – seja nas formas, nas cores, nos sons ou nos perfumes – tem o dom de nos fazer felizes. Deixem falar os pessimistas. A humanidade tem a ânsia incessante da beleza. Não há criatura humana, por mais inculta e grosseira que seja insensível a ela. Não é pois uma infantilidade ou uma fantasia inútil buscar a beleza na população feminina de sua pátria.<sup>98</sup>

O texto leva os leitores a pensarem nos concursos de beleza que aconteciam, como expressão da tendência estética de um povo, da mesma forma que o são as manifestações arquitetônicas ou musicais. Nesse texto, considera-se que, em épocas tão utilitárias como as que as pessoas estavam vivendo, épocas industriais e científicas, carentes de tempo livre, “é na criatura feminina que a beleza se manifesta em suas ‘expunções’ mais perfeitas e completas. É, pois na mulher que devemos buscar o tipo ideal de beleza”.<sup>99</sup> Ainda que mostrando como, ao longo da história, as sociedades cultuaram diferentes tipos de beleza, é o padrão clássico que, segundo a revista, deveria ser tomado como modelo.

Em seu estudo sobre imagens da mulher na *Revista Educação Physica*, Goellner (2003) mostra como a questão da beleza está diretamente ligada à produção artística de cada época. Criados e recriados constantemente, os padrões de beleza são consequência tanto da imaginação, como do nível de conhecimento e desenvolvimento técnico dos artistas de cada época. O cinema, sobretudo americano, teve uma influência muito grande sobre a sociedade, quando o assunto era beleza. Por seu significado na vida social, as estrelas se impunham em diversos aspectos: nos cortes de cabelo, na maquiagem, nas roupas e nos padrões dos corpos:

Imagens nascidas do imaginário dos estilistas e que, ao serem popularizadas pelos estúdios de Hollywood, tornaram-se referência no estabelecimento e no esforço de padrões de conduta e de aparência femininas, disseminando valores estéticos que

---

<sup>98</sup> “O culto da beleza” – Trecho do texto retirado da edição de dezembro de 1921, p.81.

<sup>99</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, edição de dezembro de 1921, p.81.



criam expectativas nas mulheres no que diz respeito a sua vaidade, seus desejos e sua sexualidade.<sup>100</sup>

O texto “beleza ao alcance de todos”, publicado na revista *Eu Sei Tudo*, traduz a questão da boa forma. Essa matéria recomenda que as mulheres não “quebrem mais a cabeça” para conservar a regularidade de suas formas. “O dr. Gilles, do Royal College of Surgeons demonstrou a associação médica britânica a possibilidade de remediar qualquer imperfeição da face”.<sup>101</sup> Descreve, então, a forma prática e simples de eliminação das imperfeições e feiúras da face, através de pequenas cirurgias que retiram parte da pele do corpo para corrigir as ditas imperfeições e manter as mulheres dentro da beleza clássica esperada pela sociedade e desejada por elas.

Transcrevemos, a seguir, alguns trechos de um texto publicado em 1918, no qual se ensina à mulher a arte de ser bela, até mesmo para quando ela se encontrar em situações incomuns, como é o caso de uma visita de refúgio ou de descanso no campo. As recomendações são simples; os produtos indicados estariam ao alcance de qualquer mulher, e as prescrições foram detalhadas no sentido de facilitar o uso desses produtos. De acordo com a revista, não importa o lugar; a beleza e o cuidado com a saúde deveriam ser prioridades no estilo de vida de cada mulher. Dessa forma, vai sendo veiculada a idéia de uma nova atitude e de um novo comportamento feminino na manutenção da saúde do seu corpo:

Para quem vive no campo, onde uma estadia de um mês por ano (pelo menos) é muito favorável à saúde e, portanto, à tez e à beleza geral, é muito conveniente completar o efeito do ar puro, fazendo uma cura de frutas – isto é, comendo grande quantidade de frutas, especialmente laranjas, figos, peras e uvas que são as mais benéficas para a pele. Como no campo nem sempre é fácil comprar drogas para “toilette”, indicarei os meios de substituí-las para não interromper os cuidados diários.

Assim o bórax na água para o rosto substitui magnificamente todas as águas para loções e o sal fino é uma excelente pasta dentifrícia. Se o sal irritar as gengivas contentem-se com lysol em pequena porção, na água com que se escovam os dentes.

Para substituir cremes mais ou menos caros usem leite, ou melhor, ainda: nata.

Lavar o rosto com leite antes de se deitar produz excelente efeito.

Para amaciar as mãos usem uma pomada feita assim:

---

<sup>100</sup> *Ibidem*, p.49.

<sup>101</sup> Trecho retirado do texto “beleza ao alcance de todos”, publicado na edição de novembro de 1923, p.51.

Banha de carneiro..... 20 gramas  
Goma de canfora..... 20 gramas

Se houver na pele erupção constante causada pelo calor, preparem o seguinte pó:

Polvilho fino..... 40 gramas  
Canfora pulverizada..... 20 gramas  
Pó de talco..... 15 gramas  
Oxido de juico.....7 gramas.<sup>102</sup>

A beleza é tratada como sendo uma “arte” que a mulher precisava apreender, compreender e dominar. Eram discursos que ajudavam a mulher a valorizar a sua feminilidade, constituídos de conselhos práticos de como proceder no cuidado com a sua saúde. O ar puro fazia bem à saúde, e no campo ela teria oportunidade de comer frutas frescas, quem sabe, colhidas no pé, promovendo uma alimentação saudável sem precisar gastar muito. Os resultados seriam tão satisfatórios quanto aqueles obtidos na cidade.

## 1.2 - Beleza e saúde do corpo

A associação da feminilidade à beleza não é nova. Todavia, no âmago dessa permanência, a maneira de problematizar as aparências, os modos de conceber e de produzir o embelezamento modificam-se de acordo com as ênfases culturais dadas em cada época. A história do embelezamento feminino pode ser vista nas mudanças das representações que se sucedem ao longo do tempo, tanto em relação à beleza, quanto no que se refere à repulsa pelas aparências consideradas feias, conforme evidencia Sant’Anna (2005). Segundo a autora, “é na repetição insistente das regras de elegância e de higiene, é na minúcia enfadonha dos cuidados que visam as unhas e a pele, os olhos e os cabelos, que percebemos como se fortalece a cultura do espaço íntimo, na qual o corpo feminino merece um lugar de destaque”.<sup>103</sup>

Entre os anos de 1900 e 1930, publicidades concorreram no combate dos mais diversos “defeitos” da aparência feminina. Os produtos publicados para a melhoria da

---

<sup>102</sup> Trecho inicial de um comentário sobre “A arte de ser bela: os cuidados necessários ao corpo”, publicado na revista *Eu Sei Tudo*, outubro de 1918, p.100.

<sup>103</sup> SANT’ANNA, Denise Bertuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT’ANNA, Denise Bertuzzi de (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p.122.

pele, dos pelos, dos cabelos, para afinar a cintura, entre outros, eram chamados de remédios:

Raramente era utilizado o termo cosmético. Jornais e revistas são pródigos em publicidades de remédios para a beleza que, por sua vez, servem para curar uma infinidade de males diferentes. Do cansaço às cicatrizes, passando pelas rugas e feridas, um mesmo produto é, inúmeras vezes, considerado polivalente e, por isso mesmo eficaz.<sup>104</sup>

Se levarmos em conta o contexto da cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, no qual o lugar do médico era fundamental para a organização tanto moral, quanto social das famílias da elite, a falta de beleza era tratada como doença e merecia um tratamento médico, com prescrições e remédios. Isso significa que a cosmetologia, ou seja, a fabricação de cosméticos, não se destacava a ponto de interferir nas questões de beleza e nem prescrevia o que deveria ser feito como tem sido nos dias atuais. Nesse período, o uso cotidiano de tônicos, loções e outros produtos ditos higiênicos para embelezar constituíam, em geral, um privilégio restrito às mulheres da elite nas grandes cidades. Predominavam, na revista *Eu Sei Tudo*, as ilustrações em que a falta de beleza estava ligada à questão da doença.

Mulheres belas e famosas aconselhavam outras mulheres, de modo informal, e extremamente didático, afirmando que é bom, fácil e importante se fazer bela, dia após dia. Mulheres famosas recomendavam o embelezamento e o cuidado com o corpo com a mesma desenvoltura com que revelavam suas vidas íntimas. Mulheres que permaneceram sempre jovens afirmavam o quanto valia a pena sofrer por causa da beleza estética.

Em quase todas as edições da *Eu Sei Tudo* do período examinado, havia uma coluna intitulada: “A arte de ser bela”, reservada para conselhos e dicas de mulheres famosas, como, por exemplo, Lina Cavalieri, uma cantora de ópera italiana da *Belle Époque*, que escrevia colunas e páginas endereçadas às mulheres, sobre “as lições de beleza”. Nesses espaços, os problemas de beleza e de estética eram vinculados aos de saúde, o vocabulário popular se misturava ao nome de médicos considerados “renomados”, e as justificativas eram (ditas) científicas. No artigo: “As modas

---

<sup>104</sup> *Ibidem, idem.*

estúpidas”, por exemplo, publicado em abril de 1918, incentivavam-se as mulheres a tomarem cuidado com certas inovações da moda, pois algumas delas poderiam causar danos irremediáveis à saúde, como era o caso do espartilho, considerado pela revista como,

a causa principal do mau funcionamento do aparelho digestivo e, portanto da degenerescência da espécie, porque sem boa nutrição não pode haver saúde. O colete moderno, que é quase um cinto, aboliu felizmente a monstruosidade do espartilho, mas a mulher moderna ainda conserva os grampos (de cabelo e de chapéu), os brincos, as ligas circulares e outras modas que concorrem para lhe dar sofrimento e quase todas perturbam o funcionamento normal dos órgãos.<sup>105</sup>

Ainda nesse artigo, *Eu Sei Tudo* faz referência ao dr. Quenu, um fisiologista que, na sua comunicação à Academia de Medicina de Paris, apresentou radiografias que demonstravam as desordens graves que o sapato de tacão alto provocava na saúde. O artigo termina, afirmando que “todos os higienistas são unânimes em reconhecer que, a circulação do sangue – essencial à vitalidade do corpo, só se faz mediante dois auxiliares suplementares: o trabalho dos músculos e o dos pulmões”.<sup>106</sup> Portanto, roupas e acessórios apertados poderiam provocar diferentes danos à saúde do corpo.

Na coluna “A arte de ser bela: o repouso”<sup>107</sup>, Lina Cavaliere aconselha as mulheres a cerca dos benefícios de um bom repouso, considerado como um dos segredos da beleza e também da longevidade. A mulher que se preocupa com a própria beleza e integridade física é aconselhada a ter alguns momentos de descanso, divididos em dez ou doze vezes. Nessa coluna, encontram-se ainda orientações de como obter esse tempo de descanso em meio a inúmeras tarefas e várias sugestões de como organizar o próprio tempo. Assim, descansar não seria conceder alguns momentos à preguiça, e sim “economizar inteligentemente os instantes da sua vida”.<sup>108</sup> O cansaço dos olhos podia ser evitado fechando-os durante alguns segundos. Seja qual for o serviço que a mulher estivesse fazendo, a revista sugeria interrupções por breves momentos, para o descanso. Reservar alguns momentos da vida para o silêncio, para a solidão, também era aconselhado. Abrir a janela de um cômodo e respirar longa e

<sup>105</sup> Trecho de texto publicado na revista *Eu Sei Tudo*, edição de abril de 1918, p.109.

<sup>106</sup> *Ibidem, idem.*

<sup>107</sup> Texto publicado na revista *Eu Sei Tudo*, edição de novembro de 1918, p.64.

<sup>108</sup> *Ibidem, idem.*

lentamente, por exemplo, ajudaria a se desprender um pouco dos afazeres domésticos e levaria ao descanso da mente. Propunha-se também uma distribuição do tempo em vários momentos de lazer e de trabalho. Para a revista *Eu Sei Tudo*, se a leitora tivesse meia hora para almoçar, melhor seria fazer uma refeição rápida e saudável e usar um quarto dessa meia hora para um passeio a pé.

Parece que o objetivo da revista nesse momento era dotar a mulher de um maior número de informações, de modo que funcionassem como campanhas sobre o cuidado com a sua saúde e a saúde da sua família. O país se modernizava, as transformações estavam acontecendo, e percebe-se que a leitora era incentivada a conhecer essas transformações. Bem preparada, ela contribuiria, com suas ações, no ambiente doméstico. A intenção era produzir leitoras conscientes de suas responsabilidades como cidadãs.

Muitas vezes, as dicas sobre beleza e saúde aparecem mescladas nos textos, e somente uma análise mais atenta permite traçar os saberes médicos que embasariam os rituais de beleza. As ilustrações reforçam a mensagem do cuidado com o corpo, com a saúde e transmitem novas tendências da moda. Os artigos publicados na revista *Eu Sei Tudo*, tais como: “Mulher moderna”; “Os tipos de beleza”; “Como se cultiva o corpo”; “Sport excêntrico”; “Higiene moderna”; “Higiene da vista”; “Higiene e superstição”; entre outros, tratam da higiene, relacionado-a com a questão da educação do corpo, mais especificamente, com a educação física e com a moral também. No entanto, a preocupação maior era com a saúde do corpo.

Um outro texto, publicado na coluna “A arte de ser bela”, aborda os cuidados que a mulher deveria ter com seus dentes. O texto relata o seguinte:

Quem tem boca bonita e sobretudo bonito os dentes não pode ficar triste, porque insensivelmente tem o prazer em os mostrar. A mulher não pode ser feia se tiver bonitos dentes, disse Jean Jacques. As doenças nos dentes azedam por diversas razões o caráter das mulheres.

A extração assusta-as menos pela dor do que pela falta que fará o dente, assim como para elas a chumbagem de um dente da frente é um verdadeiro pesadelo. Por isso deve-se pensar na higiene e tratamento dos dentes enquanto é tempo. Não se aprecia bem seu valor senão quando se perdem.

Os dentes são destinados a mastigar as comidas e não a quebrar objetos duros ou a cortar linha: todas as vezes que se desviam do fim a que foram destinados, expõem-se a estalar o esmalte dentário e a abrir por ai uma porta de entrada para a cárie. Devem-se evitar as temperaturas extremas para a boca: o uso das bebidas muito quentes faz estragar o esmalte e estragar os dentes. Porém mais perigosa ainda é a passagem brusca do quente para o frio, por exemplo, o beber vinho gelado logo em seguida à sopa.

Depois de cada refeição deve-se bochechar com água morna e passar entre os dentes um fio encerado. Evitar sempre de palitar os dentes com objetos de metal como alfinetes, grampos, que são muito nocivos à integridade do esmalte.

Devem-se escovar os dentes de manhã e à noite, sendo uma das vezes com dentifrício.

Receita de dentifrício:

Bicarbonato de sódio.....	5,0
Cloreto de sódio.....	5,0
Carbonato de cal.....	150,0
Hortelã pimenta.....	4 gotas <sup>109</sup>

Esse texto remete a algumas preocupações básicas da revista *Eu Sei Tudo* com as leitoras. Primeiro, a mulher deveria ser bela, e, para isso, era preciso o cumprimento de alguns requisitos, sem os quais a beleza de nada lhe serviria. A beleza da mulher necessariamente passava por questões relacionadas ao asseio e à higiene com o seu corpo. No caso do texto acima, a recomendação era em relação à saúde bucal. Para possuir dentes perfeitos, é preciso seguir dicas e truques para melhor cuidar deles e, com isso, usufruir de uma beleza perfeita e saudável. O cuidado com o corpo antecedia à aparência física, e as dicas de como obter esse cuidado contribuía para que a mulher tivesse o prazer em cuidar de si mesma. As mulheres eram levadas a crer que “a arte de saber se cuidar” embelezava-as ao mesmo tempo em que as ajudava na aquisição e na manutenção de um bom estado de saúde física, de uma aparência agradável.

Ao mesmo tempo em que a feiúra é algo que deve ser curado, a beleza, por sua vez, deve ser conquistada e preservada. Os medicamentos, sejam eles caseiros, sejam eles produtos de laboratórios farmacêuticos, começaram a fazer parte do dia-a-dia das mulheres como auxiliares na conquista da beleza. Algumas vezes, as dicas vinham em um tom imperativo, demonstrando o objetivo da ordem e da prescrição para os novos comportamentos. Outras vezes, percebemos, nos textos, um tom de negociação, por

---

<sup>109</sup> Texto publicado na revista *Eu sei tudo*, novembro de 1919, p.140.

meio do qual se tentava convencer as leitoras dos resultados benéficos advindos da mudança de comportamento no cuidado consigo mesmas.

Por causa dessas constantes dicas endereçadas à mulher casada e à mulher-mãe, a revista *Eu Sei Tudo* também foi analisada como um impresso que difundiu normas de comportamento com intenções de modificar os já existentes. Por exemplo, no texto citado acima, há uma advertência quanto ao uso de objetos de metais para a limpeza dos dentes, o que significa que havia o costume de se ter essas práticas consideradas nocivas à saúde bucal e à integridade do esmalte dos dentes. A prescrição de novas práticas comportamentais no cuidar dos dentes mostra claramente a interferência da revista nos hábitos e costumes das mulheres, a fim de modificá-los.

A revista *Eu Sei Tudo* exercia o papel de formador de opiniões, hábitos e comportamentos, assumindo, assim, a função de um mediador cultural na sociedade. Informava ao mesmo tempo em que formava pessoas aptas para o consumo do que era produzido e divulgado pela própria revista, principalmente no que tange às novas descobertas da ciência e da tecnologia. Para atingir esses objetivos, a revista investia na formação da mulher-mãe, na medida em que ela seria um canal de continuidade desses ensinamentos no seu lar e, mais especificamente, com seus filhos.

A mulher-mãe estava sendo formada também para que ela contribuísse com o fortalecimento da espécie, isto é, por meio das orientações recebidas, essa mulher educaria crianças que seriam, dessa maneira, futuros indivíduos, saudáveis fisicamente, e, ao mesmo tempo, eficientes para lidar com produtos tecnológicos. Para Goellner (2003), “educar a mulher é também educar o seu corpo – higienizá-la. Ou seja: a higienização do seu corpo corresponde, também, a higienização dos seus comportamentos e o modelo da mãe passa a determinar tanto a sua conformação física como moral”.<sup>110</sup>

## **2 - Delineamento e formação de novas práticas culturais femininas**

A idéia do “como fazer certo”, utilizando o que se tinha nos lares, em qualquer área, principalmente na da saúde, era bem enfatizada na revista *Eu Sei Tudo*. Isso pode ser observado em vários artigos intitulados: “Medicina caseira”; “Propaganda

---

<sup>110</sup> Goellner, op.cit, p.71.

moderna”; “O mais moderno dos brinquedos”; “A mulher moderna”; “Pequenas invenções”, entre outros. Essas matérias ensinavam a mulher a ser moderna e o que se deveria fazer para estar de acordo com as qualificações da modernidade. Portanto, a pretensão da revista era corrigir costumes culturais antigos, modelando-os aos novos, ditos modernos e científicos.

Esperava-se que as mulheres dominassem um pouco de diferentes assuntos: “as ciências naturais, a higiene, a física, a química, a astronomia a matemática, a geografia, as artes, as indústrias, tudo, representa uma necessidade real! A mestra deve ser a Mãe, e é preciso que a mulher tenha uma soma grande de conhecimento para não perder uma interrogação do filho”.<sup>111</sup> Como havia muito a ensinar à mulher em relação às suas atividades, os manuais, que serão citados mais a frente, funcionavam como instrumentos na formação da mulher. Eles apresentavam prescrições que deveriam ser seguidas, já que ensinavam a maneira correta de aproveitar o tempo, por exemplo, e, mais do que isso, ensinavam a fazer uma “administração científica” das tarefas a se desempenhar.

As leitoras de *Eu Sei Tudo* eram introduzidas não somente no progresso da tecnologia e nas suas novas conquistas, mas principalmente na nova relação que a modernidade exigia com seus produtos, no modo de se estabelecer essa relação no dia a dia. Isso significaria, de certa forma, delegar à mulher novas responsabilidades sociais. Ela não poderia mais ser simplesmente uma dona de casa feliz, por ser e fazer a felicidade do seu esposo e filhos. Caberia também a ela “atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada membro da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio”.<sup>112</sup>

Os conhecimentos que as mulheres iriam adquirindo, portanto, auxiliaria essas mulheres a acabar com os “antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca”, para torná-las uma companhia mais agradável e interessante para o homem. Nos finais do século XIX e princípios do século XX, as mulheres já estavam em contato com produtos, propagandas de produtos e materiais tecnológicos para o uso nos lares. Elas já

---

<sup>111</sup> MALUF; MOTT, *op. cit.*, p.406.

<sup>112</sup> RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890 - 1930*. Rio de Janeiro: PAZ e TERRA, 1985, p.62.



estariam, assim, preparadas para o consumo capitalista. O texto: “A boa ordem em casa” mostra os argumentos usados pela revista na produção dessa nova mulher consumidora:

Uma das coisas que mais predispõem ao trabalho e torna a atividade suave é a impressão de asseio em torno de nós. Por isso nada há mais desagradável do que trabalhar numa casa que está ou parece descuidada.

Ora, as costureiras, obrigadas a tirar de seu labor fiapos, sobras de linha, retalhos, etc., são em geral condenadas a trabalhar cercadas por essas pequenas coisas, que formam em torno delas, um cenário detestável. A gravura acima mostra como se evita esse inconveniente.

Uma cesta pouco volumosa tendo uma pequena abertura na tampa serve para recolher todos os retalhos, aparar, etc., permitindo manter o soalho sempre limpo.<sup>113</sup>

É interessante perceber a maneira inteligente por meio da qual a revista dialogava com suas leitoras, orientando-as sobre um bom comportamento pessoal e sobre a limpeza do próprio lar. Nesse diálogo, algumas noções de higiene são repassadas, tais como o asseio, que foi colocado como importante ao bom andamento de qualquer trabalho que se realizasse. O descuido e a sujeira são noções também desenvolvidas nas páginas de *Eu Sei Tudo*. Para a revista, eles não combinam com a eficiência e, portanto, precisam ser eliminados. A revista incentivava as mulheres a prestarem atenção nos pequenos detalhes das suas funções domésticas que precisavam ser revistas e modificadas, pois seriam importantes na ajuda para manter a ordem, conservando os ambientes domésticos higiênicos e saudáveis.

Como exemplo do esforço de padronização dos comportamentos, podemos ver a propaganda de dois manuais que foram divulgados sistematicamente, durante a década de 1920: “Manual de medicina doméstica” e “Boas maneiras”. Esses manuais reforçam a idéia de condutas e hábitos de acordo com os padrões supostamente mais elevados de comportamento, pertencentes a uma classe dita refinada. O manual “Boas maneiras” foi publicado como um livro que devia estar sempre ao alcance das mãos. Ele foi descrito como o mais completo e moderno manual de civilidade, publicado no país (que, inclusive, já estava na 5ª edição). O manual incentiva as pessoas a dominarem os segredos da civilidade, da cortesia, da distinção, etc. Ele era apresentado como aquele que resolveria todas as dificuldades éticas: como evitar cometer pecados contra o

---

<sup>113</sup> Texto publicado na revista *Eu Sei Tudo*, fevereiro de 1920, p.98.

próximo; como se proceder em batismos e cerimônias de casamento; falecimentos; visitas; pêsames e lutos.. Tratava-se, pois, de um manual que prepararia as pessoas para enfrentar os pequenos embaraços comportamentais, causados pela falta de informação. O livro ainda foi considerado como um verdadeiro “secretário particular, conselheiro fiel e discreto, rumo à civilização da sociedade brasileira”.<sup>114</sup> Portanto, ele seria indispensável a qualquer família que quisesse adquirir boas maneiras; a se comportar de um modo cortês, moderno e civilizado no lar e fora dele.

UM LIVRO QUE DEVE ESTAR SEMPRE AO ALCANCE DE SUAS MÃOS...

**BÓAS MANEIRAS**

CARMEN DAVILA

O MAIS COMPLETO E MODERNO MANUAL DE CIVILIDADE PUBLICADO EM NOSSO PAÍS!

5ª edição  
Gr. \$ 28,00

ALGUNS DOS CAPÍTULOS DO LIVRO:

- Todas as fórmulas de cumprimentos
- A cortesia em casa e fóra de casa
- A cortesia em sociedade e em vilegiatura
- Como proceder à mesa
- Correspondência particular e protocolar, ofícios, cartas, cartões e convites de toda natureza
- Sobre assuntos religiosos
- Nascimentos e casamentos
- Falecimentos, visitas, pêsames e luto

DOMINE os segredos da civilidade, da cortesia, da distinção... BÓAS MANEIRAS resolverá todas as suas dificuldades — desde o colocar um pronome numa carta, dispor corretamente um jantar de cerimônia, até o participar a ruptura de um noivado ou noticiar um falecimento. Um livro que é um verdadeiro secretário particular, conselheiro fiel e discreto em todos os pequenos embaraços da nossa vida em sociedade.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

ATENDEMOS PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
R. 15 de Novembro, 144 - S. Paulo - R. Chile, 23 - Salvador - R. Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro

Figura 10 - Manual de Boas Maneiras. Revista *Eu Sei Tudo*.

O “Manual de medicina doméstica”, escrito pelo dr. Samuel Maia, médico dos hospitais de Lisboa e publicado no mesmo período em que foi publicado o livro “Boas

<sup>114</sup> Revista *Eu Sei Tudo*, edição de setembro de 1925.

Maneiras”, foi divulgado como um material ou acessório indispensável a toda a gente. Nenhuma família deveria deixar de tê-lo em seu lar, porque o manual continha o que as pessoas leigas deveriam saber sobre os primeiros socorros e cuidados básicos com a saúde. Ele foi apresentado à sociedade como um guia e um conselheiro. Uma obra “incontestavelmente” de grande utilidade.



Figura 11 - Manual de medicina caseira. Revista *Eu Sei Tudo*.

A propaganda do “Manual de medicina doméstica” diz ser esse o manual que ensina como proceder imediatamente após incidentes trágicos, na ausência de um médico, por exemplo, no caso de um ferimento grave, de uma queda, de uma dor repentina, de um desmaio, etc. Ainda foi publicado como o manual que traz conselhos sobre enfermagem, ensina a preparar a alimentação para doentes ou convalescentes e até mesmo alimentos para os sadios se prevenirem de doenças. Parece que o manual tinha a função de esclarecer, sob um ponto de vista prático, a prevenção e a cura dos males da

saúde que acometiam as pessoas, principalmente quando elas se encontravam em ambientes domésticos.

### **3 - Maternidade: aliança entre mulheres e médicos**

Nos finais do século XIX e no início do século XX, a crença na missão “civilizadora” dos médicos levou-os a enfatizar ações que tinham como fim a reorganização da sociedade. Visavam produzir indivíduos saudáveis no corpo e no espírito e almejavam também ser participantes ativos das transformações não apenas em suas vidas particulares, mas nas muitas mudanças que dariam um novo destino ao país. Buscando atingir esse objetivo, discursos reformistas em direção às principais instituições brasileiras foram elaborados com o intuito de modificar hábitos, vícios e erros tomados por esses profissionais como principais deficiências na formação do povo brasileiro. Esses discursos foram direcionados à família, à escola, aos hospitais, aos quartéis, às prisões, enfim, aos inúmeros outros espaços públicos e privados, que deveriam permanecer atentos às novas normas higiênicas de comportamento.

Como parte desse projeto de intervenção médica na sociedade, muitos textos foram escritos com caráter normativo, em estilo acadêmico, de modo objetivo e direto. Textos sobre a família, o casamento e a mulher foram escritos com a finalidade de constituir saberes acerca do corpo feminino, da beleza, da sexualidade, da infância; a respeito de outros temas discutidos no período, tal como evidencia Martins (2004). Além do caráter ideológico que os textos possuíam, eles eram, na sua maioria, textos mais descritivos do que analíticos. Os artigos não se preocupavam muito com as questões científicas e as minúcias acerca dos assuntos divulgados. Os artigos tinham como objetivo construir sínteses de conhecimentos autorizados pela ciência.

Martins (2004) observa que, nesse período, os médicos brasileiros produziram um conjunto significativo de teses, relatórios, artigos e livros sobre o tema da higiene familiar, para que um número maior de indivíduos tivessem acesso a informações relativas à higiene e a suas regras. Muitos desses textos eram reproduzidos em veículos de grande circulação, como as revistas, endereçados ao público leigo, deixando de lado a linguagem da ciência, recorrendo a um estilo mais livre. Por meio desses veículos, os médicos podiam expressar suas opiniões e valores morais. O pensamento médico a

respeito da mulher-mãe e de seu papel na sociedade foi um assunto que estimulou várias outras entidades a reproduzir o mesmo discurso, com os mesmos ideais. Na revista *Eu Sei Tudo*, não conseguimos constatar esse dado com exatidão porque a maioria dos artigos não eram assinados e também pelo fato de esses textos serem traduções de revistas estrangeiras. Apenas alguns artigos da revista que tomam a saúde como objeto de reflexão reportam-se aos médicos como forma de legitimação do que era publicado então. Grande parte deles são orientações às mães sobre como cuidar da saúde de seus filhos, sem citar médicos ou outros especialistas no assunto. Os discursos divulgados na revista *Eu Sei Tudo* possuíam, entre outros aspectos, um tom de negociação, na medida em que precisavam do consentimento da mulher para a realização do que se prescrevia neles. Além disso, de acordo com a nossa perspectiva de análise esses discursos não eram deterministas. A nosso ver, a estratégia era fazer a mulher entender a importância de sua função como mãe, como educadora social, desenvolvendo-a com prazer e eficiência e não como uma obrigação a cumprir. São novas modelagens propostas para a função materna.

Hábitos higiênicos que ajudaram a manter a saúde do lar estavam sendo refeitos e reconstruídos, por meio de saberes e de conhecimentos médicos destacados e divulgados pela revista. Para tal, a ciência e a tecnologia foram tomadas o tempo todo como autoridade nas formações e conformações desses novos hábitos, mesmo quando percebemos certa inquietação em relação a essa autoridade como verdadeira.

Para os médicos reformistas, a transformação da família significava a redefinição de papéis desempenhados por seus integrantes, permitindo, assim, novas responsabilidades para os pais, entre elas, a educação das crianças e a organização do cotidiano familiar. Na opinião de Martins, “ao penetrar no espaço quase que inexpugnável da família patriarcal, os médicos encontraram ali os principais obstáculos às suas reformas, mas também uma futura aliada: a mulher”.<sup>115</sup> Para a autora, houve nesse processo uma “objetivação” da mulher pelo discurso higienista, produzido ao longo do século XIX e no início do século XX. Em tal discurso, a figura da mulher foi “reabilitada, sua condição elevada, sua importância enaltecida”. Enfim, a mulher saiu de

---

<sup>115</sup> MARTINS, Ana Paula V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p.88.

uma condição secundária para assumir a categoria que lhe dá o prestígio de mediadora entre os filhos e o Estado. A mulher passaria a ter uma existência social imprescindível na reformulação da família e da sociedade. Os médicos brasileiros, por seu turno, estavam cada vez mais certos do seu papel de orientadores e protetores das mulheres no cumprimento de sua função natural e social.

Para a mulher, o sexo e seus ditames só eram determinantes em alguns momentos de sua vida, principalmente no que se refere à reprodução. Uma nova abordagem dada ao sexo, como um fenômeno natural, e sua circunscrição ao domínio do saber científico e médico foram de grande importância para a consolidação do sistema sexo-gênero, de acordo com Martins (2004). Essa abordagem foi responsável pela divisão da espécie humana em duas partes opostas, dois sexos, segundo os quais, os corpos também foram marcados pela diferença. Com isso, foram promovidas hierarquias e desigualdades para definir essas diferenças. Conforme Martins (2004), “a equação sexo-gênero não foi utilizada para definir o homem da mesma forma como o foi para a mulher”.<sup>116</sup> Nesse sentido, é importante notar que o reforço do gênero permeou os discursos sobre a maternidade e, conseqüentemente, fez parte das campanhas nacionais que tomaram a regeneração da raça brasileira como objetivo primário na construção da nação.

O texto abaixo transcrito, publicado sob o título “Contra o raquitismo das crianças”, ajuda a entender os argumentos científicos utilizados na afirmação da ciência como parte integrante da constituição familiar.

Afirmam autoridades científicas que o tratamento de raquitismo e perturbações conjugadas de nutrição depende da regularização da dieta, das condições higiênicas e de um medicamento, o fósforo. Este é ativo somente na forma elementar de fósforo amarelo. Ministra-se dissolvido em óleo de fígado de bacalhau. Todavia o fósforo amarelo elementar é um dos venenos mais violentos, e registram-se casos fatais de envenenamento com doses ordinárias de solução de fósforo no óleo de fígado de bacalhau. Descobriu contudo o dr. Manchot que se pode misturar sem perigo. Libertou a semente do óleo que ela continha, extraindo-o com benzina, e verificou que o resíduo compreendia uma porcentagem maior de peso, em fósforo, do que a semente antes de tratada.

Prepara-se uma sopa de linhaça, misturando-se 10 gramas de semente esmagada da qual se extraiu o óleo, num litro de água e aquecendo-a ao fogo brando até que a quantidade de líquido se reduza à quarta parte. Não se deve deixar ferver. O líquido

---

<sup>116</sup>Essa relação foi discutida na introdução, quando analisamos a questão de gênero na história e, sendo assim, neste capítulo, não entraremos em detalhes acerca do estudo de gênero.

passa então por uma peneira fina; o resíduo é comprimido com uma colher de pau; e por fim filtra-se por um pano fino ou por um papel filtro. O dr. Manchot dá de 3 a 5 centilitros dessa sopa às crianças conforme a idade, misturando-a em alimentos. Dois ou três dias depois de tomarem esta sopa sem mudança de dieta, o peso começa a aumentar, e dentro de uma semana melhora o aspecto das crianças: desaparece a palidez, as faces tornam-se rosadas e os músculos rijos.<sup>117</sup>

O artigo começa mostrando a importância de se confiar nos avanços da ciência, pois era ela a autoridade no que diz respeito aos cuidados com a saúde. Para determinar a sua veracidade, a ciência médica trazia dados experimentais, provas que demonstravam a eficiência da sua colocação, além de usar a prescrição como indicação dos resultados benéficos no tratamento das doenças. Dr. Manchot, médico e/ou químico, entrou na descrição acima, presente no artigo, para reafirmar a importância da figura de um químico, aquele que trabalhava no laboratório e que contribuía com a composição dos remédios. Portanto, a veracidade dos fatos científicos era apresentada para a família como prova do avanço dos conhecimentos em favor da própria família. A mãe precisava confiar nos feitos do dr. Manchot, mesmo sendo ele uma figura ainda desconhecida.

Firmava-se um contrato de confiança entre a mãe, que precisava cuidar da saúde de seu filho, e o provável químico que havia descoberto a maneira correta de se fazer isso. Não era apenas uma questão de saber usar os alimentos a fim de retirar deles nutrientes para o corpo, mas exigia-se uma regularidade. A criança precisaria ser alimentada corretamente e com regularidade, nos horários para as refeições. A mãe precisava saber sobre isso e permanecer atenta aos detalhes, tais como: horários, combinações de alimentos que ofereciam nutrientes mais saudáveis e úteis ao desenvolvimento de uma criança.

A mãe também precisava ter conhecimentos da higiene para melhor orientar seus filhos. Em relação a esse aspecto, a revista *Eu Sei Tudo* se apresentava como mediadora da formação das mulheres-mães, na medida em que procurava transmitir informações atualizadas, fazendo o seu papel de vulgarizadora de novos avanços na área da ciência médica. No caso do artigo citado anteriormente, a higiene não foi destacada como uma ciência, mas como um novo saber e um novo comportamento que ajudariam na prevenção das doenças. A inclusão de remédios como complemento na dieta alimentar também é enfatizada pelo artigo. Eles representavam novas possibilidades de tratamento

---

<sup>117</sup> Texto retirado da revista *Eu Sei Tudo*, março de 1918, p.32.

e de cura de deficiências do organismo infantil. Componentes artificiais produzidos em laboratórios começavam a fazer parte do dia-a-dia das famílias. O senso comum que priorizava produtos naturais era retirado aos poucos dos hábitos e costumes das pessoas que tinham acesso a essas informações para que a ciência e todos os seus aparatos de produção de saberes sobre a saúde fossem destacados como eficientes e essenciais, promovendo o bem estar.

É importante ressaltar as receitas que, na maioria dos artigos relacionados aos cuidados com a saúde, acompanhavam os textos, como forma de prescrição e orientação em relação ao uso dos medicamentos. A descrição de como conseguir usar o fósforo sem que venha a causar envenenamento foi feita passo a passo, revelando detalhes de suas composições químicas, que nos permitem concluir que a revista se dirigia ainda aos leitores conhecedores desses saberes ou aos interessados nesses processos químicos. Logo, a revista também comunicava a um público consumidor de ciência. Mesmo os leitores leigos no assunto foram colocados em contato com temas que diziam respeito à ciência, aos cientistas e aos processos de pesquisas científicas. Por isso, encontramos, em muitos artigos, diálogos, que também compunham redes de comunicações entre os pares, a respeito da ciência. No caso do artigo que analisamos, pretendia-se informar a mulher-mãe a respeito do mal que acomete a saúde dos filhos, denominado de raquitismo e que poderia levar inclusive à morte. Mas se pretendia também formar essa mãe sobre processos científicos que mostraram a relevância desse tipo de procedimento científico. O raquitismo precisava ser extirpado do seio da família, da sociedade e consequentemente da nação. Somente a prevenção em casa, graças ao papel desempenhado pelas mães no cumprimento das orientações publicadas nos artigos da revista, poderia trazer melhores resultados à saúde da família.

A revista estava preocupada principalmente com a questão preventiva e com a cura dos males que acometiam a saúde das crianças. Em um estudo sobre a história da pediatria no Brasil, no final do século XIX a meados do século XX, Júnia Sales Pereira (2006) mostra as opções historicamente feitas pela medicina de crianças. A seu ver, tais opções tinham relação com a necessidade de se combater a mortalidade infantil e tentar combater problemas sociais que emergiam naquele momento, mas também com o processo de singularização da criança como um outro, distinto do adulto. “A criança



passa, então, a ser descrita como sujeito indefeso e frágil, carente de cuidados especializados e profissionais, em especial quando da ocorrência de um desvio da pretendida normalidade enunciada pelo saber médico” (PEREIRA, 2006, p.16).

Vários textos endereçados às mulheres na revista *Eu Sei Tudo* deixavam clara a responsabilidade delas quanto à criação de seus filhos, principalmente no que concerne aos cuidados com a saúde. Intitulados “Alegria de ser mãe”; “O leite e as glândulas mamárias”; “Para cuidar de nossos filhos”; “Como devemos educar nossos filhos”; “Para salvar a infância”; “Educação feminina”; “As creanças no Theatro e no Cinematografo”; “Na ausência do médico”; “Para combater a mortalidade infantil”, esses textos dão uma oportunidade aos leitores, principalmente às mulheres, de ter acesso a um conhecimento mais aprofundado, com embasamentos em saberes médicos, de novos remédios, alimentos e produtos de higiene. Os leitores poderiam saber também, por meio desses textos, sobre a maneira simples e prática pela qual esses produtos auxiliariam na resolução de problemas enfrentados em ambientes domésticos. A família foi chamada a participar ativamente do cumprimento, com eficácia, de um trabalho que visava sanar a nação. Afinal, a ciência e os saberes médicos já estavam fazendo a sua parte.

Martins (2004) já havia observado que, desde os meados do século XIX, a educação e a saúde da criança eram objeto de preocupação dos médicos higienistas. Eles tentavam mudar as práticas culturais tanto dos pais, quanto das amas e dos preceptores, em relação ao cuidado com as crianças. Esses médicos consideravam os pais “responsáveis pelas altas taxas de mortalidade infantil, pela debilidade dos corpos e a lassidão moral”.<sup>118</sup> A autora ainda afirma que os médicos higienistas pregaram uma nova orientação para os pais sobre a criação dos filhos, pautados em princípios higiênicos.

O trabalho de António G. Ferreira (2002), por sua vez, revela como as crianças passaram a ser objeto de estudo de diversas dissertações nas últimas décadas do século XIX. Entre elas, a temática da higiene social tem papel de destaque. Os títulos são expressivos: “Hospitais de Crianças (1890)”; “A mortalidade das crianças e a assistência pública (1894)”; “A higiene e o trabalho das crianças (1880)”; “Questões de

---

<sup>118</sup> Martins, 2004, p.198.

patologia e higiene social (1891)”; “Algumas palavras sobre as relações da educação física e moral com a patologia e a sociedade (1883)”.

Para Ferreira, essa abordagem continua com a entrada do século XX. Há um maior incentivo por parte dos médicos, sobre o cuidado com a infância por se verem confiantes na sua capacidade de intervir nos cuidados da criança nos comportamentos sociais em relação a ela. Os médicos se viam praticamente como o único *corpo profissional* com qualificações adequadas para uma intervenção científica sobre a infância: “Num tempo de cientificização positivista, a medicina parecia a área mais apetrechada para se debruçar com objetividade sobre a criança”.<sup>119</sup> Esse discurso acabava legitimando um poder que queria intervir tanto no nível do controle individual, quanto no nível da organização da sociedade. A criança passou a ser considerada ser especial que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados das mães no cuidado de seus filhos.

Ainda que, no período em que pesquisamos, de 1918 até a década de 1930, não tenha sido possível perceber a formação de campos específicos relacionados à ciência médica de estudo e intervenção sobre a criança, os saberes ligados a esses campos científicos foram incorporados nos artigos e textos da revista *Eu Sei Tudo*, por meio de explicações sobre os cuidados que as mães deveriam ter com a saúde delas e com a saúde de seus filhos. Assim, os médicos se afirmavam como autoridade no domínio científico sobre o corpo tanto da criança, quanto da mulher.

Esses saberes médicos eram destacados com a finalidade de investir sobre a infância tanto no campo pedagógico, quanto psicológico, possibilitando o alargamento cada vez maior de seus campos de intervenção. Para além da prevenção dos males e do desenvolvimento físico da criança, a medicina deveria se posicionar “como ciência zeladora da infância e como ciência fundamental para a reforma da sociedade”.<sup>120</sup> Com a conquista desse novo domínio do saber, o estudo da infância abriu as portas da casa para a interferência destes especialistas, os médicos higienistas, no relacionamento e cuidado dos pais com seus filhos. Assim, o poder médico contribuía para a higienização da cultura popular, transformando hábitos cotidianos das famílias. Crenças e práticas

---

<sup>119</sup> *ibidem*, p.101.

<sup>120</sup> FERREIRA, António G. A higiene e o investimento médico na educação da infância. In: GONDRA, José G. *História, Infância e Escolarização*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2002., p.103

arraigadas, no que se refere ao cuidado da criança e do recém-nascido, iam sendo suprimidas e ou desqualificadas, consideradas primitivas, nocivas e irracionais. Desse modo, a criança passava a ser percebida com um olhar mais atento e mais disciplinador.

Martins (2004) mostra como o discurso médico sobre a infância, produzido no início do século XX, estava baseado em princípios e em informações, obtidas na discussão em torno do valor da infância para as famílias e para a pátria. Conforme a autora, aprimorava-se

o conceito de criação de crianças, ou da puericultura, entendido como o conjunto de medidas adotadas para aumentar a natalidade, como a higiene no casamento, a prevenção de doenças infantis e um grande número de regras higiênicas no cuidado com a crianças, referentes à habitação, à alimentação, ao vestuário, aos cuidados corporais, aos exercícios físicos e à educação.<sup>121</sup>

Ao debater sobre a produção da infância no Brasil, José Gondra (2004) examinou algumas produções da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), principalmente as teses defendidas pelos alunos ao final do curso, para a obtenção do título de *Doutor*, ao longo do século XIX. Por meio de sua análise, Gondra concluiu que, naquele momento, a prevenção tomou lugar de destaque nos discursos higienistas. Ao se fazer reconhecer e divulgar as contribuições da higiene, no sentido de uma perspectiva antecipatória, isto é, preditiva e preventiva, construiu-se, ao mesmo tempo, na visão do autor, a legitimação do discurso higiênico como autoridade sobre a infância e sua educação.

Percebemos, nas nossas análises, que, ao mesmo tempo em que a revista *Eu Sei Tudo* assinalava para a família a responsabilidade no cuidado das crianças, ela também indicava a maneira pela qual se deveria cuidar delas, embasada em conceitos médicos e higienistas para reforçar a ação higiênica em direção à família. A ciência e o discurso higienista concentraram sua concepção na produção de conhecimentos sobre a infância e na maneira diferenciada de apreender esse sujeito social. As concepções higiênicas direcionadas à infância ajudaram na promoção não apenas da saúde física desse sujeito social, mas também de seu desenvolvimento psicológico “normal”, que garantiriam uma aprendizagem eficaz ao longo de toda a sua vida. A higiene era apresentada como

---

<sup>121</sup> MARTINS, *op. cit.*, p.198.

ciência-matriz, apontando para uma hierarquia a ser seguida no interior da ordem médica, assim como em seu exterior, como evidencia Gouvêa (2004).

A constituição da infância nos saberes médicos foi tema presente no 1º Congresso de Proteção à Infância (1922), com um leque maior de argumentos em favor da higienização da infância, constituídos de articulações entre argumentos médicos-religiosos e econômicos. A infância passou, então, a ser representada como investimento, que visa produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho, de acordo com Gondra (2004). Portanto, nesse período, os argumentos religiosos, higiênicos, econômicos, jurídicos e eugênicos convergiram todos para uma infância a ser modelada exemplarmente, na medida em que executavam a sua tarefa educativa e civilizatória sobre a infância e também sobre a casa e a escola. Essas agências, de certa forma, já exerciam essas funções ao longo do século XIX e continuaram a exercê-las de uma maneira mais específica, em torno da reflexão acerca da relação entre o discurso da higiene, da infância e da educação escolar. Em relação à revista *Eu Sei Tudo*, tomando, como perspectiva da abordagem, o tema *higiene* e analisando algumas reportagens que trataram dessa questão, constatamos que, de modo geral, o assunto *higiene* perpassou quase todas as edições que publicaram informações dirigidas à mulher e à infância. A missão de informar a sociedade acerca dos acontecimentos ao redor do mundo se destacava como uma das características da revista. Ela não tinha como alvo trazer discussões teóricas, as quais perpassavam os campos dos saberes; as tensões que se constituíam na formação e na delimitação de saberes específicos de cada disciplina e ou ciência. A revista apenas informava e publicava algumas notícias consideradas relevantes sobre os avanços da ciência e a sua contribuição prática para o dia-a-dia das pessoas, no período estudado. Sendo assim, ficam imperceptíveis, por exemplo, as ciências que concorreram para a formação da infância, a concorrência delas na elaboração de um conjunto de saberes e práticas, anunciados como capazes de zelar pela saúde das crianças. O que aparece com maior força, nas páginas de *Eu Sei Tudo*, é a legitimação desses saberes médicos como autoridade no que concerne à saúde da mulher e de sua criança.

Durante a nossa pesquisa, não percebemos a menção de uma figura médica específica, encarregada dos problemas de saúde infantil, como, por exemplo, a figura do

pediatra. Encontramos apenas saberes, delineados em torno do descobrimento das causas dos males, de orientações de como proceder na cura desses males e quanto ao uso de medicamentos quando eram prescritos. Sobre essa questão relacionada à ausência da figura de pediatras na revista, Pereira (2006) ajuda a entendê-la como algo que ainda estava em construção naquele momento. A seu ver, “a sociedade brasileira não passaria a acionar automaticamente o pediatra pelo fato de haver debates a respeito de uma nova especialidade médica no interior das academias ou ainda em oferta em consultórios particulares”.<sup>122</sup> A população ainda estava atrelada a uma história de práticas culturais em que se destacavam outros atores sociais como, por exemplo, curandeiros, herbalistas, os quais, segundo Pereira, competiram no mercado de ofertas de práticas de saúde.

A revista *Eu Sei Tudo* delegava à mãe a responsabilidade das práticas e dos cuidados em relação à saúde dos seus filhos. Era a mãe quem precisava prestar atenção nas anomalias desenvolvidas pelos filhos e observá-los, a fim de procurar tratamento adequado para eles. A revista oferecia os conhecimentos que a mãe provavelmente não possuía e a orientava como proceder corretamente, na perspectiva da resolução imediata do problema da criança até a chegada de um médico. A mãe não seria inteiramente dependente do médico, embora a presença dele fosse apresentada como indispensável na cura da doença do filho.

Lições embasadas nas práticas científicas para a mulher-mãe vinham em vários artigos da coluna “Novidades em medicina”, que explicavam avanços na área da medicina com terminologias técnicas, como se fossem fáceis de entender, e apresentavam dicas de procedimentos curativos. O texto “O soluço”, por exemplo, fornece as explicações fisiológicas do fenômeno e suas variações, vulgarizando a ciência médica. O texto também ensina procedimentos recomendados para reversão desse problema. Tendo isso em vista, optamos por trazê-lo na íntegra por julgá-lo exemplar sobre as explicitações de informações médicas.

O soluço é um espasmo simultâneo da glota e do diafragma. É um fenômeno reflexo por excelência. No entanto, deve haver para ele um ponto de partida ou causa que é

---

<sup>122</sup> PEREIRA, Júnia Sales. *História da pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX*. 2006. 211 f. Tese – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, p.17.

preciso explicar.

Geralmente, nos casos de soluço benigno, quando não sucede a acessos de riso ou um ato de deglutição mal executado, devemos atribuí-lo a perturbações do estômago. O soluço das crianças de peito é sem gravidade e avisa, simplesmente, que o bebê está com excesso de alimentação ou em contato com umidade.

Mas o soluço pode ter uma significação muito mais grave, correspondendo nos doentes, a uma peritonite, a uma pleurisia diafragmática, a lesões diversas dos rins, das vias biliares, etc., ou a uma intoxicação profunda.

Finalmente, há o soluço histérico, que não significa coisa alguma, mas que não deixa de ser incomodo.

A serie de espasmos do soluço é geralmente curta. No entanto, há casos em que se prolonga durante um dia inteiro, por vários dias mesmo, impedindo a alimentação e constituindo um verdadeiro suplício.

O soluço é caprichoso, difficil de ser detido e pode-se dizer que não há meio seguro de triunfar desse fenômeno, que desaparece como por encanto como surge subitamente.

Para o soluço que surja dentro de uma enfermidade grave, o médico empregará sacos de gelo colocados sobre a fossa epigástrica, os sinapismos, a compressão do nervo frênico, etc.

Contra o soluço simples e banal, a mesma compressão do nervo frênico, que comanda os movimentos do diafragma, poderá ser executada. Para isso, apóia-se o índex fortemente atrás da cabeça da clavícula, no ponto em que o nervo frênico penetra no tórax; a pressão deverá ser profunda e prolongada.

Existe contra o soluço uma série de pequenos meios empíricos, receitas de família mais ou menos eficazes: aplicação de um corpo frio entre as espáduas, emoção súbita mudando a atenção, pressão enérgica da extremidade do índex contra a do pulso, etc.

O mais simples e talvez o mais prático consiste em fazer o indivíduo beber muito lentamente um pouco de água a pequenos goles, decompondo de algum modo a série de movimentos de deglutição executada pela laringe, a fim de fazer uma espécie de reeducação destes movimentos, desordenados pelo espasmo e durante este tempo o indivíduo mergulha em cada uma de suas orelhas, com certa força, a extremidade do dedo mínimo.

As pessoas sujeitas ao soluço farão bem em tratar do seu aparelho gástrico, mastigar cuidadosamente e sobretudo beber ou engolir lentamente e com atenção.<sup>123</sup>

Poderia-se questionar a pertinência de informações tão detalhadas e específicas da classificação médica. Não haveria, junto com a função informativa, um esforço para a afirmação da autoridade médica pela linguagem técnica utilizada e pela abordagem universalizante e supostamente neutra? Mas, por outro lado, tais explicações científicas

---

<sup>123</sup> Artigo retirado da revista *Eu Sei Tudo*, publicado em janeiro de 1925, p.24.

não são ladeadas pelas descrições dos procedimentos “simples e mais práticos”, característicos das abordagens populares?

Essas indagações foram importantes, pois nos ajudaram a entender a maneira pela qual a revista *Eu Sei Tudo* usava argumentações e justificativas científicas para a legitimação da figura do médico, como autoridade sobre a cura de doenças. O leitor, portanto, precisaria, no seu processo cognitivo, buscar informações e objetos que não fazem parte do seu dia-a-dia, para adicioná-los ao seu processo de percepção, fazendo com que esses conceitos distantes começassem a fazer sentido para ele. Todavia, entre sentidos prováveis, está o da autoridade do médico, que domina esses termos, que entende aspectos desconhecidos do corpo e que, desse modo, é quem tem o que dizer sobre males profundos e problemas simples. Mesmo pequenos, esses problemas poderiam se tornar um “suplício”, e o domínio do médico se mostra indispensável para tranquilizar as mães, evidenciando a pouca gravidade de um caso.

Na descrição que a revista faz sobre as causas do soluço, algumas representações foram construídas e outras, descartadas. Por exemplo, o médico deveria ser chamado para a realização do tipo de procedimento descrito, pois somente ele seria capaz de executá-lo, devido a um tipo de formação científica que só um médico possui. Assim, o discurso e o saber médico sobre o soluço foram colocados como capacidades que têm valor de decisão, ou seja, os médicos podem dizer quando intervir em determinada situação e quando não há restrições ao uso de receitas domésticas. Vale observar como os procedimentos habituais denominados de “pequenos meios empíricos e receitas de famílias” são colocados em submissão às receitas médicas. As receitas de famílias poderiam até promover resultados eficazes, mas estariam fora dos padrões ditos científicos. Logo, o médico era representado pela revista como aquele que possuía o conhecimento e, portanto, o poder para falar e agir sobre a doença.

O processo intelectual pelo qual passamos na assimilação e percepção do conteúdo de um conceito acaba sendo ignorado, e o conteúdo tomado como real, não como uma construção social. Como observa Serge Moscovici (1978), as representações individuais ou sociais nos permitem pensar e ver o mundo como achamos que ele deve ser. Quando algo exterior e diferente do mundo construído por nós nos atinge passamos por processos de estranhamento, que se volta a reajustar e, assim, fazer parte do nosso

mundo de novo. Portanto, estamos sempre vivendo um processo cognitivo e intelectual que envolve as representações as quais nos ajudam a permanecer seres sociáveis.

No Brasil, tal como acontece na Europa, a virada do século XIX para o século XX pode ser caracterizada pelo fascínio pelas descobertas científicas. A ciência, sendo considerada como a manifestação mais elevada da inteligência humana, apresentava-se com a missão de informar a origem e o futuro dos homens, do universo. Ela tinha ainda a responsabilidade de ditar as regras de bom comportamento para toda a sociedade. Sá (2006) observa como, nesse período, “toda forma de conhecimento que pretendesse estabelecer alguma verdade deveria apresentar-se como ‘científica’ a fim de garantir a sua reputação”.<sup>124</sup> Para tal, a ciência foi usada como ponto de referência para conferir veracidade “soberana” ao discurso que se queria implantar naquele período.

Um texto publicado em 1927, com o título: “Ciúmes e os doces”, mostra que as mulheres que manifestavam um ciúme extremo em relação ao marido ou em relação a outra pessoa próxima podiam estar sofrendo uma grave doença do fígado. Por isso, ingeririam doces compulsivamente. Segundo relata *Eu Sei Tudo*, o Dr. Laumonier havia descoberto em seus estudos que a causa da doença *ciúmes* se relaciona com a ingestão de doces. Após apontar a causa dos ciúmes excessivos, o artigo aconselha as mulheres a tomar cuidado com doces, bem como aconselha os maridos a tratarem dignamente suas esposas. Dessa forma, todos contribuiriam para o bem estar físico, o bem estar familiar e social.

Já o texto “Mandamentos higiênicos”, publicado em 1926, brincando com discurso religioso, traz a visão prescritiva dos discursos higiênicos, com a intenção de corrigir os comportamentos e hábitos considerados não saudáveis:

Amarás a luz sobre todas as coisas. A luz do Sol é o símbolo de Deus. Todos os bons procedem dela.

Jurarás não provar bebidas alcoólicas nem assistir a espetáculos em salas fechadas. Higienizarás as festas. As práticas higiênicas são o melhor meio de aproveitar o tempo, quando não se trabalha.

Honrarás o ar e a água corrente. São o pai e a mãe de nossa saúde, que necessita para se engendrar e sustentar da ventilação e da limpeza.

---

<sup>124</sup>SÁ, Dominichi Miranda de. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p.90.



Não beberás; quem bebe mata a si mesmo e pode matar o próximo.

Não fumarás; quem fuma respira fumaça ao em vez de ar e transtorna a respiração dos próximos.

Não cuspirás; quem cospe rouba a saúde a seus semelhantes.

Não levantarás pó sobre qualquer pretexto, nem dormirás tarde; quem pratica o primeiro semeia a dor; quem faz o segundo não ama a luz do Sol, que é o símbolo da vida e da verdade.

Não desejarás nada que venha do acaso ou pelo jogo; quem joga, não trabalha; engana ou é enganado; se chega a ganhar dinheiro, perde a tranquilidade, que é a saúde da alma; e a saúde que é a paz do corpo.

Não gastarás dinheiro senão em alimentos sãos, roupa limpa e cama dura, o que para o conseguir, não se necessita cobiçar bens alheios.<sup>125</sup>

Vemos, nesse texto, instruções elaboradas de uma forma simples e de fácil compreensão. As instruções, além de corrigir hábitos não saudáveis, servem de modelo de civilidade e bons hábitos para os cidadãos de bem, que pretendem preservar a sua saúde e a dos seus próximos. São orientações que devem acompanhar as pessoas em todos os seus passos. Ao lado da cultura moral e intelectual, a higiene deve caminhar sempre junto em todos os lugares: do lar ao trabalho, do trabalho ao lazer.

### **3.1 - O cuidado com a saúde da criança**

O “Decálogo das mães”, descrito a seguir, é praticamente uma relação de tarefas que deveriam ser executadas pelas mães, de forma a permitir o bom desenvolvimento da criança na primeira infância. A alimentação, o asseio das crianças e de seu ambiente, o acompanhamento de seu crescimento e desenvolvimento físico e psíquico, na saúde e na doença, estavam presentes entre as funções maternas. O Decálogo chama a atenção das leitoras para um elemento importante na nossa análise: a conformação de alguns problemas, tais como: a existência de precárias condições de vida de grande parte da população na cidade do Rio de Janeiro e a alta taxa de mortalidade infantil, a ignorância das mães e sua responsabilidade natural para com os cuidados infantis. Essas questões estavam em foco nas primeiras décadas do século XX e foram discutidas por vários setores da sociedade. Ao discuti-las, para delinear as causas e direcionar as possíveis

---

<sup>125</sup> “Mandamentos Higiênicos”, publicado na revista *Eu Sei Tudo*, edição de outubro de 1926.

soluções para tais situações, acabou-se por construir um perfil do que seriam as funções maternas:

**I** – Cria os teus filhos. Se tens vontade e força, um ano. Se tens só força de vontade, seis meses ou mesmo três. Ajuda-te com a mamadeira e ela te ajudará.

**II** – Quem quiser ver o seu filho gordinho... dê-lhe um banho morno todos os dias.

**III** – Pensando a criação a miúdo, regulando as suas horas de mamar, medindo como lhe cresce a cabeça menos do que o ventre, passar-se-á em paz a tua vida de ama.

**IV** – Só conhecendo quando a criança chora por fome, por sede, por dor ou por mimo, terás direito a ser conselheira do medico, embora não a medique por tua conta.

**V** – Fazem mal á criança o barulho forte, a luz viva e as cores intensas. Verdade é que tão pouco aproveitam a ama.

**VI** – Não consistas em caspa na sua cabeça nem em parte alguma, não te fies que os dentes sejam causa oculta dos males do teu filho, pois frequentes vezes ocultam apenas a ignorância do medico.

**VII** – Tantos prejuízos vêm de que a criança mame pouco como de que mame com excesso: no primeiro caso, chora muito e dorme pouco; no segundo, chora e vomita em abundancia.

**VIII** – As papinhas não devem dar-se antes de seis meses, nem com caldo forte; com vinho nunca.

**IX** – Não aproveita á criança o leite de ovelha, nem de cabra, nem de burra, nem o leite condensado. O de vaca (de preferência) deve ferver-se, assim como a água com que se misture, juntando se-lhe um pouco de nata.

**X** – Tem a certeza de que a maior parte dos males da criança vêm sempre do desasseio e falta de paciência - dr. Pinilla.<sup>126</sup>

Vemos aqui a mulher sendo designada como conselheira do médico. A mãe deveria possuir intimidade com seu filho a ponto de conhecer-lhe todos os sintomas tanto de bem estar físico, quanto de ausência da saúde. Para uma mãe criar os seus filhos, era-lhe necessário, primeiro, hábitos saudáveis de acordo com os preceitos higiênicos e, em seguida, possuir muita paciência para o exercício dessa função que se desempenha apenas com amor. O decálogo resume, segundo dr. Pinilla, os dez passos eficientes no cuidado com os filhos pequenos e recém-nascidos, prevenindo a mortalidade infantil, originada, na maioria das vezes, da nutrição mal dirigida ou

<sup>126</sup> Decálogo publicado na revista *Eu Sei Tudo*, no mês de julho de 1919. Mantivemos a grafia do decálogo de acordo com o original.

imprópria. O médico insiste na afirmação, segundo a qual, entre os cuidados de higiene que as mães devem tomar, a alimentação infantil é o mais importante. É curiosa a referência à “ignorância do medico”. No entanto, ela perde o sentido de desrespeito quando se percebe que é feita por um doutor, que apenas lança uma suspeita difusa, e talvez retórica, sobre colegas, maus profissionais.

É notável no decálogo a preocupação com a alimentação da criança. Conforme observa Freire (2006), foi no terreno da alimentação infantil que a parceria entre mulheres e médicos se constituiu com maior eficácia. Na medida em que colocavam quantidades expressivas de artigos dedicados ao assunto, as revistas femininas ou endereçadas às mulheres afirmavam a centralidade da alimentação no universo da higiene infantil.

A revista *Eu Sei Tudo* usava o espaço dedicado às propagandas para formar novos padrões de comportamento referentes à medicação e à alimentação. A revista fornecia amplo material de propagandas terapêuticas, medicinais; artigos de profissionais da saúde, entre outras propagandas de utilidades domésticas que expressavam os apelos e demandas da época. Por exemplo, a propaganda do Laboratório Nutrotherapico – Rio, que diz o seguinte: “Debilidade, anemia. Ao bebê rouba a alegria, tira o viço juvenil. Quer vel-o forte, contente? De-lhe o remédio excelente, de-lhe o *TONICO INFANTIL*”.<sup>127</sup>

Vanadiol é outro produto divulgado como o melhor tonificante no ideal de robustez física. Ele fortificaria o corpo e combateria, com vigor, a fraqueza, a magreza e o fastio. Freire (2006) mostra em sua tese que esses discursos não se encontravam descolados do debate desenvolvido no meio acadêmico, em relação à mortalidade infantil. Havia uma preocupação em aconselhar as mães a procurarem, a todo instante, a robustez, representante da saúde dos filhos, porque ela indicaria uma infância mais saudável, o que influenciaria inclusive a preservação da nação.

---

<sup>127</sup> Propaganda retirada da revista *Eu Sei Tudo*, edição de março de 1929.



Figura 12 - Revista *Eu Sei Tudo*. Propaganda do Tônico Fortificante VANADIOL - O ideal de robustez física por meio de tônicos, pois eles contém vitaminas. Anúncio publicado desde as primeiras edições da revista (1918), que continuou a ser publicado nas décadas seguintes.

Nem sempre as propagandas se restringiam aos produtos farmacêuticos com fins terapêuticos. Elas anunciavam também produtos alimentícios como a “*Farinha Láctea Nestlé*”, um suplemento alimentar. Dessa forma, propunham-se novos hábitos alimentares com a introdução de alimentos artificiais na dieta da criança, os quais ajudariam no crescimento delas, tornando-as robustas e felizes. Analisando o marketing da indústria de alimentos, Suely Teresinha Amorim (2005) mostra como, desde o final do século XIX, quando a Nestlé fabricou o leite condensado na Suíça, a indústria de laticínios desenvolveu-se tecnologicamente, a ponto de, no início do século XX, haver uma profusão de leite em pó e farinhas lácteas. Os principais alvos desse marketing foram os médicos e as mães. Vale notar que, apesar de os médicos concordarem com o

fato de o leite em pó ser um avanço na vida das mães, ainda assim, incentivavam as mães a amamentarem, como vimos no decálogo das mães. Entretanto, como nos mostra Amorim, a Nestlé disseminou, com uma estratégia de marketing intensiva, a cultura dos leites industrializados, com o apoio da corporação médica. Todavia, não encontramos, nos exemplares de *Eu Sei Tudo* do período analisado, figuras de médicos ligados a esses produtos. No caso da propaganda de Farinha Láctea reproduzida abaixo, a mãe era quem deveria pedir as brochuras e amostras do produto à empresa.



Figura 13 - Revista *Eu Sei Tudo*. Propaganda de Farinha Láctea - Suplemento alimentar - melhoria dos padrões alimentares e reforço da alimentação das crianças. Anúncio também publicado nas primeiras décadas do século XX.



Repare na figura abaixo.

**CURE-SE E FORTALEÇA SEU FILHO**

**MUSTENIL**  
XAROPE  
(Aconito allium-belladona bromoformio louro cerejo) Poderoso específico dos bronquios. Tosses rebeldes-anginas gripe- resfriados- coqueluche e asthma. (Lic. 3004.)

**LACTOVERMIL**  
Polyvermicida 90 % mais eficaz que os vermicigos comuns. Usado pelo Dep. Nac. de Saude Publica. e receitado pela totalidade da classe medica do Brasil. (Lic. 408).

**LAXO PURGATIVO INFANTIL**  
Base manita (do maná). Unico no genero para crianças, é eficaz, tem sabor de assucar e não habilita o organismo. (Lic. 407).

**LEITE INFANTIL**  
FABRICADO EM S. PAULO E RIO

**PEPSIL**  
Tri-digestivo infantil (papaina-maltina-pancreatina-vitaminas). Poderoso auxiliar da digestão e corrector das perturbações na nutrição da criança (Lic. 3008)

**TONICO INFANTIL**  
(CONCENTRADO)  
(Sem alcool). Poderoso reconstituinte das crianças e unico no genero. (Iodo-tanico-arrhenoglycero-phospho-calcio-nucleo-vitaminoso). Sabor muito agradável. (Lic. 406)

**CREME INFANTIL**  
(Em pó dextrinizado). 14 variedades de farinhas, com digestão quasi feita. Os pacotes são acompanhados de conselhos muito uteis sobre regime alimentar e hygiene.

Todos os preparados trazem nos rotulos as fórmulas respectivas.

A' venda em todo o Brasil  
LABORATORIO NUTROTHERAPICO Dr. RAUL LEITE & Cia.  
Rua Gonçalves Dias 73 - Rio

Figura 14 - Revista *Eu Sei Tudo*. A responsabilidade dos pais (principalmente da mãe) no cuidado da saúde e na alimentação do filho. Propaganda publicada a partir da década de 1930.

A mensagem que a revista passava por meio das propagandas dos produtos alimentícios para a infância é a de que *a mamãe devia sempre estar atenta a esses produtos, pois eles eram indispensáveis ao desenvolvimento da sua criança*. A revista reforçava, por meio desses anúncios, a robustez física como condição essencial a um bom desenvolvimento e à beleza da criança bem alimentada. A indústria farmacêutica usava das referências à cientificidade para arrolar a comercialização dos produtos alimentícios. O leite infantil, fabricado e divulgado na propaganda, levava a um incentivo de mudanças de hábitos familiares, principalmente no que diz respeito àqueles envolvidos na relação mãe-filho. O contato da mãe com sua criança, tão valorizado na amamentação, não estava mais sendo valorizado. Introduziram-se outras possibilidades de alimentação infantil, as quais não dependeriam necessariamente da presença da mãe ou da ama de peito. Essas possibilidades seriam tão eficazes na alimentação das crianças quanto a alimentação do filho com o leite materno. O leite fabricado era muito mais

prático para as mães darem aos seus filhos, quando elas não dispusessem de muito tempo para amamentar. A família acabava incorporando não somente o leite fabricado na alimentação de seus filhos, mas outros comportamentos que vinham junto com esses produtos industrializados. Incentivava-se, por exemplo, o manejo e o consumo desses produtos (alguns apresentavam até mesmo regras de manipulação) em detrimento de uma alimentação baseada em produtos naturais.

A propaganda do *COMPOSTO RIBOTT* afirma se tratar de uma combinação científica de ferro, fósforo e outros ingredientes de incontestável valor, os quais a ciência médica havia descoberto. Tratava-se dos melhores elementos para curar as “desordens nervosas, impurezas do sangue, debilidade geral, desânimo, falta de apetite, etc.”.<sup>128</sup> Para falar do composto, a propaganda usava o princípio ativo desse elemento (phosfato-ferruginoso orgânico), reafirmando não ser o composto uma fórmula secreta. A sua fórmula completa aparecia impressa em etiquetas, de forma que qualquer médico pudesse confirmar seu benefício. A propaganda se refere ao ferro orgânico, que entra no *COMPOSTO RIBOTT* como o ferro mais assimilável, conhecido pela terapêutica moderna, o qual aumentaria rapidamente os glóbulos vermelhos do sangue, enriquecendo-os.

Por sua vez, na propaganda do medicamento *BI-UROL*, havia o destaque da nacionalidade de sua revelação: “Descoberto no Brasil – no princípio ativo do abacateiro”.<sup>129</sup> Foram colocadas várias figuras que ilustram as longas pesquisas de laboratório, as quais precederam a descoberta do princípio ativo do abacateiro. A propaganda trazia também a foto do prof. J. C. Cardoso, “lente”, ou seja, professor da Escola Nacional de Chimica, que havia feito a descoberta do princípio ativo do abacateiro, o qual era incorporado à fórmula do novo Bi-Urol. Esse medicamento era considerado um preparo absolutamente inofensivo, que agia diretamente sobre os rins, sem causar irritação ou outros distúrbios. “Elimina o ácido úrico que produz reumatismo, a gota, o lumbago, desinfeta e estimula os rins preguiçosos, fazendo-os voltar ao funcionamento normal”.<sup>130</sup> A propaganda apresentava uma simples receita, que estimulava o consumo do comprimido, como medida preventiva contra aqueles males.

<sup>128</sup> Propaganda retirada da Revista *Eu Sei Tudo*, edição de outubro de 1930.

<sup>129</sup> Propaganda retirada da Revista *Eu sei Tudo*, edição de fevereiro de 1928.

<sup>130</sup> Propaganda retirada da Revista *Eu Sei Tudo*, edição de dezembro de 1932

Tanto nas propagandas de medicamentos, quanto nas de produtos de higiene, a indústria farmacêutica se valia dos apelos de cientificidade vinculados aos produtos, dando-lhes aparência de veracidade e comprovação científica, portanto, tornando-os confiáveis para o consumo. Tanto em relação às propagandas, quanto em relação aos artigos de *Eu Sei Tudo*, vemos a divulgação da ciência como um prodígio audacioso, que fazia maravilhas. Entretanto, ao cientista não se atribuiu a mesma ênfase. Muitos artigos científicos não eram assinados, e, em muitas páginas, as descobertas foram divulgadas sem a menção do nome de seus descobridores.

Quando os textos da revista *Eu Sei Tudo* mencionavam doenças infantis, a ênfase recaía na sua profilaxia, como já foi mencionado acima. A profilaxia, na maioria das vezes, era em relação à boa alimentação, à boa respiração (a criança deveria estar em ambientes arejados, com o objetivo de buscar a pureza do ar respirado, evitando o contato com pessoas doentes), ao asseio e aos exercícios físicos. Um pequeno artigo, intitulado “A saúde das crianças e a residência”, usa dados estatísticos para mostrar as péssimas condições de vida de crianças que moram em aposentos pequenos e como essas condições habitacionais catastróficas contribuía para a progressiva degeneração da família. Esse artigo teria sido baseado em estudos feitos por um tal dr. Chalmer sobre a influência da habitação nas condições de vida das crianças. A conclusão desses estudos, de acordo com os dados estatísticos obtidos pelo dr. Chalmer, ressaltou que a mortalidade das crianças menores de cinco anos era de 16,6% entre aquelas que se encontram alojadas em habitações de um só aposento; de 12,6% entre as que habitam em casa de dois compartimentos; de 7,2% entre aquelas que moram em casas de três compartimentos e de 3,1% entre as que residem em casas com maior número de aposentos. O dr. Chalmer havia concluído que a porcentagem de mortalidade infantil está em proporção inversa à capacidade das casa em que as crianças residem. Portanto, a criança que vivia em um simples quarto teria quatro vezes menos probabilidades vitais do que a que reside em casa de quatro a cinco aposentos.<sup>131</sup>

Mas também havia, por parte da revista, uma preocupação com a profilaxia referente às doenças, consideradas mais importantes, da infância, tais como: verminoses, raquitismo, doenças respiratórias, entre outras. Na edição do mês de julho

---

<sup>131</sup> Parte do artigo publicado na revista *Eu Sei Tudo*, na edição de maio de 1930, p.36.



de 1922, um texto, divulgado com o título: “Devem ser operadas as amígdalas?”, trata do debate médico sobre os prós e contras das operações de extração das amígdalas em crianças e jovens. O texto traz resultados importantes do estudo de um bacteriologista, o dr. A. Keilty, que havia publicado o resultado de suas investigações a partir da análise das amígdalas de 2.388 operados. Por meio de seus estudos, o dr. A. Keilty concluiu que o risco de uma intervenção cirúrgica é insignificante frente ao perigo de uma enfermidade grave que poderia advir dos micróbios instalados nas amígdalas.

A revista tomava, como base para sua argumentação, estudos e resultados que teriam comprovado cientificamente as causas e conseqüências de várias doenças para, por meio deles, prescrever comportamentos e hábitos segundo novos preceitos higiênicos, que mudariam radicalmente o estado patológico das crianças doentes. Conseqüentemente, a vida dos pacientes deixaria de ser designada, como uma “tragédia biológica”, pelos médicos sanitaristas e higienistas naquele período. Os pacientes passariam, então, a viver a alegria sadia, tornando-se “verdadeiros enlevos do lar”.

O sono da criança também mereceu investimentos higiênicos por parte da revista. Um pequeno texto, publicado em 1927, com o título: “Em boca fechada...”, traz estatísticas de higiene que comprovariam que as pessoas que dormiam com a boca fechada alcançavam mais anos de vida do que as que o faziam com a boca aberta. Segundo o texto, um higienista alemão aconselhou as mães a acostumar as crianças à tão benéfica prática, prendendo-lhes, ao deitar, o oval do rosto com um laço de pano bem apertado, que, como é lógico, as obriga a manter fechada a boca durante o sono e a respirar pelo nariz. Esse novo hábito traria benefícios já que as crianças acostuariam aos poucos a respirar pelo nariz, fazendo-o normalmente e sem dificuldades mesmo durante o dia. Desse modo seria mais fácil evitar resfriado no peito produzido pela brusca entrada de ar frio nos pulmões e, conseqüentemente, a incorporação de micróbios que promovem enfermidade. Os micróbios ficariam detidos nas “estreitas paredes de conduto nasal”.

Esses discursos higienistas, baseados nas descobertas da medicina bacteriana da época e nos conhecimentos da puericultura, atacavam os problemas sanitários e sociais do período, propondo intervenções higiênicas urgentes. Assim, muitos deles acabavam sendo incorporados pela iniciativa estatal. Tratava-se de discursos que recorriam

também a princípios morais e apresentavam conselhos para uma higiene moralizada, como é o caso do exemplo citado acima, extraído do texto “mandamentos higiênicos”. A higiene das ruas, das casas, dos corpos e dos costumes era mais do que um saber científico, mas uma crença, uma convicção relacionada o fato de a doença estar associada à falta de higiene, tal como evidencia o estudo de Viviane (2007).

Portanto, a revista *Eu Sei Tudo* além de constituir-se em um importante mediador cultural nas primeiras décadas do século XX, contribuiu para a organização de uma sociedade saneada, por meio de discursos médicos dirigidos a família, principalmente a mulher, no sentido de modificar hábitos e comportamentos, no que concerne aos cuidados com a saúde.

## Considerações finais

Toda a história deve ter um começo e um final, ainda que ela possa continuar de outras formas depois. O objetivo principal desta dissertação foi perscrutar algumas facetas pouco visíveis do campo educativo em relação à mulher e à infância. Assim, procuramos delinear o discurso que a revista *Eu Sei Tudo* tornava público no período de 1918 até a década de 1930 e mostrar como ele alinhavava, baseando-se em fatores relacionados à cientificidade, a valorização da função maternal. A educação da mulher-mãe com base científica era, portanto, um elemento discursivo de destaque da revista *Eu Sei Tudo*. Logo, a revista fundamentava seus argumentos no discurso médico e na autoridade desse profissional para prescrever as formas de cuidado que as mulheres deveriam ter com a sua saúde e com a saúde de seus filhos.

Conforme observou Freire (2006), o discurso da maternidade científica, apesar de ter sido anunciado pelos médicos, emergiu da confluência de seus interesses comuns com as mulheres. No momento histórico em que a construção da nação adquiria papel central, as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial, que ocorreram nos principais centros do país, solicitaram, mesmo que por caminhos sinuosos, uma representação simbólica de mulher: a de “esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada”.<sup>132</sup> Uma das metas dos médicos higienistas foi submeter o universo familiar às solicitações da ordem urbana. A maioria das prescrições higiênicas visava a essa “reeuropeização” dos costumes e, portanto, visava à inclusão da família na estratégia de nacionalização, de acordo com Costa (2004).

Retratando a construção da modernidade, as revistas se tornaram um importante difusor de saberes médicos e higiênicos sobre os cuidados da mulher com a sua saúde e a de seus filhos. A reprodução desses saberes em artigos e propagandas da revista *Eu Sei Tudo* confirma o interesse das leitoras no assunto, que se expressavam em correspondências que enalteciam a revista e solicitavam orientações sobre outras questões. Mesmo sem maiores informações acerca dos articulistas e editores da revista, no primeiro capítulo, mostramos a circulação e o acesso que a ela tiveram leitores de várias partes do território nacional. O público alvo da revista foi caracterizado como

---

<sup>132</sup> RAGO, *op. cit.*, p.62.

feminino justamente pela quantidade elevada de imagens de mulheres nas capas – em torno de 65%, – e de artigos de moda, de consumo direcionado ao mundo feminino, publicados em cada edição. Além de atingir o público feminino, a variedade dos artigos me levou a considerar que havia um interesse por parte dos editores da revista em alcançar toda a família e cultivar o espírito sobre a nação que estava em construção, bem como sobre a potencialidade dos avanços da ciência, da tecnologia nessa construção e também no melhoramento da condição da vida familiar e social.

Esses textos permitiram ainda ver outras informações que estavam sendo veiculadas e entender a inclusão da ciência na cultura de uma forma mais ampla, visando ao desenvolvimento intelectual do povo brasileiro. Muitos dos temas relacionados à ciência eram apresentados como desmistificação dos mistérios colocados pela vida, em benefício da humanidade. A ciência era relatada como se fosse uma entidade própria com padrões diferentes dos que o senso comum utilizava.

Tomei como referência alguns estudos que debatem a relação entre cientistas e o público, buscando compreender seus diferentes significados. Tais estudos revelam que as divulgações de informações científicas implicam respostas diferenciadas por parte dos diferentes grupos sociais, dependendo da percepção de cada grupo sobre a ciência. Nesse sentido, considera-se que a compreensão pública da ciência depende mais de uma interação entre leigos e técnicos e/ou cientistas do que de uma transmissão didaticamente formulada e unidirecional dos dados alcançados, pois nem sempre o que os cientistas consideram relevante o é para as pessoas. Ao leitor, *Eu Sei Tudo* passava a imagem de que o cientista era a autoridade, o descobridor e o detentor dessa verdade. Os leitores eram levados não somente a conhecer as novidades da ciência, mas também a ver os cientistas como seres especiais que sacrificavam suas vidas em prol da humanidade. Assim, ao longo do primeiro capítulo, vimos que os conhecimentos científicos divulgados na revista eram apresentados como estritamente relacionados ao progresso do bem estar social e familiar dos sujeitos.

No segundo capítulo, constatamos que o papel desempenhado pela imprensa, na virada do século XIX para o século XX, foi determinante em um contexto em que a educação formal era bastante restrita, abrangendo apenas uma pequena parcela da população. Os jornalistas então eram educadores que sintetizavam conhecimentos e

repassavam informações a que a sociedade não teria acesso de outras maneiras. Daí a importância da utilização de revistas de variedades em estudos historiográficos, pois elas nos ajudaram a captar informações acerca da intencionalidade por parte dos editores de educar a população. A revista *Eu Sei Tudo* foi examinada a partir dessa perspectiva, e o seu exame revelou como esse impresso orientava as mulheres sobre o que seria ser mulher brasileira, de acordo com novos preceitos da modernidade. Vimos como a revista pretendia moldar o comportamento feminino com novas formas de vestir e de se comportar na sociedade. Várias orientações e prescrições acerca da imagem feminina foram endereçadas à sociedade brasileira, tomando certas características das mulheres estrangeiras como modelos de modernidade feminina. Nessa direção, nossa pesquisa lança luz sobre a interação que havia na construção da noção de mulher moderna e a construção da noção de modernidade no Brasil das primeiras décadas do século XX. A investigação também ilumina o modo pelo qual essas construções se articulavam nas representações femininas das imagens veiculadas pela revista *Eu Sei Tudo*.

A revista, insistentemente, publicou artigos que orientavam as mulheres em relação ao culto da beleza, o qual deveria ser feito sob os princípios médicos e higiênicos, e, nunca, tomado como objeto de sedução. Pretendia-se que a mulher tivesse um papel simultâneo na recepção e na transmissão de conhecimentos que eram direcionados a ela, de quem se esperava um envolvimento total e consciente nesse duplo movimento. Dessa maneira, ao serem educadas pela revista, ao receberem lições sobre a melhor maneira de cuidar de si, de serem boas mães e de organizarem a sua vida doméstica, as mulheres seriam preparadas para se tornarem educadoras com capacidade para atuar junto às suas famílias e às vizinhanças, promovendo mudanças comportamentais e de costumes.

Finalmente, busquei salientar como esses discursos dirigidos à mulher pela revista reverberavam o debate em curso naquela época, sobre o lugar das mulheres na sociedade e as relações de gênero. As revistas não possuíam apenas caráter normatizador, mas também apresentavam espaços para a apreensão da dualidade que estava presente na dimensão dominação/emancipação das mulheres. A análise dos dados de nossa pesquisa apontaram o reforço do argumento de Freire (2006) sobre

como as revistas possibilitam também a discussão das tensões nas relações sociais e novas abordagens, no sentido de negociações entre médicos e mães, sobre o cuidado das crianças como resultados dessas tensões. Nesse sentido, citamos aqui, por exemplo, o fato de os recorrentes discursos médicos serem endereçados prioritariamente às mulheres sobre a criação dos seus filhos. Tal fato demonstra a construção de uma aliança entre mulheres e médicos, e não estritamente uma situação de dominação.

No terceiro e último capítulo, desenvolvi uma análise que visava ressaltar a questão da beleza associada à feminilidade. Procurei mostrar que a preocupação com a beleza estética não se restringe apenas a nossa atualidade, mas já vinha de algum tempo atrás. Ao longo do tempo, cada cultura e época constroem a beleza de acordo com seus ideais. O próprio artigo “O culto da beleza”, publicado na revista *Eu Sei Tudo*, na edição de dezembro de 1921, ressaltava que, para os italianos, o belo era o que agradava; para os estetas de Corintos e Alexandria, a beleza era o equilíbrio das proporções e a harmonia das massas; os Romanos, por sua vez, preferiam formas regulares e nobres; os Bizantinos elevavam formas esguias e hieráticas. A questão da beleza foi construída, como destaquei, ao longo dos tempos, em contraponto à representação, que também se acentua ao longo dos tempos, em relação à repulsa pelas aparências consideradas feias.

Como salientamos ao longo do terceiro capítulo, as orientações quanto aos cuidados com a saúde e as dicas sobre beleza apareciam na revista diretamente ligadas aos saberes médicos. Esses saberes eram divulgados, muitas das vezes, mesclados com os rituais de beleza que seriam indispensáveis às mulheres. A mulher aprenderia lendo a revista *Eu Sei Tudo* que o cuidado com o corpo antecedia a aparência física; por isso, ela deveria ter o prazer de se cuidar. As mulheres eram levadas a crer que “a arte de saber se cuidar” embelezava-as ao mesmo tempo em que as ajudava na aquisição e na manutenção de um bom estado de saúde física e de uma agradável aparência. Assim, concluímos haver uma pretensão por parte da revista em “corrigir” os costumes da época, modelando-os aos novos por meio de argumentos modernos e científicos. Os manuais de boas maneiras e de medicina caseira foram ressaltados nesse capítulo, como modelos de padronização comportamentais, até mesmo pelas orientações que traziam. Existia uma preocupação especial em relação aos cuidados com a saúde, por parte da revista, principalmente em relação à saúde da mulher e das crianças.

Como havia mostrado Rago (1985), os discursos médicos nas primeiras décadas do século XX, encaminharam as mulheres para a vida doméstica, usando como argumento dois aspectos: o instinto natural da mulher e sua responsabilidade na sociedade. Ou seja, a mulher precisava entender que, além do instinto natural para ser mãe, essa função ainda lhe outorgava privilégios, uma vez que ela seria aquela que formaria moralmente os futuros cidadãos. Vimos que *Eu Sei Tudo* investiu consideravelmente nesse aspecto, tomando a ciência e a tecnologia como autoridade nas formações e conformações de novos hábitos, mesmo quando, em alguns artigos, percebemos certa inquietação dos responsáveis pelo impresso em relação a essa autoridade como verdadeira. Dessa forma, consideramos que a revista *Eu Sei Tudo* se colocou como mediadora na formação da mulher para os cuidados da saúde das crianças, orientando as mães quanto aos cuidados com amamentação, baseando-se em argumentos científicos que comprovavam que o leite materno era o melhor alimento para os recém-nascidos, além de proporcionar momentos de contato essenciais entre a mãe e seu bebê. Conforme vimos no terceiro capítulo, a revista orientava também sobre outros tipos de alimentação com maior quantidade de nutrientes, procurando interferir no comportamento das mães e prescrevendo atitudes para as mulheres, por meio da ajuda de médicos higienistas. A revista não divulgou, no período estudado, qualquer figura de médico especialista, mesmo porque poucos artigos eram assinados por eles. Mesmo assim, construía a figura do médico como autoridade na cura dos males da saúde.

A revista divulgou esses saberes científicos em artigos, propagandas e também em anúncios de livros que recomendava, com a intenção de cultivar ainda mais o espírito das mães no cuidado com os seus filhos. Entretanto, mesmo quando as mães eram confrontadas com os saberes divulgados pela revista, os quais se contrapunham às crenças populares no que se refere ao cuidado com os filhos, os médicos recorriam muitas vezes aos princípios morais, trazendo, por meio desses princípios, conselhos de uma higiene moralizada. Desse modo, parece-nos que a revista almejava transformar os hábitos higiênicos da mãe e fazer dela a base de uma família higiênica, assim como de uma nação saudável.

Entender porque os médicos pediatras, ginecologistas e outros especialistas no cuidado com a saúde da mulher e da criança foram deliberadamente omitidos pela revista é uma possibilidade de investigação que me permitiria entender o percurso da construção dessas figuras na revista *Eu Sei Tudo*. Mas essa questão ultrapassou as fronteiras dos objetivos estipulados para a pesquisa de que tratei nesta dissertação. Portanto, elas apontam uma boa questão para futuros estudos.



## Fonte

REVISTA *Eu Sei Tudo* – Magazine Mensal Ilustrado. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1918-1958.

## Referências

ALMEIDA, Jane S. de. Mulheres na educação: missão, vocação, destino? In: SAVIANI, Dermeval *et al.* *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

AMORIM, Suely Teresinha S. P. de. Alimentação infantil e o marketing da indústria de alimentos. Brasil, 1960-1988. *História: Questões & Debates*. Editora UFPR: Curitiba, n.42, p.95-111, 2005.

ANDRADE, Ana Maria R. O Cruzeiro e a construção de um mito da ciência. *Perspicillum*, MAST, Rio de Janeiro, n.1, p.107-137, nov. 1994.

ARAÚJO, José C. S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista *A Escola* (1920-1921). In: ARAÚJO, José C. S. & GATTI JR., Décio (orgs.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p.283-347.

BARROS, Henrique Lins de. A cidade e a ciência. In: MASSARAI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (orgs.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

BOTO, Carlota. *Escola e ciência; família e distração: a pedagogia portuguesa no ingresso do século XX*. *Educação em Revista: Revista da Faculdade de Educação - UFMG*, Belo Horizonte, Autêntica, n. 29, p83-85, jun. 1999.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceito e funções. *Ciência e Cultura*, São Paulo, n.37 (9), p.1420-1427, BR, set. 1985.

BUITONI, Dulcília Helena S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola., 1981.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e Imagem*. São Paulo. EDUSC, 2004.

CANDOTTI, Ennio. Ciência na educação popular. In: MASSARAI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (orgs.). *Ciência e público: caminhos da divulgação*

científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

CARVALHO, Carlos H. de.; ARAÚJO, José C. S.; NETO, Wenceslau G. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, José C. S. & GATTI JR, Décio (orgs.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p.13-67.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.179-192, mês? 1995.

CHASSOT, A. *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

DOURADO, Rosiane de Jesus. *As formas modernas da mulher brasileira (1920-1939)*. 2005, 149 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design.

DUARTE, Regina. “*Em todos os lares, o conforto da moral da ciência e da arte*”: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *Manguinhos*. v.11(1), p.33-56, jan.-abr. 2004.

FARIA FILHO, Luciano M. Na relação escola-família, a criança como educadora: um olhar sobre a Escola Nova em Minas Gerais. In: GONDRA, José G. *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

FERREIRA, António G. A higiene e o investimento médico na educação da infância. In: GONDRA, José G. *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

FONSECA, Thaís N. L. e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia G. & FONSECA, Thaís N. L. e. (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.49-75.

FREIRE, Maria M. L. *Mulheres, mães e médicos: discursos maternalistas em revistas femininas* (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). 2006, 336 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONDRA, José G. Higienização da infância no Brasil. In: GONDRA, José G. *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. *Caderno do Cedes/Centro de Estudos Educação Sociedade*, São Paulo; Campinas, v.23, n.59, p.25-38, Abril de 2003.

GOUVÊA, Maria Cristina S. & PAIXÃO, Cândida G. Uma Nova Família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidades em relação à infância (1930-40). In: XAVIER, Maria do Carmo. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p.345-363.

\_\_\_\_\_. A escolarização da “meninice” nas Minas oitocentistas: a individualização do aluno. In: VEIGA, Cynthia G. & FONSECA, Thaís N. L. e. (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.189-225.

HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

HILGARTNER, S. The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. *Social Studies of Science*, v.20, n.3, p.519-539, Aug. 1990.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-70)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KUHLMANN, Moysés Jr. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.469-96.

MAGALDI, Ana Maria B. M. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARQUES, Rita de Cássia. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revista em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2001.
- MARTINS, Ana Paula V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MILLER, Steve. Os cientistas e a compreensão pública da ciência. In: MASSARAI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (orgs.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira e & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ, 2005.
- MOREIRA e MASSARANI, L. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *Manguinhos*, v.VII (3), p.627-651, nov.-fev., 2001.
- MOSCOVICI, Serge. A representação social: um conceito perdido. In: \_\_\_\_\_. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NASCIMENTO, Cecília Vieira do. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher (1873/74). 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- NOVA, Vera C. *Lições de ALMANAQUE: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- OLIVEIRA, B. Imaginário científico e história da educação. In: VEIGA, C. & FONSECA, T. *História e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.101-128.
- PALHARES-BURKE, Maria L.G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno Pesquisa*, local de publicação, n.104, p.144-161, jul. 1998.
- PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, jun. 2005.
- PEREIRA, Júnia Sales. *História da pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX*. 2006. 211 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*.

ROCHA, Heloisa Helena P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1025)*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação escolar e higienização da infância. *Caderno do Cedes/Centro de Estudos Educação Sociedade*, São Paulo; Campinas, v.23, n.59, p.39-56, 2003.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKER, Peter (org.). *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SERPA, Leoní Teresinha V. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. 2003, 182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003.

SERRY, Hervé. Literatura e catolicismo na França (1880-1914): contribuição a uma sociohistória da crença. *Tempo Social*. São Paulo, v.16, n.1, p.129-152, jun. 2004.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre a doença na América Latina e Caribe*. Rio De Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.9, n.2, p387-404, maio-ago 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. Manifesto dos pioneiros de 1932: o direito biológico à educação e a invenção de uma nova hierarquia social. In: XAVIER, Maria do Carmo. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

VERGARA, Moema de Resende. *A revista brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República*. 2003, 234 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves & RODRIGUES, Rosana Nunes. A casa, a escola ou o trabalho: o Manifesto e a profissionalização feminina no Rio de Janeiro (1920-30). In: XAVIER, Maria do Carmo. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

VIVIANI, Luciana Maria. *A biologia necessária: formação de professores e escola normal*. Belo Horizonte: Argvmentvm; São Paulo: FAPESP, 2007.

WYNNE, Brian. Saberes em contexto. In: MASSARAI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA; Ildeu de Castro (Orgs.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira e & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ, 2005.